

Na Paraíba, 67 municípios mantêm lixões a céu aberto

Gestão correta dos resíduos, no entanto, avançou no Estado e hoje é adotada por, pelo menos, 70% das cidades. **Páginas 5 e 6**



Foto: Edilson Rodrigues/Agência Senado

O Novo Marco Legal do Saneamento Básico estabeleceu prazo para que os municípios brasileiros acabassem com os lixões e adotassem política de gestão correta dos resíduos

Foto: Teresa Duarte



Economia

Dia da Cachaça Paraíba produz mais de 200 marcas de aguardente de diversos tipos e se destaca nacionalmente pela qualidade do produto. **Página 18**

Cultura

Foto: Fernando Tomaz/Divulgação



O fenômeno Juliette Compositores e produtor falam sobre o álbum de estreia da paraibana, lançado batendo recordes de audiência. **Página 9**

Foto: Marcus Antonius/Arquivo



Turismo e preservação Estado deve lançar, ainda este mês, licitação para a elaboração de plano de manejo do Parque Estadual da Pedra da Boca, visando ordenar ações na área. **Página 19**

Entrevista



Foto: Divulgação

A missão da Funad Simone Jordão fala sobre serviços oferecidos e os desafios enfrentados. **Página 4**

RADAR ECOLÓGICO



Água potável é um bem cada vez mais raro no mundo

A exploração não sustentável tem feito reservatórios naturais secarem em várias partes do planeta. **Página 20**

Almanaque

Edson Ramalho, o homem que se dedicou à prosperidade

A história do militar, herói da Batalha de Monte Castelo, que hoje dá nome a hospital e avenida na capital. **Página 25**

Políticas

Agravamento da crise leva o Congresso a segurar reformas

Para parlamentares, a agenda econômica de Paulo Guedes deve ser escanteada de vez nas duas Casas. **Página 14**

Colunas

/// Somos habitantes dessa biblioteca, seres feitos de carne e osso, mas também de palavras, verbos, substantivos, a compor uma frase tentacular que nunca se completa. **/// Página 11**

Hildeberto Barbosa Filho

/// Walter Franco e Arrigo Barnabé foram, no espaço fora da Bahia, Paraíba e Pernambuco, as figuras de maior expressão quando o tropicalismo foi diluído. **/// Página 12**

Carlos Aranha

/// O coronavírus me isolou e me enfiou nesse jogo delicado de reformular a vida. Só sei que agora conheço melancolicamente a angústia do homem só. **/// Página 14**

Fábio Mozart

77
Conversa com o GOVERNADOR
NA RÁDIO TABAJARA FM 105,5
TODA SEGUNDA-FEIRA AO VIVO, ÀS 13H
facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba
Tabajara

Editorial

Não à barbárie

Chega um momento, na história de uma nação - quando fraturada e dividida por questões políticas, econômicas, religiosas e de outras naturezas -, que se faz necessário a construção de um amplo consenso; um pacto social, envolvendo, por exemplo, o poder público, a classe política, o empresariado e a sociedade civil organizada, de maneira a encontrar uma saída para o caos em que o país está mergulhado, com reflexos negativos para a comunidade.

Em situações como esta, é imperativo deixar de lado a demagogia e desconsiderar interesses pessoais ou relativos a determinados grupos sociais, em detrimento do objetivo comum a todos, que seria restabelecer as condições para o soerguimento socioeconômico do país. O bem-estar coletivo seria a bandeira a nortear este contrato público, que teria no diálogo o instrumento substancial para uma espécie de reconciliação das diferenças.

A maioria do povo da nação conflagrada precisa identificar de forma certa o centro nevrálgico da discórdia pública, da desestabilização das ordens política e jurídica e, por extensão, da desestruturação do sistema de forças produtivas e das relações de trabalho. No plano dos valores, é indispensável reconhecer a fonte de disseminação de ideias contrárias à verdade, à liberdade e à justiça, fatores essenciais para o desmonte das desigualdades sociais.

Não é tarefa fácil, mas é salutar para a mudança desse estado de coisas, que, de alguma forma, os apoiadores de um sistema ou de um líder que promova os desacertos da nação fragmentada tenham acesso a informações que lhes revelem que, ao contrário do que pensam, a saída da barbárie estaria justamente no contraditório. Neste, residiria o elemento capaz de quebrar o "encanto", desmascarando a farsa montada, por exemplo, pelos déspotas.

Por último, porém não menos importante, é indispensável o senso de consanguinidade. De amor verdadeiro ao semelhante e à casa comum; à terra de todos que é a pátria. Esta carece desta aliança progressista, para lograr desenvolver-se material, espiritual e politicamente, todavia, com vistas ao compartilhamento justo de suas riquezas, dentro de um ambiente solidário que permita o florescimento da serenidade, da alegria e da esperança.

Crônica

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Síndrome de Estocolmo coletiva

O wikipedia dá o significado da "síndrome de Estocolmo". É o nome normalmente dado a um estado psicológico particular em que uma pessoa, submetida a um tempo prolongado de intimidação, passa a ter simpatia, e até mesmo amor ou amizade, perante o seu agressor. O momento político nacional nos faz encontrar muita gente passando por esse quadro de perturbação mental.

Revela-se um desequilíbrio emocional que os afasta da realidade que oferece perigo. Admitem até as violências que lhes são aplicadas, na interpretação de que sejam um mal necessário. Algo parecido com esposas que sofrem agressões físicas e morais do marido, mas continuam a defendê-lo. Atitudes de subserviência inadmissíveis nos tempos de hoje.

Os alienados sofrem desse tipo de distúrbio. São convencidos de que não lhes resta outra alternativa de sobrevivência, a não ser submeterem-se às vontades dos opressores. Desenvolvem um sentimento de absoluta dependência, no entendimento de que na sujeição à opressão, reside a esperança de se livrarem de situações piores. Na compreensão de que se sentem desamparados, terminam aceitando a afirmação do velho ditado popular: "dos males o menor". Descartam integralmente a possibilidade de outras opções que possam oferecer-lhes ganhos de qualidade de vida. Firma-se então um vínculo instintivo, irracional, insensato. Não conseguem perceber potencialidade ameaçadora nos opressores.

Pequenos benefícios ofertados já são suficientes para a demonstração de

gratidão, esquecendo as consequências de decisões que lhes trazem prejuízos irreversíveis. O mundo passa a ser visto conforme a ótica dos seus comandantes. Enxergam neles uma falsa proteção, porque foram seduzidos por uma retórica que os faz acreditar nisso. Entendem que contrariar as ideias dos mandantes, aos quais decidiram se submeter, configura-se um ato de deslealdade. Recusam pensar por si próprios.

Boa parte da população está enfeitiçada por seus algozes, imaginando que eles têm a solução para todas as suas mazelas. É a "síndrome de Estocolmo coletiva". Adepta do dirigismo autoritário, deposita neles todas as suas esperanças e anseios. Essa é a doença de um povo que acha graça da desgraça. Que acredita em promessas e mentiras para não desenvolver esforços de reação diante dos desmandos e das injustiças sociais. Que aceita lideranças psicopatas, tornando-se cúmplice de suas arbitrariedades, ajudando-as a alcançarem objetivos

Boa parte da população está enfeitiçada por seus algozes, imaginando que eles têm a solução para todas as suas mazelas

espúrios.

Na "síndrome de Estocolmo coletiva" revelam-se devoção, idolatria e apatia para reagir. Prepondera o medo da mudança e da própria liberdade, porque se evidencia um sentimento de desesperança. Não está sendo fácil acordar essa parcela da população que se sente satisfeita em ser presa dos sequestradores de mentes. Mudar dá trabalho. Por isso prevalece a escolha de que é melhor ficar do jeito que está, influenciada pelo discurso de que com o sacrifício de agora, dias melhores virão, desconsiderando qualquer proposta que produza soluções disruptivas.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Estes Suassunas escritores

É difícil ser parente de gênio. Por isso, os grandes mestres não deixam sucessores no seu rastro, parece que todos morreram maninhos. Cadê Camões Filho? E Vieira Filho? Opa, este era padre. Mas padres também podem ter filhos, alguns são bem prolíferos.

Marcos Suassuna, médico, astrônomo, enxadrista e galista, escreveu um tratado geral sobre tudo - O Bón, a Quinta Força e Eu -, que explica e decifra muitos mistérios do mundo-universo, mas permanecem - Marcos e seu livro - conhecidos apenas pelos íntimos e esotéricos.

Por quê? Porque Ariano tomou posse do sobrenome Suassuna, como se morgado fosse. Marcos decifrava mistérios por telefone, como registra no Bón:

"Dr. Marcos, estou aflita. Minha filha está botando sangue pela boca e pela riqueza. Quero uma consulta para hoje à tarde."

Entendi tudo imediatamente. Minha resposta: 'Pode ficar tranqüila, o sangue da boca é uma fissura no seu seio e o sangue da riqueza é uma falsa mentruação,

por causa dos hormônios do seu leite."

Marcos se foi, às vésperas do São João de 2008, dia 15, mas ainda não nasceu para a posteridade, envoltado no sobrenome famoso. Dia 6 deste mês, foi a vez de João Suassuna Filho, também médico e escritor. Vejam essa passagem de "Outras Memórias e Histórias", em que o escritor premune o episódio em que seria arrebatado para a bem-aventurança:

"O redemoinho, de quando em vez, era grande e muito violento. O barulho que fazia dentro do mato era seco e assustador. Tínhamos medo de chegar perto dele e ficávamos numa janela, assustados e ao mesmo tempo magnetizados, atraídos e extasiados, com aquele espetáculo da natureza."

Um dia seremos todos arrebatados, ninguém vence a ventania caetana que arranca as folhas do mato e dos livros. Mas, enquanto o vento não vem, vamos ver os segredos das folhas dos tantos Suassunas, estes Marcos, João, Flávia e Natércia, nas tintas de Manuel, de Zélia e de Ariano - que até ele pode envolver-se nos seus próprios mistérios.

Um dia seremos todos arrebatados, ninguém vence a ventania caetana que arranca as folhas do mato e dos livros

Fotomontagem: Reprodução



Fotolegenda

Foto: Marcus Antonius



O pão nosso!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

UEPB oferece curso superior em Sistemas de Energias Renováveis

Serão 40 vagas na modalidade presencial, em Sousa, com 2.350 horas e duração de cinco a oito semestres

Sara Gomes
sara.gomes@epc.pb.gov.br

O mercado de energias renováveis, em expansão na Paraíba, tem aumentado a demanda por profissionais da área, graças à instalação de grandes empreendimentos no Estado. O novo cenário levou a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) a criar o curso superior em Sistemas de Energias Renováveis, no município de Sousa, de maneira a formar mão de obra qualificada.

Serão ofertadas 40 vagas na modalidade presencial, com 2.350 horas e duração de cinco a oito semestres. O edital do processo seletivo deverá ser publicado até o final de setembro. A meta da Secretaria de Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECIT) é abrir a primeira turma até o final de 2021.

Além da UEPB, o projeto conta com a parceria do Governo da Paraíba e Prefeitura de Sousa. A infraestrutura do laboratório e os servidores públicos serão custeados pelo Governo da Paraíba. Já a Prefeitura de Sousa realizará a reforma e manutenção predial da estrutura cedida pelo IFPB. À UEPB caberá a elaboração o projeto pedagógico do curso, além da concessão de professores de seu quadro, nos campi de Campina Grande, Patos e Catolé do Rocha.

O secretário Cláudio Furtado, da SEECIT, explica que a criação do curso superior em Energias Renováveis visa dar continuidade ao curso de tecnólogo oferecido na Escola Cidadã Integral, no município de Sousa. "O edital é aberto à sociedade civil, mas os alunos concluintes da Rede Estadual de ensino terão prioridade.

Nosso objetivo é oferecer um itinerário contínuo no período de cinco anos, formando mão de obra qualificada", declarou.

De acordo com o pró-reitor de Graduação da UEPB, Eli Brandão, o curso foi pensado a partir da necessidade de criar alternativas de produção de energia limpa distribuída, diante da crise energética que assola o mundo contemporâneo. "O Estado começou a investir em toda essa área do Sertão na energia solar, entre outras formas de energia, a exemplo da biomassa. Em virtude do desenvolvimento no Sertão, propomos a implementação de um curso superior", explicou.

A parceria entre Governo do Estado e UEPB tem sido importante no desenvolvimento de políticas públicas na área de Educação, Ciência e Tecnologia. "A UEPB e Governo do Estado já vem realizando várias parcerias, entre elas, a formação do quadro de professores do Estado e a questão de bolsas de iniciação científica disponibilizadas pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq). Deste modo, a UEPB é um patrimônio paraibano disposto a servir à comunidade, então, temos todo o interesse em contribuir para o desenvolvimento do Estado", concluiu o pró-reitor.

A parceria entre Governo do Estado e UEPB tem sido importante no desenvolvimento de políticas públicas em Educação, Ciência e Tecnologia



Foto: Secom-PB

O projeto de energias renováveis conta também com a parceria do Governo da Paraíba e Prefeitura de Sousa com o objetivo de formar mão de obra qualificada

+ Parque Eólico vai gerar cerca de 600 empregos

A Paraíba tem grande capacidade para geração de energia eólica. A partir disso, o governador da Paraíba vem trabalhando fortemente para atrair empresas. Tanto é que em abril de 2021 assinou o protocolo de intenções para instalação de parque eólico em Junco do Seridó e Santa Luzia.

O empreendimento proporcionará a geração de emprego e renda de cerca de 600 empregos, o desenvolvimento de regiões e impulsionamento da economia local.

O município de Sousa, por exemplo, tem se destacado na produção de energia solar para

consumo próprio. "O município de Sousa é conhecido como a Capital Solar e cada vez mais está atraindo investimento de empresas. O governador anunciou também que João Pessoa receberá a instalação de uma fábrica de painéis solares", exemplificou Cláudio Furtado.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

FIM DAS COLIGAÇÕES: GALDINO AFIRMA QUE PARTIDOS TÊM INTERESSE EM FICAR COM FUNDO PARTIDÁRIO MAIS ROBUSTO

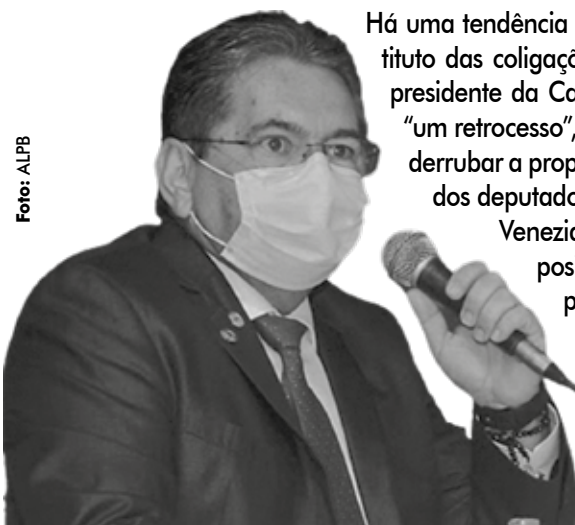


Foto: ALPB

Há uma tendência de que o acordo celebrado na Câmara dos Deputados, que aprovou a volta do instituto das coligações nas eleições do próximo ano, não seja mantido no Senado Federal. O próprio presidente da Casa, senador Rodrigo Pacheco (Democratas), para quem o retorno das coligações é "um retrocesso", tem feito campanha contra. E isso, obviamente, tem um peso político suficiente para derrubar a proposta. Nesta semana, ALPB realizou audiência pública para debater o tema - a maioria dos deputados é a favor das coligações. Na ocasião, os parlamentares pediram apoio ao senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB), que participou da reunião de forma remota, para que ele se posicionasse favorável à proposta, juntamente com a senadora Nilda Gondim (MDB). O presidente da ALPB, Adriano Galdino (foto), opina que os partidos que se posicionam contra a volta das coligações tem um interesse em especial: dividir o Fundo Partidário para um menor número de legendas. "A gente percebe que, por trás desse fundo ideológico que alguns colocam, existe o Fundo Partidário, que é a razão maior. Hoje temos mais de 30 partidos no Brasil e, com o fim das coligações, só vão existir no máximo dez. Logo, esse Fundo Partidário passaria a ser dividido por apenas dez siglas", argumentou Galdino.

MAIS DE 500 MIL

Muitas pessoas ainda tomaram a segunda dose da vacina contra a covid-19, o que motivou um apelo do governador João Azevêdo, no Twitter: "Mais de 500 mil pessoas não retornaram para tomar a segunda dose da vacina contra a covid-19 na Paraíba. Por isso, eu peço: complete seu esquema vacinal. Só assim poderemos evitar o aumento de casos da nova variante Delta".

OPERAÇÃO MANTIDA

Neste mês setembro, havia a possibilidade de que a Operação Carro-Pipa, que leva água aos municípios afetados pela seca, pudesse ser suspensa por falta de recursos. Porém, de acordo com o deputado Efraim Filho (DEM), o ministro do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho, assegurou R\$ 50 milhões para evitar que a operação fosse paralisada.

FARMACOLOGIA INÓCUA

Presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Luís Roberto Barroso voltou a rechaçar, não sem ironia, a declaração de Bolsonaro de que as urnas eletrônicas não são seguras: "O sistema é, certamente, inseguro para quem acha que o único resultado possível é a própria vitória. Como já disse antes, para maus perdedores não há remédio na farmacologia jurídica".

MOVIMENTO SUPRAPARTIDÁRIO

Petistas estão resabiados com a ideia de participar da manifestação de hoje pelo impeachment de Bolsonaro. E tem motivo: é organizado pelo Movimento Brasil Livre (MBL), que se posicionou a favor do impedimento de Dilma Rousseff, em 2016. Anísio Maia discorda. Para ele, independentemente de ideologias, o movimento tem que focar num objetivo: o fora Bolsonaro.

PEC CONTESTADA

A PEC 23/21, do Governo Federal, que prevê o parcelamento de precatórios, vem sendo contestada por especialistas, que a julgam inconstitucional. Pensa assim o economista paraibano Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda: "Se você não paga na data prevista no contrato, isso é um calote decretado em decisão unilateral contra indefesos credores". Prevê judicialização.

BOLSONARO É CAMPEÃO DE PEDIDOS DE IMPEACHMENT NA CÂMARA: 137

Os três antecessores de Bolsonaro - Lula (PT), Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB) - foram alvo de pedidos de impeachment. Mas Bolsonaro vence pela quantidade: 137 contra 37 e 68 dos petistas, respectivamente, e 31 do emedebista. Porém, nenhum contra Bolsonaro prosperou na Câmara. Nem sob a presidência de Rodrigo Maia (PSD) nem nesta, de Arthur Lira (PP).

Simone Jordão,
presidente da Funad

“A Funad tem a grande missão de ser referência no Estado da PB”

Fundação exerce um trabalho multidisciplinar no tratamento e acompanhamento de pessoas com deficiências auditiva, física, visual e intelectual

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

O Brasil celebra, no próximo dia 21 de setembro, o Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência. A data foi oficializada em 2005 através da lei de nº 11.133, mas antes disso, ainda em 1982, já haviam comemorações referentes a isso. O motivo da escolha do dia é simbólico

por conta da proximidade com o início da Primavera. Considerada a estação das flores, o período faz alusão ao nascimento e à luta das pessoas com deficiência.

Na Paraíba, a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad) exerce um trabalho multidisciplinar no tratamento e acompanhamento de pessoas com deficiên-

cias auditiva, física, visual e intelectual. Além disso, a instituição também atua no atendimento de pessoas com autismo. Em entrevista ao *Jornal A União*, a presidente da Funad, Simone Jordão, destacou as iniciativas da Fundação, os impactos em decorrência da pandemia e quais as expectativas e projetos para os próximos anos.

A entrevista

Como é a atuação da Funad no Estado da Paraíba?

A Funad é um órgão de referência de atendimento das pessoas com deficiências em todas as áreas, como visual, auditiva, intelectual, autista e também é o órgão de referência do Governo do Estado na articulação de todas as relações entre todos os outros órgãos do governo para que as políticas públicas aconteçam.

É uma referência não apenas na parte assistencial, como também colabora junto aos outros órgãos do governo para que as políticas públicas nessa área, das pessoas com deficiência. A Funad tem o papel de apoiar, junto com a Secretaria de Saúde do Estado, para que os serviços especializados funcionem. A formação de professores, pois também somos um braço da Secretaria de Educação, nessa área.

Desde quando a Funad atua na Paraíba e qual o objetivo da Fundação?

Em 2019 a Funad fez 30 anos de existência. É uma instituição que foi criada em 1989, mas passou a funcionar entre os anos de 1990 e 1991.

Desde o seu começo, a Funad tem essa missão grandiosa de ser referência no Estado. Quando ela foi instituída, há 32 anos, eram poucas as instituições do Brasil que atendiam a todas as deficiências. Nós tínhamos várias no país que atendiam a área visual, outras a área física, mas era tudo bem dividido. A Funad chegou, portanto, com o objetivo de atender todas as deficiências e também as pessoas com autismo, que apresentou

um crescimento maior de dez anos para cá e estão inseridas no atendimento da instituição. De forma muito ousada, com uma missão muito ampla, tanto na parte assistencial, quanto para impulsionar as políticas públicas no Estado na área de atendimento às pessoas com deficiência.

Ao longo desses 32 anos muita coisa mudou. No decorrer desse tempo, quais foram as principais conquistas?

As conquistas foram crescentes. A Funad ser habilitada em 2013 pelo Ministério da Saúde com CER IV (Centro Especializado em Reabilitação nas modalidades auditiva, visual, física e intelectual) foi uma delas.

Em 2019 criamos o Centro de Apoio à Pessoa com Deficiência, também desenvolvemos uma ação que foi interrompida, infelizmente, pela pandemia que é a triagem auditiva e visual escolar, com uma equipe visitando escolas para identificar crianças e adolescentes. Recentemente teve início a construção da Oficina Ortopédica, que está sendo também uma conquista histórica para as pessoas com deficiência no Estado, porque é a primeira oficina pública da Paraíba.

Além disso, o governador João Azevêdo também assinou, em 2019, um termo de parceria priorizando as pessoas com deficiência no acesso ao Empreender. Isso tem rendido bons frutos, porque nós tivemos, em plena pandemia, quase 280 mil reais destinados às pessoas que cumpriram todas as etapas. São várias ações

que a gente tenta articular dentro da própria estrutura do Governo.

Esse ano também estamos com uma parceria com o Senai na execução de um curso de confeitiro e padeiro com 32 vagas. Tivemos um número bom de inscrição e de pessoas de várias áreas de deficiências. É uma oportunidade muito bacana. Serão três meses de curso.

Com o Comitê Gestor Estadual, que é uma instância composta por secretarias e órgãos do Governo que tem como missão pensar as políticas públicas dentro da estrutura do Governo em parceria com a sociedade civil, pretendemos construir um plano estadual de inclusão das pessoas com deficiência.

E quais os principais desafios?

O maior desafio é a grande demanda que ainda temos. Apesar da rede de reabilitação dos municípios, que está em processo de expansão, a gente ainda tem muita demanda na Funad e ela é crescente. Somos demanda espontânea, então isso é um desafio muito grande. O número de pessoas com autismo é crescente, por exemplo. A gente necessita, cada vez mais, de expandir serviços para além dos muros da Funad. Essa missão ampla é muito desafiadora, porque ela passeia entre a área assistencial e a área de políticas públicas.

Qual a média de pessoas atendidas pela Funad?

Fazendo o atendimento sistemático, antes da pandemia, eram quatro mil pessoas



“Em 2019 a Funad fez 30 anos de existência. É uma instituição que foi criada em 1989, mas passou a funcionar entre os anos de 1990 e 1991”



– que iam toda semana à Funad. Fora aquelas pessoas que vão à instituição apenas para tirar um laudo, para fazer o diagnóstico com a equipe, para tirar a carteira de passe livre, para acessar o mercado de trabalho (porque temos um trabalho em conjunto com o Sistema Nacional de Emprego da Paraíba).

E quantos profissionais estão envolvidos nestes atendimentos?

Ao todo são 480 profissionais, contando a parte de assistência, de gestão, a parte administrativa, enfim, todo o pessoal da instituição. A parte assistencial envolve a maioria das pessoas, que são psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, entre outros, que são as pessoas que estão na assistência direta dos usuários.

Como as pessoas podem buscar os serviços da Funad?

Elas precisam telefonar para o 3214-7879 ou acessar o link específico de agendamento:



Até o QR Code acima, acesse o canal para agendamento

Quais os serviços da Funad?

Tem as coordenadorias específicas como a Cordi, que

é a Coordenadoria de Triagem e Diagnóstico; a Codei, de Educação Integrada; a Codam, de Atendimento à Pessoa com Deficiência Intelectual; a Codapa que é a Coordenadoria de Atendimento à Pessoa com Deficiência Auditiva; a Codafi é a Coordenadoria de Atendimento à Pessoa com Deficiência Física; a Codavi, que é a Coordenadoria de Atendimento à Pessoa com Deficiência Visual, a NAAHS - Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação, entre outros.

Quais foram os impactos da pandemia aos serviços e atendimentos da Funad?

Nós tivemos um impacto enorme, pois um grande número de pacientes tinha consultas marcadas e perdeu essas consultas, logo no começo da pandemia, ainda em março. O processo de acompanhamento terapêutico também foi muito afetado. De repente passar para o atendimento remoto, jamais uma modalidade vai compensar a outra. O presencial é muito mais rico. O grande prejuízo foi o atraso no processo de alta da Funad. Mas, as pessoas com deficiência também já são pessoas que vivem um processo de isolamento, então a pandemia intensificou isso ainda mais.

O que tem de perspectiva para os próximos anos?

Primeiro essa questão de redimensionar como podemos ampliar o número de ofertas de vagas. A questão das formações também é uma coisa que queremos

ampliar, para além da área de Educação Inclusiva. Nós temos hoje uma agenda de qualificação, mas precisamos ter uma agenda mais sistemática e pretendemos. A oficina ortopédica é o grande projeto que temos pro ano que vem, pois é um desafio enorme. A estruturação da escola, aprovada pelo Governo do Estado, em anexo à Funad, também trará uma grande demanda, pois terá uma estrutura maior do que a escola que já existe dentro da Fundação.

Quais os grandes eixos de atuação da Funad?

Educação, Saúde e Inclusão Social.

Como você percebe a importância da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que vem na tentativa de sanar, de alguma forma, todo o tempo de exclusão social das pessoas com deficiência?

A LBI foi sancionada em 2015 e, na verdade, reuniu um conjunto de leis que já existiam, de conquistas históricas, em relação às pessoas com deficiência, a exemplo da educação inclusiva, da Lei de Cotas, enfim... A gente ter uma lei que reúna e até amplie esses direitos foi uma conquista muito grande. Por exemplo, a questão da inclusão escolar, as escolas não podem rejeitar uma criança em função da sua deficiência. Criminalizar o preconceito em função da deficiência, atitudes capacitistas, né?! Na prática, temos inúmeros desafios, mas foi uma conquista muito importante.



PB ainda tem 67 cidades que descartam resíduos em 'lixões'

Destinação correta dos resíduos sólidos avança, mas ainda existem municípios que descumpre o Marco Legal do Saneamento

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Após mais de 10 anos da criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), a Paraíba conseguiu dar um salto na gestão correta do lixo. De acordo com dados do Ministério Público do Estado, o número de municípios que não descarta os resíduos sólidos nos famosos "lixões" saiu de 28, em 2018, para 156, este ano. No entanto, outras 67 cidades paraibanas ainda jogam os detritos em terrenos a céu aberto, descumprindo a PNRS.

Segundo a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), cerca de 10% desses 67 municípios não conseguiram cumprir o prazo previsto pelo Novo Marco Legal do Saneamento Básico (Lei nº 14.026/2020) para destinação correta dos resíduos sólidos, encerrado no último dia 2 de agosto.

"Diversos fatores estão relacionados ao descumprimento do prazo estipulado pelo Novo Marco Legal do Saneamento Básico, partem do

desconhecimento por parte da edilidade municipal, até a real falta de compromisso nas tratativas ambientais locais", declarou Itaberaba Cavalcante Junior, engenheiro ambiental da Sudema.

O engenheiro ambiental acrescentou que a "mínima

Meta

Cerca de 70% dos municípios paraibanos extinguiram os lixões, mas o objetivo é chegar a 100%

ação que esses municípios deveriam ter tomado era o encerramento dos lixões e a destinação correta dos RSU (Resíduos Sólidos Urbanos) municipais, ou a implementação de políticas, visando os cuidados com o meio ambiente e a saúde da população".

Sancionado pelo Governo Federal em julho de 2020, o Novo Marco Legal do Saneamento Básico se espelha na PNRS e aprimora as condições estruturais do saneamento básico no país, com normas previstas tanto para a gestão correta da água como para o descarte correto dos resíduos sólidos. O Novo Marco prevê a universalização dos serviços de água e esgoto até 2033 e viabiliza a aplicação de mais investimentos privados nos serviços de saneamento.

Entre outros dispositivos, a legislação trata da disposição final ambientalmente adequada dos resíduos sólidos, definindo prazos para os municípios cumprirem as normas. Ainda atualiza o marco legal do saneamento básico e altera alguns dispositivos legais, entre eles, a Lei nº 9.984, de 17 de julho de 2000, atribuindo à Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) competência para editar normas de referência para regulação dos serviços públicos de saneamento.

No dia 2 de agosto ven-



Em 2018, apenas 28 municípios paraibanos descartavam os resíduos sólidos adequadamente; atualmente são 156

ceu o prazo para que todas as capitais, municípios integrantes de Regiões Metropolitanas (RM) e de Região Integrada de Desenvolvimento (Ride) extinguissem os lixões. Mas este não foi o único prazo estabelecido para a gestão correta dos resíduos sólidos, existe um cro-

nograma destinado a cidades com outras características, sendo a data-limite agosto de 2024.

Segundo o Ministério Público do Estado, o avanço da Paraíba no descarte adequado dos resíduos sólidos está atrelado ao "Fim dos lixões", proje-

to desenvolvido pelo MPPB em conjunto com vários órgãos e entidades como a Sudema, a Federação das Associações dos Municípios da Paraíba (Famup), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), os gestores públicos e o IFPB.

Ainda falta um longo caminho

O procurador jurídico da Sudema, Daniel Lucena, explicou que os 156 municípios paraibanos que conseguiram descartar os resíduos sólidos em aterros sanitários ainda têm um longo caminho a percorrer para que cumpram todas as obrigações estabelecidas pela Política Nacional dos Resíduos Sólidos.

"Os municípios mencionados, portanto, realizam a destinação correta para os aterros, mas isso não quer dizer que eles cumprem todos os itens estabelecidos pela PNRS", frisou Lucena.

Segundo ele, os gestores dessas cidades ainda devem realizar outros procedimentos previstos na legislação. "Dentre elas está implantar educação ambiental e coleta seletiva no município, criar cooperativas de catadores e recuperar a área degradada do antigo lixão, entre outras", citou Lucena.

Avanços

O presidente da Federação dos Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, comemorou a evolução dos municípios com relação ao descarte do lixo. "Agora esses 156 municípios descartam os resíduos sólidos em aterros sanitários, que têm a licença ambiental para funcionar. Um aterro sanitário pode receber material de cidades pequenas, como o de Guarabira, que recebe a demanda de

outras 39 cidades, do Brejo e de parte do Litoral", explicou Coelho. De acordo com ele, nessa primeira fase do projeto "Fim dos Lixões", cerca de 70% dos municípios do Estado extinguiram os lixões, mas a meta é chegar a 100% das cidades.

Após a extinção dos lixões, os municípios vão precisar cumprir o próximo passo, que é tratar e tentar recuperar a área degradada onde eram depositados os detritos. De acordo com George Coelho, os gestores municipais têm cinco anos para que ocorra a recuperação das áreas dos antigos lixões.

O superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), na Paraíba, Dallys Henrique de Andrade Lima, explicou que o trabalho de recuperação das áreas onde funcionavam os lixões vai depender do tipo de solo de cada região. O Ibama é quem indica o tipo de tratamento mais adequado.

"A área precisa de um tratamento e a Paraíba é diversificada em vários tipos de solos. Em alguns, se colocarmos cal para acabar com o chorume; já tem solo que se usa o adubo sobre ele; e nos solos onde a ação dos resíduos foi mais agressiva é preciso colocar uma manta térmica e tentar reflorestar. Há situação em que o trabalho de recuperação pode demorar até 10 anos", declarou Dallys.

DATAS-LIMITES

Confira os prazos previsto pelo Novo Marco do Saneamento Básico para as cidades brasileiras se adequarem a gestão correta dos resíduos sólidos:

■ **Até 2 de agosto de 2021** – Fim do prazo para que as capitais, municípios integrantes de Regiões Metropolitanas (RM) e de Região Integrada de Desenvolvimento (Ride) extinguissem os lixões.

■ **Até 2 de agosto de 2022** – Data-limite de adequação para os municípios com população superior a 100 mil habitantes, segundo o Censo 2010, bem como para municípios cuja mancha urbana da sede municipal esteja situada a menos de 20 quilômetros da fronteira com países limítrofes;

■ **Até 2 de agosto de 2023** – Último dia para os municípios com população entre 50 mil e 100 mil habitantes, conforme o Censo 2010, se regularizarem.

■ **Até 2 de agosto de 2024** – Prazo máximo para os municípios com população inferior a 50 mil habitantes, conforme o Censo 2010, se adequarem.

Continua na Página 6

Tabajara em revista

DE SEGUNDA A SEXTA

das 14h às 15h

NA TABAJARA FM 105,5



Adeildo Vieira

Cintia Peromnina

RÁDIO
Tabajara
AM 1170 FM 105,5

EPC
EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

Projeto atua para implantar aterros sanitários na Paraíba

'Fim dos Lixões' prevê a atuação do MPPB junto às prefeituras para encontrar soluções para o problema do descarte de resíduos

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O projeto Fim dos Lixões foi realizado entre 2018 a agosto deste ano na Paraíba. No início das atividades, foi designado um grupo de atuação integrado pelos procuradores de Justiça Francisco Sarges e José Farias, bem como pelos promotores Raniere Dantas e o coordenador da Comissão de Combate aos Crimes de Responsabilidade e à Improbidade Administrativa (Ccrimp), Eduardo Torres.

Segundo o Ministério Público da Paraíba, na ocasião, ficou definido que o MPPB atuaria em conjunto com os prefeitos para encontrar solução para o problema dos lixões, apresentando uma proposta viável para todos os municípios e atuando de forma integrada com outros órgãos.

O projeto apresentou aos prefeitos Acordo de Não Persecução Penal (ANPP) no qual os gestores públicos se comprometiam a parar de enviar os resíduos sólidos aos lixões no prazo de um ano, e na assinatura de Termo de Ajustamento de Conduta, se comprometendo a recuperar a área degradada.

A promotora de Justiça, Fabiana Lobo, afirmou que além das cidades que extinguíram os lixões, o projeto ainda é um estímulo para que outros municípios também se adequem à legislação ambiental. Ela reforçou que a Ccrimp já ofereceu 27 denúncias à Justiça em relação aos prefeitos que descumpriram os ANPPs. "O que a gente destaca é que, em pouco mais de dois anos, tivemos um grande avanço nessa área e, com certeza, os gestores estão a cada dia mais conscientes que precisam dar uma solução a esse problema".

O procurador jurídico da Sudema, Daniel Lucena, decla-



Foto: Evandro Pereira

Criação de aterros sanitários é o primeiro passo para a extinção do descarte de resíduos sólidos a céu aberto; a fase seguinte é a recuperação das áreas degradadas onde anteriormente funcionavam os lixões

rou que algumas secretarias do Estado, como a Secretaria de Estado da Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente (Seirhma) e a secretária de Estado do Desenvolvimento e da Articulação Municipal (Sedam) também participaram do projeto visando, principalmente, à implantação de medidas para a correta destinação final dos resíduos sólidos municipais, como as Unidades de Gerenciamento de Resíduos Sólidos Urbanos (UGIRSU) e a elaboração dos Planos de Recuperação de Área Degradada (RADs).

Os municípios paraibanos que descumprem a legislação ambiental são fiscalizados e, dependendo da iniciativa e interesse da gestão municipal

em se adequar às normas, podem ser notificados ou sofrer penalidades mais severas.

Dificuldades

Um dos municípios paraibanos que não conseguiu cumprir o prazo do dia 2 de agosto previsto no Novo Marco Legal do Saneamento Básico foi Cajazeiras, situada no Sertão do Estado. O prefeito da cidade, José Ademir Meireles, explicou que qualquer que seja o município tem dificuldade de realizar o aterro sanitário conforme a legislação determina. Entre os obstáculos citados por ele está a falta de recurso para executar a obra.

Outro problema, segundo ele, é a manutenção do serviço. "O que é mais fácil de se fazer

nestes casos é uma parceria pública/privada. Entretanto, o aterro sanitário tem uma vida de funcionalidade. Ele não passa de 20 anos", frisou José Ademir.

O prefeito contou que, depois de participar de um seminário na Itália, conheceu o trabalho de uma empresa de tratamento de resíduos sólidos que transforma o lixo em energia. A partir daí, teve a ideia de tentar implantar um projeto semelhante na cidade e foi em busca de uma empresa brasileira.

"Atualmente, estou discutindo com uma empresa nacional para tratar dessa questão e ver a possibilidade de adotar o

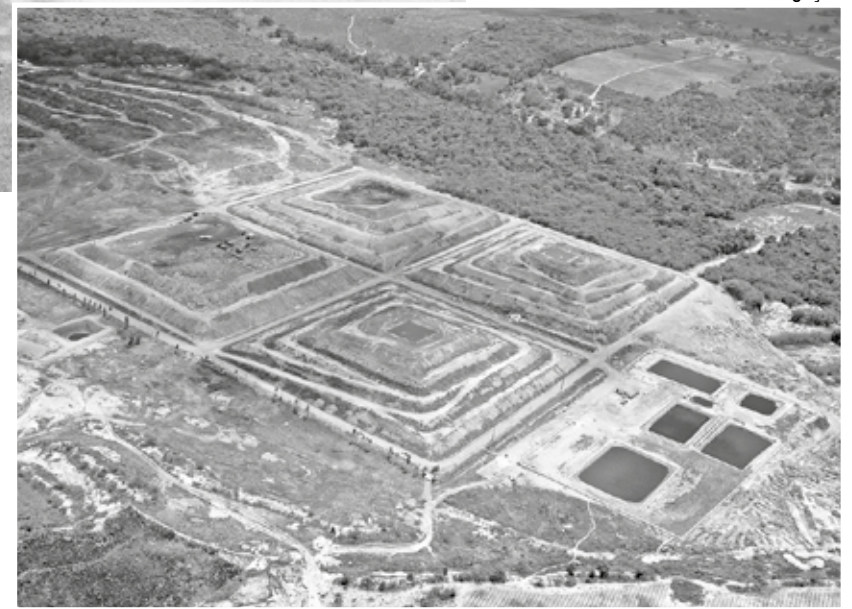
mesmo sistema no município. Isso porque, se ela se instalar, o custo para a prefeitura é zero, e ainda dará emprego e renda aos moradores, melhorando a economia local".

Segundo ele, as discussões sobre o tratamento dos resíduos sólidos em Cajazeiras estão ocorrendo periodicamente. Na pauta estão questões técnicas, jurídicas, ambientais, bem como a via-

Crime

MPPB apresentou 27 denúncias contra gestores que desrespeitaram o Acordo de Não Persecução Penal

Foto: Divulgação



Possibilidade de adiamento dos prazos

O presidente da Comissão Ambiental da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Paraíba (OAB-PB), Pedro Nóbrega Cândido, afirmou que o prazo vencido no último dia 2 de agosto para alguns municípios se adequarem ao Novo Marco Legal do Saneamento Básico pode ser prorrogado. Ele destacou que já há projeto tramitando na Câmara dos Deputados sobre essa possível prorrogação da data limite para o cumprimento da nova legislação.

Baseando-se no contexto histórico de outros momentos em que houve adiamentos, inclusive de normas da Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS), o advogado diz que a tendência é que a postergação seja efetivada. "O projeto do Marco Legal do Saneamento Básico é interessante, mas o prazo dele foi muito curto, e no meio disso houve uma pandemia. Isso justifica a inação dos gestores públicos, bem como os editais de transmissão para o setor privado não terem sido cumpridos", destacou.

O advogado frisou que no tocante à gestão do lixo, o Novo Marco praticamente espelha a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, que

existe há mais de 10 anos com sequenciais adiamentos, uma vez que poucos municípios a obedeceram. Isso porque, conforme o advogado, toda cidade que ainda tem lixão, está em desacordo com a PNRS.

Pedro Cândido explicou que os municípios menores, que fazem parte de Regiões Metropolitanas do Estado, geralmente não conseguem fazer sozinhos a gestão correta de seus resíduos sólidos, podendo firmar consórcios com outras cidades ou iniciativas privadas para fazer uma melhor administração do lixo. Segundo ele, a cobrança que se faz às cidades pequenas é "cruel, mas necessária".

"Cruel porque elas não têm capacidade econômica para fazer uma gestão de recursos sólidos nem de saneamento. O colapso financeiro é gigantesco. Ao mesmo tempo a cobrança é necessária. Então, como é que se faz essa simbiose de uma necessidade com a capacidade econômica?", indagou Pedro, acrescentando que o Novo Marco Legal trouxe com ele a possibilidade de a iniciativa privada fazer a gestão do resíduo sólido.

Mas de acordo com o advogado, essa possibilidade levanta outra

questão, que é a do interesse da empresa privada sobre o bem-estar coletivo. Ao fazer a administração dos resíduos sólidos ou do saneamento, esse investidor privado vai visar o interesse social ou apenas o capital? "O gestor privado vai equalizar o capital ou o interesse social? Como solucionar isso? A questão ainda é muito discutível e polêmica", ressaltou Cândido.

Diante dessas perguntas, o advogado afirmou que o Novo Marco Legal precisaria trazer mais segurança jurídica, uma vez que abre espaço para a atuação da empresa privada em conjunto com o poder público.

"Se o Marco transfere parte desse papel para o setor privado, já que muitos municípios não têm capacidade econômica, então nessas regras têm que haver segurança jurídica. Porque uma empresa privada que queira fazer um aporte financeiro de 30 anos, por exemplo, não pode ficar sujeita à mudança de um novo prefeito que queira rever as regras do jogo. A insegurança jurídica, que é um grande problema no Brasil, também afeta o Novo Marco Legal do Saneamento", advertiu.

ABETRE ALERTA: 337 CIDADES DESCUMPRIRAM PRAZO

■ No Brasil, existem 337 municípios integrantes de regiões metropolitanas que não conseguiram cumprir o prazo previsto pelo Novo Marco Legal do Saneamento Básico (Lei nº 14.026/2020) para destinação correta dos resíduos sólidos, encerrado no último dia 2 de agosto. Desse total, 185 cidades estão no Nordeste, região que concentra mais municípios com este tipo de pendência. O alerta é da Associação Brasileira de Empresas de Tratamento de Resíduos e Efluentes (Abetre), que se baseou no levantamento do Atlas da Destinação Final de Resíduos, elaborado pela associação. Depois da região Nordeste, a situação mais preocupante é a Norte, com 62 cidades; depois vem o Sul, com 50; o Centro-Oeste, com 29; e o Sudeste, com 11 municípios em situação irregular. E não são apenas cidades interioranas que não conseguiram se adequar às normas em tempo hábil. Três capitais ainda fazem a destinação dos resíduos sólidos em discordância com a legislação ambiental: Goiânia (GO), Teresina (PI) e Porto Velho (RO), utilizando lixões ou aterros controlados, que não seguem os padrões estabelecidos pelo Novo Marco Legal do Saneamento Básico.

"O Novo Marco Legal do Saneamento é uma legislação moderna, que trará uma evolução para o Brasil. O mais importante é fazer com que haja uma universalização no sistema de água e esgoto, para podermos erradicar os mais de três mil lixões que existem no país, porque isso é um dano ao meio ambiente", afirmou o presidente da Abetre em entrevista ao Jornal A União, Luiz Gonzaga. Ele salientou que um dos motivos pelo qual muitos gestores não se interessam em elaborar sequer os projetos para melhorar a gestão dos resíduos sólidos nas cidades é o fato desse tipo de serviço não trazer visibilidade ao administrador público. "Obra enterrada não dá voto, não é visível. Mas amanhã, quando o meio ambiente mostrar que estamos no caminho errado, os prefeitos terão dor na consciência, se é que terão", resumiu.



A rotina diária do profissional que cuida de pessoas é oferecer auxílio, dar suporte e orientar todos aqueles que têm necessidades de cuidados especiais no que diz respeito à locomoção, higiene pessoal, alimentação e comunicação

Cuidador: profissão que vai além do vínculo de trabalho

Famílias buscam o serviço para garantir a segurança e o bem-estar de entes queridos que precisam de atenção especial

Sara Gomes

saragomesreporteruniaio@gmail.com

Muitas famílias passam a precisar do serviço de um cuidador em algum momento da vida, seja para tomar conta de idosos, crianças, pessoas com deficiência ou até pessoas que precisam de cuidados especiais. Esse profissional, praticamente, passa a morar na casa de quem o contrata, fazendo com que a relação de confiança entre cuidador e família seja bem estabelecida.

Você sabia que existem profissionais especializados no cuidado de pessoas? A Acuidar João Pessoa é uma empresa de cuidadores que surgiu para atender a uma necessidade de mercado, oferecendo mão de obra qualificada e serviço de excelência em cuidado a idosos, crianças e adultos, no conforto de sua residência.

Cerca de 80% do público assistido pela empresa são idosos, que também oferece serviços a pessoas que precisam de cuidados no pós-operatório, adultos com alguma limitação, crianças especiais e saudáveis, além de gestantes, mulheres no pós-parto e recém-nascidos.

A fisioterapeuta e diretora da Acuidar João Pessoa, Jéssica Ramalho, informa que a equipe é treinada para as particularidades de cada público assistido. Para prestar um melhor atendimento ao cliente é feito uma visita prévia.

“Nessa visita, fazemos uma avaliação para entender a rotina do assistido, como é alimentação do idoso, se ele se alimenta sozinho, comida pastosa ou parenteral? Como é seu banho? O idoso é independente? Lúcido. Quais as atividades recreativas que gosta de fazer? Ele gosta de música, de jogar dominó? A partir desse diagnóstico, enviamos o cuidador que mais se adapta àquele caso específico”, exemplificou.

Para a diretora da Acuidar João Pessoa, um dos principais motivos que levam uma família a procurar uma empresa de cuidadores é ter a comodidade e segurança de que seu familiar está sendo bem cuidado.

“Todo cuidador passa por um processo seletivo rigoroso de análise comportamental, entrevista, prova prática e teórica. Ao saber disso, os familiares ficam mais tranquilos em deixar seu idoso ou criança na companhia do profis-

sional. Somos muito criteriosos em selecionar pessoas de confiança que vão entrar na intimidade da família” enfatizou.

Para ser cuidador de idoso, não precisa necessariamente ser técnico de enfermagem. No entanto, a empresa Acuidar da preferência aos técnicos de enfermagem

“Eliane tem o dom de cuidar porque tudo que faz é com amor, profissionalismo e dedicação. É um anjo de Deus que chegou em nossas vidas. Desde o começo, gostamos muito do seu trabalho”

porque são profissionais mais qualificados.

“Além de terem o conhecimento teórico durante o curso, os candidatos têm uma vivência prática nas clínicas e hospitais. Eles conseguem desempenhar atividades do dia a dia que são muito úteis na rotina do idoso que necessita para controlar sua glicose ou verificar pressão arterial, por exmplo”, explicou Jéssica

Ramalho, acrescentando que os cursos básicos de cuidadores, geralmente, têm duração de apenas três meses. “Os candidatos saem imaturos e acabam sendo reprovados na prova prática do nosso processo seletivo porque não sabem como proceder em casa de engasgo, queda e outros acidentes domésticos. E como lidamos com pessoas que necessitam desses cuidados, damos preferência a cuidadores capacitados”, diferenciou.

Amizade e confiança

A técnica de enfermagem Eliane Regis, 51, é cuidadora de idosos há cinco anos. Atualmente, toma conta de Ivanize Vasconcelos, uma aposentada de 90 anos, bem-humorada, amorosa, lúcida, que adora ouvir música, sair para passear e não dispensa um bom caranguejo.

Em pouco tempo de convivência, Ivanize e Eliane construíram uma relação de companheirismo, amizade e confiança, que vai além do vínculo trabalhista. “Somos muito ligadas, sou muito grata por esse encontro que a vida nos proporcionou. Antes da pandemia, sempre saíamos para almoçar com seus sobrinhos e algumas

vezes lanchar com minha família”, contou.

A idosa não teve filhos e seu sobrinho, Alexandre Stuckert, de 49 anos, foi quem assumiu a responsabilidade de acompanhá-la na velhice por considerar como sua mãe. E, junto com sua esposa, Anne de Souza Stuckert, 40 anos sempre administra as finanças a fim de proporcionar uma velhice confortável.

Na opinião de Anne, Eliane tem o dom de cuidar porque tudo que faz é com amor, profissionalismo e dedicação. “É um anjo de Deus que chegou em nossas vidas. Desde o começo, gostamos muito do seu trabalho. Ela nos informa sobre tudo que acontece na rotina de dona Ivanize, confiamos plenamente nela”, revelou.

A aposentada também conta com o zelo de outra cuidadora. Priscila dos Santos se reveza com a colega a cada 15 dias. “Eliane fica responsável por preparar a alimentação e Priscilla, por ser mais jovem, pela limpeza da casa. Como Priscilla mora longe ficou mais prático dessa forma. Mas se dona Ivanize precisar de algo, Eliane socorre. As duas se dão muito bem”, explicou Anne Stucker.

Função do cuidador é dar melhor qualidade de vida ao assistido

O papel de quem é contratado para cuidar de alguém é dar suporte à família proporcionando melhor qualidade de vida ao assistido. No entanto, a cuidadora Eliane Regis teve uma experiência negativa na sua trajetória, mas considera que tudo na vida é aprendizado. “O contratante me fazia extrapolar o horário do expediente e acumular funções. Além de cuidar do idoso, tinha que limpar a casa e cozinhar. Mas a idosa que eu cuidava era um ser humano maravilhoso, tivemos muitos momentos especiais juntas”, enfatizou.

Cuidadora de criança autista

A enfermeira Gabrieli Delfim, 38 anos, é mãe de Henrique Sousa, uma criança autista de cinco anos. Ela sempre teve sorte com cuidadora, mas quando precisa trocar de profissional, o período de adaptação é sempre muito turbulento.

A última cuidadora, Haixa Kyeve, descobriu sua vocação ao cuidar de Henrique, mas saiu do emprego para estudar psicopedagogia. “Haixa era muito dedicada e tinha muita vontade de aprender; meu filho desenvolveu bastante com ela. Fico feliz do meu filho ter marcado sua vida, ao ponto de escolher estudar psicopedagogia para ajudar outras crianças”, declarou.

Haixa e Gabrieli treinaram mais de 20 pessoas, mas apenas Maria Elaine da Silva encarou o desafio de cuidar de Henrique pois já tinha tido experiência com criança especial. Elaine está cuidando de Henrique há dois meses. “O período de adaptação foi delicado, mas hoje Henrique já confia em mim”, afirmou.

Na opinião de Elaine cuidar de uma criança autista requer atenção redobrada, mas também de grande aprendizado.

“Eles nos mostram o mundo através da perspectiva dele. Isso é muito genuíno. Henrique me ensina sobre paciência, confiança e respeitar seu espaço. Toda criança precisa de um tempo para se adaptar às coisas e com ele não seria diferente. Ele tem suas fases por isso é preciso saber entendê-lo para ajudar da melhor forma”, pontuou.

A enfermeira Gabrieli comenta que já trabalhou três expedientes para oferecer tratamento para o filho, pois uma criança autista necessita de atendimento multidisciplinar para obter resultados.

“Eu pago três mil reais por mês de plano de saúde para que meu filho se desenvolva cada vez mais. Hoje, Henrique só consegue receber tratamento

adequado porque o juiz emitiu uma ordem judicial solicitando que o plano de saúde dê cobertura a todos os profissionais que a criança precisar, antes ele só tinha direito a fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e psicólogo mas sabemos que uma psicopedagoga ou especialista em TO é fundamental para seu desenvolvimento”, afirmou.

Como o tratamento é muito caro e Gabrieli não pode acompanhar Henrique em toda consulta por conta do trabalho, Elaine é seu braço direito.

“Sempre oriento Elaine a observar se Henrique está rendendo na atividade que a profissional propõe. Ele está disperso? Se tem percebido evolução nele? Se a fonoaudióloga, por exemplo, precisou desmarcar uma consulta, então peço a cuidadora para anotar o dia e agendar uma reposição. Elaine são meus olhos quando eu estiver trabalhando, por isso, a relação de confiança e parceria deve ser bem estabelecida”, finalizou.

Alguém da família

O militar aposentado Anízio de Andrade, 92 anos, morava sozinho com os empregados, desde que ficou viúvo. Apesar de ser um idoso saudável, lúcido e proativo, ficou cego em decorrência do glaucoma. Preo-

cupados, os quatro filhos resolveram convidar Áurea Cristina Carvalho, uma amiga da família a quem o idoso tem muita estima. Ela vendia bolos e doces, mas aceitou o desafio de mudar de profissão.

“Eu sempre gostei de lidar com idoso. A família precisava de alguém para fazer companhia a seu Anízio e administrar sua rotina. Ele sempre foi muito independente, mas desde que ficou cego, os filhos redobram os cuidados, principalmente em relação à queda. Me sinto lisonjeada pela confiança depositada”, declarou.

Além da companhia de Áurea, Anízio tem um motorista, diarista e duas técnicas de enfermagem à disposição. “Eu cuido dele durante o dia e as técnicas de enfermagem se revezam à noite e no fim de semana.

A cuidadora Áurea acompanha o idoso desde as consultas médicas à caminhada no final da tarde, desde então construíram uma bela amizade. “Seu Anízio é um homem muito culto e sempre gostou de ler, então, leio todo dia para ele. Nós temos muita afinidade e nos divertimos bastante juntos”, contou. Os filhos do aposentado são muito presentes e dão todo suporte à cuidadora. Um deles, inclusive, mora no mesmo prédio.



Barra de Santana encanta por sua beleza natural e milenar

Paisagens típicas do Semiárido nordestino e turismo rural são atrações para praticantes de esportes radicais

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Uma cidade com uma natureza que encanta os olhos de quem passa por lá. Assim é Barra de Santana, com suas belezas de lajedos, cachoeira que, além de possuir o único cânion do Cariri paraibano e o Complexo arqueológico Pedra do Altar – com pinturas rupes- tres milenares – seus rios proporcionam lazer aos visitantes. Com paisagens típicas do semiárido nordestino, o turismo rural atrai praticantes dos esportes radicais como o rapel e trilhas que levam a mirantes, onde é possível desfrutar de uma vista excepcional de toda a zona urbana do município.

Com 27 anos de emancipação política e pouco mais de oito mil habitantes, sua povoação começou há milhares de anos pelos índios tapuias, responsáveis pelos registros encontrados em pedras da região. A chegada do 'homem branco'

só aconteceu no século 17, que logo construíram a capela de Sant'Ana, feita pelo padre Ibiapina; nessa época, seu nome era Vila de Bodocongó. Antes de se tornar cidade, Barra de Santana foi distrito de Cabaceiras e também de Boqueirão.

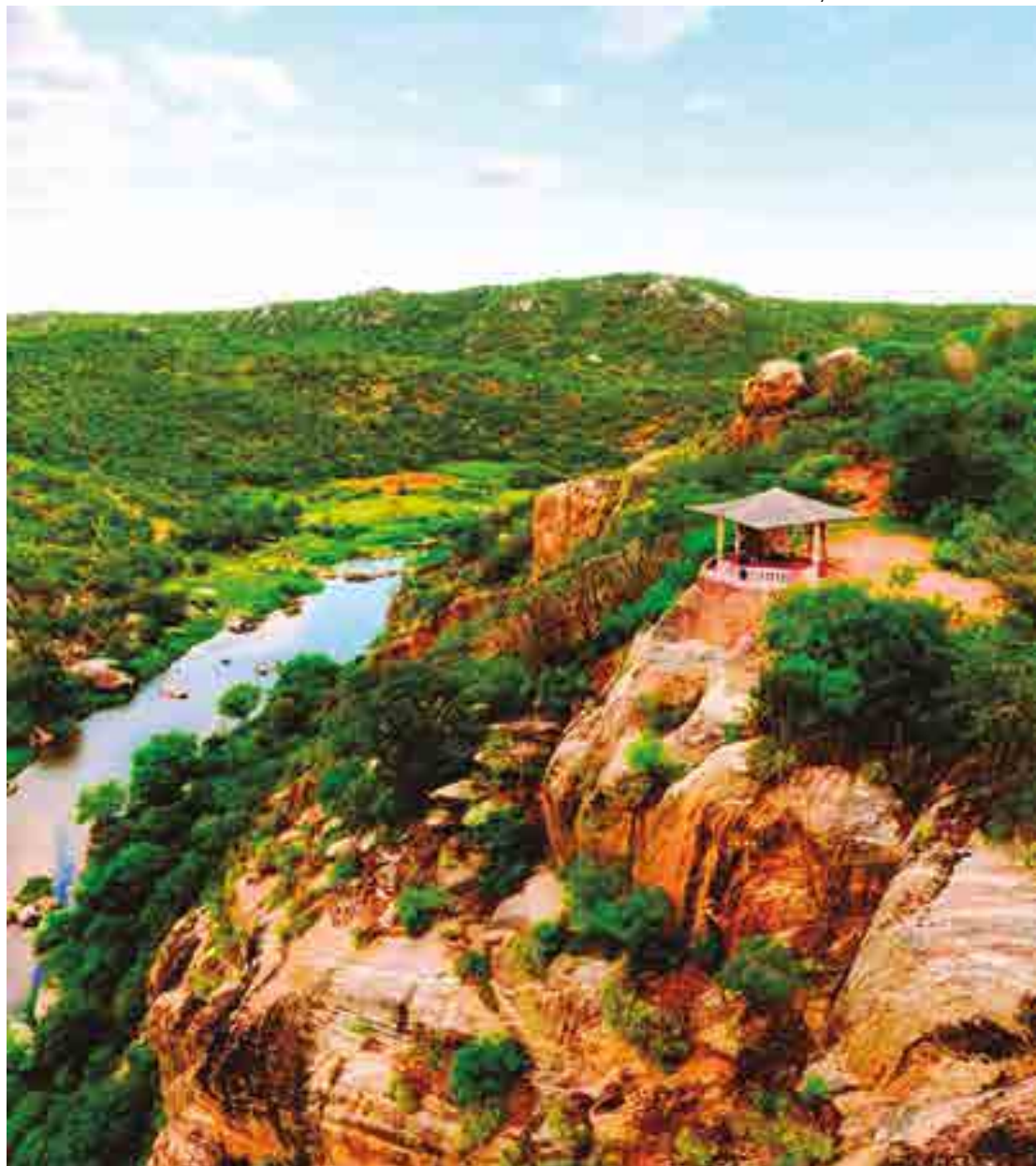
Com atrativos acolhedores e diversas opções de lazer pelos Rios Paraíba, do Feijão (ótimo para que gosta da prática de mergulhos) e Bodocongó, Barra de Santana tem ainda mais de 10 riachos. O principal deles é o Curimatã com seu encantador mirante e a escadaria da Estrada Velha. É o único cânion do Cariri paraibano.

“Temos um potencial muito grande para o turismo rural e estamos sempre aprimorando as estradas e caminhos que levam aos nossos pontos turísticos. Nosso município é pequeno, mas repleto de grandes paisagens do cerrado e caatinga. Memórias únicas para quem procura um fim

de semana de novas aventuras”, destaca o agente de desenvolvimento do município, Adriann Monteiro.

A fé católica faz parte da cultura dos barrasantenses e o Mirante de Santa Ana é um local de devoção onde os romeiros e turistas podem apreciar Barra de Santana a partir de uma vista única. Tem também o cruzeiro da serra de Inácio Pereira, onde devotos sobem para pagar suas promessas. A igreja matriz, que leva o nome dessa santa, é um templo centenário, onde a tradição se renova todos os anos para festejá-la como uma das padroeiras da cidade, junto com São Joaquim (o marido de Ana, ambos pais de Maria, a mãe de Jesus). A festa em homenagem aos padroeiros sempre acontece nos últimos dias do mês de julho, com semana cultural, shows em praça pública e a tradicional procissão pelas principais ruas da cidade.

Foto: Ascom/Prefeitura Barra de Santana



Município de Barra de Santana é conhecido pela beleza dos lajedos, cachoeiras e do único cânion do Cariri paraibano



Agricultura é a base da economia

Barra de Santana fica a 162 quilômetro da capital paraibana, João Pessoa. A cidade está localizada na Região Metropolitana de Campina Grande e na microrregião do Cariri Oriental. A maior parte de sua população mora em vilarejos da zona rural. A zona urbana está localizada às margens do riacho Bodocongó, um dos afluentes do Rio Paraíba.

Por ser um município rural, sua economia é voltada para criação de caprinos e bovinos. A agricultura é voltada para a plantação de milho e feijão. “Nossa intenção é transformar o turismo em fonte de renda para as famílias de Barra de Santana, fomentando nossos roteiros turísticos, com infraestrutura adequada em todos os locais, tornando a cidade mais atrativa aos visitantes”, explica Adriann Monteiro.

O município também foi palco da Revolta de Quebra-Quilos, que ocorreu no século 19. Uma rebelião de escravos que começou na cidade paraibana de Fagundes e recebeu adesão de vários outros grupos sociais e outros estados do Nordeste.

“Nossa intenção é transformar o turismo em fonte de renda para as famílias de Barra de Santana, fomentando nossos roteiros turísticos, com infraestrutura adequada em todos os locais, tornando a cidade mais atrativa aos visitantes.”

Adriann Monteiro
Agente de desenvolvimento

Foto: Ascom/Prefeitura Barra de Santana



Festa dos padroeiros acontece sempre no mês de julho com a tradicional procissão pelas principais ruas da cidade



Foto: Reprodução

Como foi criado o EP de estreia de Juliette

Compositores e produtor falam sobre a produção de um dos maiores lançamentos nacionais da história das plataformas de música na internet

Com respostas de positivas a moderadas da crítica especializada, o trabalho de estreia da paraibana pode apontar para um novo panorama do mercado fonográfico do Brasil

Foto: Fernando Tomaz/Divulgação

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A intérprete paraibana estreadante é o maior lançamento nacional da história das plataformas de música, cantando forró e baladas pop de compositores igualmente paraibanos e sem grande experiência no mercado. Em apenas uma semana, Juliette ultrapassa a marca de 12 milhões de reproduções apenas no Spotify, batendo todos os recordes de lançamento com o EP que leva seu nome, e que vinha sendo preparado antes mesmo de ela ter noção do fenômeno que se tornou após vitória no *Big Brother Brasil*, ou mesmo se ela gostaria de seguir a carreira musical. Com respostas de positivas a moderadas da crítica especializada, o trabalho de Juliette pode apontar para um novo panorama do mercado fonográfico brasileiro.

As duas músicas mais ouvidas são as que abrem o álbum. 'Bença' e 'Diferença mara' são ambas composições dos paraibanos Juzé - o Zé Neto do grupo Os Gonzagas -, e Dann Costara. Pessoense e proprietário de uma agência de publicidade onde trabalha na criação de *jingles* de lojas e para candidatos políticos nas eleições, Costara nunca teve uma composição sua gravada por nenhum outro artista, e viu sua música criada ao violão em um pequeno cômodo de sua casa enquanto assistia ao *BBB* ganhar o mundo. "Você conseguir estourar um *hit* logo de primeira, ser o número um do Spotify, uma das músicas mais ouvidas do mundo... nenhum outro artista gravou uma

música minha fora Juliette. Isso é assombroso", confessa o músico, que participava de uma banda de punk rock no início dos anos 2000 chamada Little Heads, seguindo um estilo de grupos como o Green Day e o Blink-182.

Já 'Diferença mara' foi escolhida para ser a canção a ganhar o primeiro videoclipe do EP. Com direção artística de Giovanni Bianco, que já trabalhou com Madonna, o clipe já ultrapassou o número de dois milhões de visualizações no YouTube apenas nas primeiras 48 horas. A escolha foi feita devido ao seu potencial pop e pela condição de tocar em todas as rádios, sem restrições de estilo. "É como se fosse uma música coringa e cabe em qualquer canto. O tema também é muito oportuno. Ela não tem um teor erótico ou vulgar, podendo ser cantada por uma criança, pode ser ouvida por um idoso, qualquer pessoa de qualquer idade ou lugar vai entender", explica o compositor Dann Costara, que não tem uma relação pessoal com Juliette, mas sua irmã foi sócia em uma empresa de maquiagem com a cantora paraibana. Ele conseguiu a atenção dos administradores das redes sociais da *ex-BBB* depois de ter escrito uma poesia que foi declamada por um conjunto de artistas mulheres e divulgado no Instagram, a exemplo de Elba Ramalho, Soia Lira, Duda Beat e Lucy Alves. "Isso me trouxe a facilidade de ser ouvido. A música foi selecionada pela equipe de Anitta entre mais de 200 músicas", lembra ele.

Anitta é a diretora artística do álbum e vinha preparando as mú-

sicas antes mesmo de a paraibana ter saído da casa do *reality show* televisivo da Rede Globo. Enquanto a então participante do *BBB* se envolvia em discussões com os adversários do jogo e disputava provas de resistência, Anitta e sua produtora, a Rodamoinho Records, escolhia o repertório e gravava ela mesma os vocais das músicas para apresentar a Juliette. Pouco antes disso, Juzé foi convidado pela equipe de administradores das redes sociais da futura cantora a trabalhar na carreira artística da paraibana, que já chamava atenção do mercado musical não apenas por sua voz, mas também por sua capacidade de vender rapidamente tudo que anunciava espontaneamente no programa. Foi assim que foi criado o EP inteiro, sem qualquer tipo de consulta à então advogada e maquiadora.

"Isso foi mais que uma intuição. A gente sabia das referências musicais que ela tinha antes do programa e sendo quem ela é, falando do jeito dela e passando pelo que passou. Foi uma certeza que ela iria se interessar pela linguagem rítmica das músicas que fazem parte do seu íntimo musical", justifica Juzé, que é um dos produtores do EP e compôs - além das já citadas 'Bença' e 'Diferença mara' - 'Sei lá', em conjunto com Carlitos e Isabelle Fernandes.

"Criar esse trabalho confiando na expectativa dela foi uma coisa mágica, porque a gente reuniu experiências de Anitta e do que ela entendia do mercado, da música, com o que a gente achou que Juliette gostaria", descreve o vocalista e compositor de Os Gonzagas. Ele entrou nesse projeto a convite de



Imagem: Divulgação

amigos em comum com Juliette, com quem o músico costumava se encontrar aos finais de semana de churrasco, cerveja e música. "Juliette nunca passava despercebida e sentava-se sempre próxima ao violão. Ficava pedindo música. Hoje a gente faz a mesma coisa, mas em outra casa, em outro lugar, com as mesmas pessoas", compara.

A grande virtude do EP, segundo Juzé, é trazer uma cantora que canta um sotaque original, que não precisou suavizar isso. "O álbum traz também uma modernidade na sonoridade que amplifica para onde a gente vai levar o estilo de música que Juliette se propõe a fazer. É uma sonoridade que amplifica o raio, a partir do momento que a gente tem uma antena tão grande como a Juliette. E a sua voz, que é uma voz linda, que as pessoas já gostaram antes de ela realizar um trabalho profissional. Agora está aí, a voz dela produzida, musicalmente pensada para chegar aos ouvidos das pessoas.

Foi Juzé quem ficou responsável por fazer toda a preparação musical e os ensaios para as transmissões

ao vivo que Juliette participou com Gilberto Gil, Elba Ramalho e Alceu Valença no mês de junho. Depois dessa série de apresentações virtuais, Juliette chegou a declarar que teria dado um passo maior que a perna. "Mas todo artista faz isso, e isso merece ser aplaudido por ter coragem de enfrentar os medos. Ela tem a humildade de que tem que percorrer uma estrada muito longa de aprendizado e experiência. Ela deu um passo maior do que a perna, mas ela não tropeçou", conclui o produtor e compositor.



Através do QR Code acima, acesse o videoclipe oficial da música 'Diferença mara'

Enredos vividos no 'BBB21' viram tema de músicas do disco



Conflitos vividos pela paraibana no programa renderam canções como 'Diferença mara', primeira a ganhar um videoclipe

Entre as seis faixas do EP *Juliette*, quase todas falam de amor e conquista romântica. As escolhas dos temas, dos termos e da musicalidade são reflexo do enredo vivido pela paraibana dentro da casa do *BBB*. É o caso, por exemplo, de 'Diferença mara', segunda do álbum e a

primeira a ganhar um videoclipe. Os conflitos vividos pela paraibana no programa, principalmente com os homens da casa com quem Juliette se aproximou de forma mais afetiva, mas sem sucesso ou repercussões mais íntimas, foi o que inspirou o compositor Dann Costara, que

via nesse infortúnio uma consequência das diferenças culturais entre os participantes.

"Algumas pessoas se aproximavam dela, como o Fiuk ou o 'Bastião' (Rodolfo), ficava aquele clima, mas depois eles desistiam. O relacionamento entre pessoas diferentes é muito legal. A letra é toda sobre opostos", conta ele sobre a letra que traz entre seus versos "Eu sou do Nordeste / ele é do Sul / Prefere rap / e eu sou mais Gadú". Costara relaciona a letra com a própria situação social do país tão dividido e polarizado. "Essa é uma música antipreconceito, antixenofobia e a favor da soma, da mistura, de experimentar coisas novas".

A questão do preconceito sofrido por Juliette, que sempre o enfrentou com orgulho de suas origens, é outra fonte de inspiração das músicas, a exemplo da 'Vixe que gostoso', que fecha o álbum e traz outro paraibano na composição. O *hitmaker* de

canções como 'Eu quero tchu, eu quero tcha' e 'Recairei' - um forró de piseiro dos Barões da Pisadinha -, Shylton Fernandes criou a canção em uma casa de praia com Diego Barão e Lucas Medeiros. A música é descrita como sendo um pouco xote, um pouco baião e ao mesmo tempo moderna. "É uma música que tem uma linguagem nordestina, fala de amor de forma tão linda e carinhosa, que tem uma produção musical incrível e que vai surpreender o Brasil e o mundo", aposta Shylton Fernandes, em *making of* da produção.

Anitta está presente também entre as compositoras das músicas do EP, assinando juntamente com Jefferson Jr e Umberto Tavares as faixas 'Doce' e 'Benzin', esta última uma canção romântica mais lenta construída para demonstrar os vocais da Juliette e criar uma conexão sentimental com o público. Já 'Doce' fez com que Anitta compusesse uma can-

ção de forró pé de serra, muito influenciado pelas músicas que Juliette cantava no programa, como 'Deus me proteja', de Chico César. Ao estilo tradicional nordestino, foram inseridos instrumentais mais modernos.

A quarta faixa do EP é 'Sei lá', música que já havia sido preparada para ser lançada pelo grupo paraibano Os Gonzagas, quando Juzé a mostrou para Anitta, que decidiu repassá-la para Juliette. A canção aposta em uma proposta mais de reggae e conta com a sanfona de Yuri Gonzaga, "costurando a voz da Juliette", como define Juzé. "Essa música chegou para mim através do meu parceiro de Os Gonzagas, sanfoneiro e compositor Carlos Henrique, que tinha essa música guardada, em parceria com Isabelle Fernandes. Quando ele me mostrou pela primeira vez no chão da minha casa eu disse: 'Essa música é linda e tem que tocar na rádio'", relembra Juzé.

Artigo | Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Incels

Entre 2010 e 2019, os EUA registraram 63 massacres com armas de fogo, que resultaram em 536 mortes. O número de ataques triplicou na última década. Até o mês de abril de 2021, 41 pessoas morreram vítimas de atiradores. Os massacres costumam acontecer em lugares públicos como escolas, igrejas e ambientes de trabalho. Os EUA são uma referência mundial nesse tipo de crime.

No Brasil, o número de massacres em escolas também vem aumentando. Em 2011, na cidade de Realengo, Rio de Janeiro, um jovem de 23 anos invadiu armado com revólveres a Escola Municipal Tasso da Silveira e matou 12 estudantes, deixando outros 22 feridos. A idade das vítimas variava entre 13 e 15 anos. Em 2019, em Suzano, São Paulo, dois ex-estudantes da Escola Estadual Professor Raul Brasil mataram cinco alunos, duas funcionárias e o tio de um dos assassinos. Em 2017, um homem colocou fogo em uma professora, em crianças e no seu próprio corpo na creche Gente Inocente, em Janaúba, Minas Gerais. Em 2021, outra creche foi atacada, mas dessa vez na cidade de Chapecó, Santa Catarina. Três crianças e uma funcionária acabaram mortas à facada.

Esses ataques não acontecem de nada. São planejados e costumam ter um razoável período de gestação. Um padrão, em alguns dos últimos massacres no País, é a ligação com grupos masculinistas como os *Chans*, que se reúnem em fóruns anônimos na internet. Nos EUA eles são conhecidos como *Celibatários Involuntários (incels)*, e são membros da nova direita norte-americana. Entre suas características mais marcantes estão a misoginia, o ressentimento e um sentimento de fracasso.

De acordo com a pesquisadora Debbie Ging, os grupos masculinistas surgiram em reação ao movimento feminista, em especial à segunda onda que ocorreu na década 1970. Apesar de existir uma fragmentação de correntes dentro do movimento, eles convergiram em torno da crença na supremacia masculina e na utilização de uma linguagem conservadora dos papéis sexuais que se sustentaria numa suposta superioridade natural. Os masculinistas dizem que os homens são vítimas de uma violência doméstica, que parece invisível aos olhos da sociedade, e que as mulheres gozariam de privilégios sociais injustos.

Os *incels* são uma vertente do masculinismo. Debbie Ging conta que se trata de um grupo *geek*, que enaltece determinadas características da masculinidade, como a valorização do intelecto em relação à emoção, ao mesmo tempo em que não valorizam aspectos sexuais e esportivos tradicionalmente associados aos homens. Mesmo se tratando de homens brancos, heterossexuais e com relativo capital cultural, se acham socialmente desprestigiados.

Os autores do massacre na escola de Suzano chegaram a anunciar previamente que fariam o ataque na página do Dogolachan. Nesses fóruns os frequentadores costumam dar dicas de como fazer massacres e outros crimes como agressão física, estupro, pedofilia, compra ilegal de armas e idolatrar assassinos. Para muitos deles o reconhecimento dos pares é uma meta a ser alcançada. Os autores desses massacres são comumente alçados à condição de heróis.

A relação entre os massacres *incels* e *chans* também pode ser verificada em outros países. O *chans* permitiriam aos *incels* construir uma comunidade *online* para ajudá-los a lidar com seus problemas sexuais, sem que tenham que revelar suas verdadeiras identidades. As sociabilidades no *chans* acontecem virtualmente, sem experiência de contato face a face. Com indivíduos escondidos atrás de avatares e *nicknames*.

Alguns estudos mostram como a cultura *incels* está associada à misoginia e a eventos violentos como os massacres. Os pesquisadores Jack Bratich e Sarah Banet-Weiser contam que George Sodini, que assassinou em 2009 três mulheres na Pensilvânia, dizia que foi rejeitado por 30 milhões de mulheres. Seus feitos foram motivos de aplausos no *4 Chan*. Curiosamente, George Sodini fez curso de sedução e era consumidor da pedagogia do *pick-up artist* Roissy, que se baseia na procura de ensinamentos em autores clássicos de técnicas de como seduzir mulheres.

Em 2015, depois dos tiroteios que aconteceram em Oregon, o FBI abriu uma investigação para estabelecer as relações entre os *chans* e os crimes de massacre. Muitos usuários dos *chans* se autointitulavam *betafags* e *incels*, e faziam louvores a assassinos. Além disso, estavam organizando uma campanha contra as mulheres que, segundo diziam, os privavam do sucesso sexual. Os *incels* se colocavam como “guerreiros da justiça social” e “machos alfa”.

Considerando essas questões, os massacres não devem ser tratados a partir da perspectiva do indivíduo isolado, ou serem reduzidos a problemas de patologia mental. É preciso pensá-los a partir de um ponto de vista sociocultural, na medida em que muitos dos atiradores estão inseridos na subcultura virtual dos *incels* e compartilham das mesmas concepções morais sobre o mundo, sentimentos de ódio contra as mulheres e minorias raciais (negros, judeus, etc.). Uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno deve partir dessa premissa. Como forma de evitar uma visão míope do problema.

Estética e Existência

Kleber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Imutabilidade do mau

Durante o século 16, a península itálica estava dividida em diversos pequenos estados, entre repúblicas, reinos e estados papais. As disputas de poder entre esses territórios era de grandes tensões políticas, isso forçou aos governantes contratarem mercenários a fim de obterem conquistas territoriais através de guerras. Naquele século, o pensamento do filósofo, historiador, poeta, diplomata e músico Nicolau Maquiavel (1469-1527) apresentou o perigo da divisão política da península itálica em vários estados, que estariam expostos ao domínio dos países da Europa. Nesse contexto, Maquiavel defendeu a centralização do poder político. O seu pensamento político consiste em promover a separação entre política e virtudes, a fim de manter a força do poder de Estado, e, também, do afastamento das formas puras e impuras de governo, estas resultantes de corrupções a partir dos interesses de alguns indivíduos ou grupos no poder, e nunca ao bem comum. Esse modelo ainda é aplicado como força destrutiva por vários países. Suas teses nos levam a entendê-lo como um defensor da falta de princípios morais e leis na política, em que “os fins justificam os meios”. A ética em Maquiavel afirma que somente as ações do governante passa a ser a manutenção da pátria, de forma que uma atitude não pode ser chamada de boa ou má. Diante disso, o Estado pode praticar todo tipo de violência, seja aos seus cidadãos e países. Ao mesmo tempo, o julgamento posterior de uma atitude não dependerá de qualquer avaliação histórica, porque o governante não pode esperar o melhor dos cidadãos ou que estes ajam segundo o que se espera deles.

Maquiavel utilizou o empirismo para escrever através de um método indutivo. Seus textos são conselhos construídos a partir das tensões políticas e não apresentam utopias. Ele desenvolve as próprias teses a partir da imutabilidade da natureza humana, por acreditar na impossibilidade de modificá-la, seja através das ciências humanas, da arte, religiosidade e espiritualidade. Maquiavel afirmou que todos cidadãos são maus e o único desejo de cada um é obter os próprios interesses. E quando existe o fazer o bem, isso é cumprido a fim de beneficiar a si próprio. Seus livros demonstram que esse princípio não se altera ao longo da

Foto: Divulgação



Para Maquiavel, o governante deve estar acima das leis

história, porque as civilizações e nações sempre agem nesse fundamento.

Maquiavel escreveu *O Príncipe* em 1513, mas só foi publicado no ano de 1532. Quando ele escreveu esse livro, pretendia adquirir confiança de Lourenço II de Médici (1492-1519), o Duque de Urbino, que lhe concederia algum emprego ou poder. Apesar disso, Maquiavel não conseguiu a atenção do duque e nem trabalhos. Esse livro trata de uma teoria política e descreve como se chega e mantém-se no poder. Ele apresenta 26 capítulos. Suas teses defendem a ideia de que o Estado forte depende de um governante indestrutível, e para que ele seja bom, deve-se ser repressivo, autoritário, imperioso e falsear as boas intenções e as próprias habilidades políticas. Essas são algumas características de um “bom príncipe”, mas faz-se necessário – o governante – disfarçar a bondade, a solidariedade, apesar de falsear-se ser extremamente religioso. Maquiavel também argumenta que não é necessário possuir virtudes e nem o interesse ao bem comum, porque o governante deve apenas manter as aparências, pois todo governante precisa de apoio da opinião pública e no momento de conflitos, os fingimentos ao bem-estar social se torna uma estratégia para manter-se no poder. Nesse contexto, o governante deve usar as religiões e a mentira como cimento para solidificar o próprio poder

absoluto, mesmo que seja um perverso. Isso o permite estar acima de todos, das Igrejas, das leis e do próprio Deus.

Maquiavel orientou como o governante deve se tornar indestrutível e dominar todos e usar da violência. Ele aconselhou que seja determinado o controle absoluto da cultura, e sugere que essa dominação seja transferida para grupos de sua confiança, geralmente religiosos, apesar de todo território e poder deve estar controlado por ele. Outro conselho de Maquiavel é falsear uma tolerância, mantendo-a conservadora. Se não for possível essa convivência, que sejam destruídas as instituições e a cultura popular. Nesse contexto, deve-se aplicar a regra: “Os fins justificam os meios.” Em Maquiavel, os interesses do governante e da sociedade de poder é o que interessa, e não o bem-estar social ou bem comum.

Os conselhos de Maquiavel exigem ao governante a habilidade de camuflar-se diante de todos, sabendo transitar entre a maldade da natureza humana e o animal selvagem abrigado em cada cidadão, na medida que o poder de governar... deve, assim como o leão e a raposa, saber fazer o bom emprego da força e da astúcia no momento necessário. Nesse contexto, as falsas virtudes – do governante – constituem-se em fazer uso do engano na própria ação, por ser o único mediador do Estado. Portanto, na falsidade, a maldade é a habilidade de impor o poder e esconder a dignidade humana e soluções das tensões da política.

■ Sinta-se convidado à audição do 335º Domingo Sinfônico, deste dia 12, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer o violoncelista catalão Pau Casals I Defiló (1876-1973). Casals construiu a paz entre países através da arte de interpretar o violoncelo. Ele representa a vitória da democracia contra os regimes autoritários para salvar a dignidade humana. O seu nome está imortalizado nos títulos de concursos e festivais internacionais de música erudita. Casals sempre recusou apresentar-se em países de governos totalitários. No exílio, ele usou o seu violoncelo para defender a democracia e para denunciar a loucura do autoritarismo político. Casals foi condecorado pela ONU.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A trompa é outra

Andei pensando em montar num Jumbo e explorar a coisa performativa das pessoas pós-pandemia, as malícias, mílicas e a intransigência com todo o caldo sociopolítico que resultará em algo inominável. Mas para isso preciso da ajuda do delegado Aldo Lopes, meu detetive favorito, que também é jornalista.

Qualquer pessoa que encarar a realidade que vive precisa correr riscos. Muitos. É verdade, a tromba é outra. O notável ventríloquo não se permite ao incômodo da repetição nem consegue se articular sem perder a noção de equilíbrio – no caso, sem a melhor ferramenta do ofício, o homem. A figura do ventríloquo está em toda parte, mas invisível. Os jogos eletrônicos o mataram.

O delegado Aldo Lopes tem essa mania de pegar a presa pelo cangote e não oferecer rancor em doses cavalares ao nos colocar contra a parede. Seu romance *O Dia dos Cachorros*, de 2005, não me deixa mentir. Aldo e toda récia de Princesa, superam o homem que amava os cachorros.

Pronto. Vamos imaginar que estamos num romance urbano atropelado pelos aspectos da estupidez, gente esperando pregada na pedra lascada ou radicada em olhares inteiramente descentralizados, olhares de piedade que deixam mais fria a narração, de uma neutralidade angustiante. Eu tenho medo desses performáticos milicianos.

Não está fácil desatar esse nó.

A originalidade e coragem da presidente da Academia Paraibana de Letras, Ângela Bezerra, é cada vez mais notável para disseminar o besteiro que está cravado nas patotas iletradas pb. Ângela não é só uma música, é uma ensaísta e escritora.

Os que embalam a trama dos derrotados, a alternância ao revelar conflitos inferiores, segundo o delegado Aldo Lopes, gera uma doideira desconcertante. Mas não passa disso.

Eu tenho visto muitas saídas nas postagens de W. J. Solha, na combinação dos discursos e imagens que trazem novidades em livros e filmes geniais. Só na impossível interseção entre os imortais, fica claro que Solha é tão maior quanto mais conectado dessa irreidade cotidiana – esta sim, múltipla e infinitamente mais complexa, mas Solha sabe onde galo cantou três vezes.

E por falar em Saramago, na insólita viagem de seu elefante chamado Salomão, que no século 16 cruzou metade da Europa, de Lisboa a Viena, por extravagâncias de um rei e um arquiduque, tal elefante, não chega aos pés do elefante de Carlos Drummond de Andrade – vejamos “Fabrico um elefante, de meus poucos recursos, um tanto de madeira, tirado a velhos móveis. Talvez lhe dê apoio, e o encho de algodão, de paina, de doçura. A cola vai fixar, suas orelhas pensas, a tromba se enovela, e é a parte mais feliz”.

Mudando de assunto, sou do tempo de passar bem longe do infeliz das costas oca. O delegado Aldo Lopes, quando era xerife do Condado de Princesa, montava seu cavalo até Jatobá, que era, na verdade, um elefante de marfim, ai de mim, ai de mim.

Eu adoro elefantes, mas tenho que mantê-los de costas, porque reza a lenda que dá sorte, mas sorte tem quem acredita nos livros, o verdadeiro sentido da arte.

Talvez a palavra não dita, mas que o domina, silente, é a memória, ou seja, nossa capacidade de lembrar corretamente o que vivemos, como seres mitológicos, sempre interessados em aprender para conferir.

Outro dia olhei para as incongruências e ambiguidades que vigiam umbigos de homens e mulheres na lembrança do retrato do Brasil atual, e fiquei pasmo. Faz pena.

Completamente açodado, o delegado Aldo Lopes me ligou dizendo, “Sr. K não publique essa tromba, antes que cheguemos a nos tornar mais completamente viciantes das flores do mal de Baudelaire”. Ué, que mal eu fiz?

Kapetadas

1 - Todo mundo que quer falar de política começa com “Eu juro que não queria falar de política”. Sei.

2 - Entre os políticos, o uso de máscara sempre foi obrigatório.

3 - Som na caixa: “Sobe cobra, a cobra tem que subir / Sobe cobra, mas ela não quer subir”, de Jorge Mautner.

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Faculdade Dulcina de Moraes fez parte de mim, em Brasília

No final de agosto, fez 25 anos da morte de uma das mais importantes damas do teatro brasileiro. Dulcina Mynssen de Moraes nasceu no estado do Rio de Janeiro, na cidade serrana de Valença, tendo como padroeira Nossa Senhora da Glória. Localidade rica em sobrados antigos e fazendas, outrora um dos centros mais importantes da cultura do café.

Conheci sua história de vida quando fazia o mestrado na Universidade de Brasília, entre os anos de 1992 e 1994. Estudava na UnB pela manhã e dava aulas de Artes Visuais/Cinema na Faculdade Dulcina de Moraes, à noite. Cursos que ministrávamos nos espaços superiores do Conic, entrando pela Galeria atrás do Teatro Dulcina de Moraes, no centro de Brasília. Onde vi pela primeira vez, o polêmico filme de Bertolucci *O Último Tango em Paris*, em um cinema ali existente.

Morava na SQN216, havia apenas umas três quadras até a L3 Norte, não muito longe da UnB. Apesar de possuir veículo, gostava muito de peregrinar algumas vezes até o Minhocão, onde ficavam as salas de aulas. Quando não, após deixar a esposa Lili na Defensoria Pública, onde tinha audiências, na W3, dava carona às minhas duas crianças, que estudavam no Colégio Santa Rosa, começo da L2Sul, passando pela Catedral Metropolitana. Um trajeto matinal que encantava meu casal de Alexandres, embora jamais comparado às suas belas destrezas sobre patins e bicicletas aos domingos, nos "Eixões" fechados aos domingos para o lazer e caminhadas dos cidadãos.

Quando não tinha aulas logo cedo na UnB, dava uma passadinha lá no amigo Lynaldo Cavalcanti, na ABIPTI, também na



Galeria da Faculdade e do Teatro Dulcina de Moraes no Conic, em Brasília

Asa Norte, para cuidar da redação e impressão, em xerox, do jornalzinho que editava da instituição. Foram prazerosos dois anos de muita distração e estudos na Capital Federal, mesmo num período tumultuado que foi o do "Fora Color!". Com faixas que encobriam parte do Conjunto Nacional e do Terminal Rodoviário de Brasília.

Como se vê, Brasília é formada por uma "sopinha" de letras e números, em tudo que são avenidas e blocos residenciais. Mas foi satisfatório vivê-la...

Pois bem, além da inusitada arquitetura urbana, que encantou a minha pequena Alexandra, quando lá chegou, muitos dos símbolos da cidade ainda continuam fazendo parte de nossas memórias: a ABIPTI, criada por Lynaldo ao assumir o CNPq em 1980, amigo a quem fizera assessoria de imprensa, quando reitor da UFPB; a

Universidade de Brasília, onde fiz o mestrado sob orientação do professor-doutor Pedro Jorge de Castro, cineasta de *Tigipió* (com o paraibano José Dumont); asidas ao Teatro Municipal e ao shopping do Conjunto Nacional; as lojinhas de CD e DVD do Centro Comercial da SQN-216, onde morávamos; enfim, a Faculdade Dulcina de Moraes, onde ensinei, licenciando-me, enfim, quando retornei à Universidade Federal da Paraíba.

Então, por que todas essas memórias? Não de me perguntar. Respondo sem pestanejar: em saudação à importante instituição de ensino superior Dulcina de Moraes, a cuja criadora e patronesse vimos homenagear nesse agosto passado. Mês que completa 25 anos de seu prematuro falecimento, em 1996. Mais "coisas de cinema", acesse o blog: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

'Mallarmaico' até a medula!

Alberto Manguel cita Balzac, logo na introdução ao livro *Encaixotando minha biblioteca*: "Uma obsessão é um prazer que atingiu a condição de ideia". E, mais adiante, já na "Primeira digressão", passa a palavra a Petrarca, que assim se expressa: "Sou perseguido por uma paixão inesgotável que até o momento não consegui ou não quis saciar. Sinto que nunca tenho o número suficiente de livros".

Isto foi escrito para mim. Tenho esta mesma paixão indomável pelos livros. Sou obsessivo na minha cerrada e contínua relação com eles e os muitos derivados de seus formatos, valores, autores, temas e assuntos. Portanto, tenho uma ideia. Aqui, quantidade e qualidade não se excluem. Ao contrário, convergem no sentido de atender aos apelos secretos da intensa volúpia de ter, ler e reler todos os livros possíveis.

Sempre que penso nisso, lembro de Charles Nodier, bibliógrafo francês que possuía mais de 600 mil livros e que costumava dizer: "(...) depois do prazer de possuir livros, não há outro mais grato que o de falar deles".

Perfeito!

Neste setor, sou *mallarmaico* até a medula. Acho que tudo deve se transformar em livro. Sou borgeano até o caroco. Acho que o universo nada mais é que uma estupenda biblioteca. Estamos sempre lendo e sendo lidos, pois somos habitantes dessa biblioteca, seres feitos de carne e osso, mas também de palavras, verbos, substantivos, locuções, adjetivos, advérbios, a compor uma frase tentacular que nunca se completa.

Se aprecio uma paisagem solta na cambraia da natureza, me vem logo à mente certa imagem ou certa descrição que colhi num determinado livro; se me é dado conhecer uma nova pessoa, penso logo nesse ou naquele personagem, quer de Flaubert, quer de Dostoiévski, quer de Cortázar, não importa. Há sempre personagens que me ensinam a lidar melhor com as criaturas humanas, conhecidas e desconhecidas.

Se curto uma daquelas dores da existência ou uma daquelas grandes alegrias da existência, pois a existência é assim, feita de altos e baixos na verdade de seu lugar comum, evoco, de logo, situações semelhantes que experimentei, não na vida real, que a vida real é também tão imaginária, mas naquele romance de Nabokov, de Philip Roth, de John Fante ou de Henry Miller, só para referir autores de língua inglesa que não desgradam de meu criado mudo.

Certos sons e certas melodias, tecidos ao acaso das manhãs, só valem para mim quando os depauro, agora arrumados no retângulo dos vocábulos, como instrumentos de ouro da música mais rara e dos poemas mais perfeitos. Poemas que residem na clareira iluminada dos livros de Pessoa, de Cecília, de Augusto, de Camões, de T. S. Eliot e de outros magos que fazem do verso uma insólita eucaristia de espantos.

Os livros são o meu único patrimônio. Neles encontro a beleza, a verdade, a justiça, o amor, o sonho, a terra, o mar, o céu, os deuses e a galeria imensa de seus elementos que me transmitem o aroma do infinito. Sim, porque os livros são coisas sagradas ao mesmo tempo em que são a certidão de batismo da vida, a mais refinada fotografia das sociedades.

Como Montaigne, não viajo sem eles nem na paz nem na guerra. Eles estão sempre comigo, mesmo quando estou fora da biblioteca. Tenho livros no quarto, no corredor, na sala de TV, na sala de visitas, na cozinha e no bar. Meu terraço em "L" está cheio de livros, minha casa é minha biblioteca, minha biblioteca é minha casa. Insisto: sou feito de palavras!

Não, não tenho muitos livros. Tenho muito poucos. Apenas, agora, pois mais tarde, devem chegar mais alguns, 20.289 volumes (títulos são mais, sem contar os jornais e as revistas). Meu desejo é ultrapassar a quantidade de Charles Nodier, se vida e pecúnia estiverem na graça de Deus. O resto é aproveitar a vida que me resta e ler, ler e tocar, coleccionar e reler, reler e comprar, comprar sempre mais, e nunca emprestar...



(Em tempo: a coluna de hoje é para Lúcia Maia, Francisco Gil Messias e Adhailton Lacet, que também amam os livros)



API cria Museu da Imprensa Wills Leal

Início deste mês, em João Pessoa, a Associação Paraibana de Imprensa (API) fez homenagem especial ao jornalista Wills Leal, criando o Museu da Imprensa com o seu nome. Bem posta a ideia de prestar tributo ao jornalista e crítico de cinema paraibano, falecido em maio do ano passado.

O homenageado, que era também membro da Academia Paraibana de Letras (APL), ocupava a cadeira 4 da Academia Paraibana de Cinema (APC), cujo Patrono é Péricles Leal. Durante duas gestões, com a parceria do vice-presidente da APC, cineasta e também jornalista e crítico de cinema Alex Santos, são os responsáveis pela criação da instituição de cinema da Paraíba.

Em cartaz

ESTREIAS

MALIGNO (Malignant. EUA. Dir. James Wan. Terror e Suspense. 16 anos). Madison (Annabelle Wallis) passa a ter sonhos aterrorizantes de pessoas sendo brutalmente assassinadas. Ela acaba descobrindo que, na verdade, são visões dos crimes enquanto acontecem. Aos poucos, ela percebe que esses assassinatos estão conectados a uma entidade do seu passado chamada Gabriel. Para impedir a criatura, Madison precisará investigar de onde ela surgiu e enfrentar seus traumas de infância. CINEPOLIS MANAÍRA 2: 13h40 (dub.) - 16h10 (leg.) - 18h45 (dub.) - 21h20 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h - 18h10 - 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h - 18h10 - 20h20.

CONTINUAÇÃO

AFTER - DEPOIS DO DESENCONTRO (After We Fell. EUA. Dir. Castille Landon. Romance e Drama. 16 anos). Embora a história de amor entre Tessa Young (Josephine Langford) e Hardin Scott (Hero Fiennes-Tiffin) tenha passado por muitas complicações, desta vez o problema é mais complexo do que nunca. Agora que Tessa tomou uma das decisões mais importantes de sua vida, tudo mudou completamente. Os segredos que vêm à tona sobre suas famílias colocam em risco seu relacionamento e seu futuro juntos. Embora a jovem saiba que Hardin a ama, os dois estão cercados de ciúme, ódio e perdão. Será que o amor entre os dois será o suficiente para manter seu relacionamento? CENTERPLEX MAG 2 (leg.) - 20h30; CINEPOLIS MANAÍRA 4: 14h15 (leg., exceto sáb. e dom.) - 16h40 (dub.) - 19h (leg.) - 21h15 (dub.); CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h10 - 16h30 - 19h - 21h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h10; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h10.

INFILTRADO (Wrath of Man. EUA. Dir. Guy Ritchie. Ação e Thriller. 16 anos). Um misterioso homem conhecido como Harry (Jason Statham) trabalha para uma empresa de carros-fortes e é

responsável por transferir milhões de dólares em dinheiro todos os dias pela cidade de Los Angeles. Um dia, quando tentam assaltar seu caminhão, o homem consegue se livrar do assalto utilizando habilidades impressionantes. Seus companheiros passam a questionar de onde ele veio e suas motivações para estar ali. Assim que o mistério envolvendo Harry se desenvolve, um plano maior é revelado. CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 19h30.

UMA NOITE DE CRIME: A FRONTEIRA (The Forever Purge. EUA. Dir. Everardo Valerio Gout. Terror. 16 anos). Adela (Ana de la Reguera) e seu marido Juan (Tenoch Huerta) vivem no Texas, onde Juan trabalha como ajudante de fazenda para a rica família Tucker. Juan impressiona o patriarca de Tucker, Caleb (Will Patton), mas isso alimenta a raiva e o ciúme do filho de Caleb, Dylan (Josh Lucas). Na manhã seguinte ao expurgo, uma gangue mascarada de assassinos ataca a família Tucker, incluindo a esposa de Dylan (Cassidy Freeman) e sua irmã (Leven Rambin), forçando as duas famílias a se unirem e lutarem enquanto o país se transforma em caos e os Estados Unidos começam a se desintegrar em torno deles. CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h20; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 19h50; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 20h40.

PATROLHA CANINA: O FILME (Paw Patrol: The Movie. EUA. Dir. Callan Brunker. Animação. Livre). O filhote Ryder e seus amigos têm um grande desafio: impedir o novo prefeito da cidade, Humdinger, de causar muitos problemas. Juntos e equipados com muita tecnologia, a Patrulha Canina luta para salvar os moradores da Cidade da Aventura. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 14h30 - 16h30 - 18h30; CINEPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h45 - 15h50 - 18h10; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45 - 16h - 18h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h30 - 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h30 - 18h20.

PEDRO COELHO 2 - O FUGITIVO (Peter Rabbit 2: The Runaway. EUA. Dir. Will Gluck. Animação. Livre). Bea, Thomas e os coelhos construíram uma família improvisada. Quando o coelho arto decide se aventurar para além do jardim, encou-

tra um mundo onde não é mais o protagonista rebelde e suas travessuras não são admiráveis. Agora, sua família arrisca tudo para conseguir achá-lo, enquanto ele encara uma jornada de autodescobrimento. CINEPOLIS MANAÍRA 4 (dub.): 13h30 (apenas sáb. e dom.).

O PODEROSO CHEFINHO 2: NEGÓCIOS DA FAMÍLIA (The Boss Baby: Family Business. EUA. Dir. Tom McGrath. Comédia e Animação. Livre). Os irmãos Tim e Ted, agora estão adultos e vivendo vidas separadas. Enquanto Tim construiu uma vida calma no subúrbio com sua esposa, Carol, e os filhos, Tabitha e Tina, Ted se transformou em um mega empresário que resolve todos os problemas com dinheiro. Mas quando Tim descobre que sua filha caçula também é agente do BabyCorp, ele precisará da ajuda do irmão mais novo para lidar com a situação. CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h20; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h20.

SHANG-CHI E A LENDA DOS DEZ ANÉIS (Shang-Chi and the Legend of the Ten Rings. EUA. Dir. Destin Cretton. Ação, Aventura e Fantasia. 12 anos). Shang-Chi (Simu Liu) é um jovem chinês que foi criado por seu pai em reclusão para que pudesse focar totalmente em ser um mestre de artes marciais. Entretanto, quando ele tem a chance de entrar em contato com o resto do mundo pela primeira vez, logo percebe que seu pai não é o humanitário que dizia ser, vindo-se obrigado a se rebelar e traçar o seu próprio caminho. CENTERPLEX MAG 4: 14h (dub.) - 17h (leg.) - 19h45 (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 14h - 17h - 20h; CINEPOLIS MANAÍRA 9 - MacroX: 14h30 (dub.) - 17h30 (dub.) - 20h30 (leg.); CINEPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h - 21h; CINEPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 13h30 - 16h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 20h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (dub., 3D): 14h - 17h - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h30 - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 17h30 - 20h.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Liniker lança primeiro álbum após trabalho com Caramelows

No disco 'Índigo Borboleta Anil', artista do interior de São Paulo atinge a maturidade cantando o amor-próprio

Daniela Casaletti
Agência Estado

Liniker está lançando o seu primeiro disco solo, *Índigo Borboleta Anil*. Ele está conectado com o presente – tanto em termos sonoros quanto em relação às ideias e aos sentimentos da cantora. Entretanto, os fios desse casulo foram trancados há mais de uma década, quase instintivamente, quando Liniker tinha 15 anos, muito antes de ela se tornar uma artista importante na cena preta e LGBTQ+.

Trata-se da canção 'Antes de Tudo', a segunda das 11 faixas do disco. Na letra, ela fala em voar. Avisa que perdeu o medo da chuva e partirá em busca de uma vida que até então não a deixavam viver plenamente.

A dançante faixa, com o característico groove da voz de Liniker, tem a participação da Orkestra Rumpilezz, com arranjos de sopro, percussão e regência assinados por seu comandante, o maestro baiano Letieres Leite.

"Por ser um trabalho autoral, era natural que eu pegasse uma composição antiga e a reformasse. Isso me dá uma sensação de liberdade artística. Era como se essa música estivesse em uma adega esperando o momento para tomar outro rumo", diz Liniker, em entrevista ao *Estadão*.

A escolha da requisitada banda Rumpilezz conecta Liniker com antepassados recém-descobertos por ela. Em conversa recente com seu pai, a cantora descobriu que seu avô é de Casa Nova, no Semiárido baiano. Tudo fez sentido. Inclusive, segundo ela, a forma calorosa com que sempre é recebida na Bahia – e sua predileção por passar períodos de folga por lá.

Assim como 'Antes de Tudo', Liniker assina sozinha outras oito canções do álbum. Outras duas ganham adesão de parceiros. Porém, sua marca como compositora se impõe, por mais que nos discos que



Assinando a produção do projeto, Liniker ressignificou a sua escrita e encontrou outros caminhos para falar de afetos

lançou ao lado dos Caramelows, projeto no qual ficou por cinco anos – *Cru, Goela Abaixo e Remonta* – ela já tenha exercido essa função.

"Esse é diferente. É um lugar de maturidade. Em vez de cantar para outros amores, nesse disco, canto o meu amor-próprio. É sobre mim. Resignifiquei minha escrita e encontrei outros caminhos para falar de afetos. Sou 100% eu, no agora. Estou feliz", afirma.

Esse movimento fez com que Liniker também assumisse a produção do álbum, função que ela divide com Gustavo Ruiz e Júlio Fejuca – este último, com quem ela trabalha desde 2019, quando fizeram o *single* 'Presente' para o canal internacional do YouTube *A Colors Show*, em um passo que a cantora deu para o seu trabalho ser conhecido no exterior.

Juntos, eles chegaram à sonoridade de *Índigo Borboleta Anil* que a cantora define como um disco de "preto". Nele, há *soul*, R&B, hip-hop,

samba, samba-rock e pagode. "É um disco de música preta, da nossa cultura. Das coisas que sempre ouvi no meu quintal. Fui entender a pluralidade desses ritmos e a quantidade de som que minha família me apresentou. Quero dançar em qualquer nota", diz.

Para referências além da família, Liniker chamou para o disco o cantor e compositor Milton Nascimento. Ele participa da faixa 'Lalange', uma reflexão sobre a vida de crianças pretas a partir de sua história pessoal e na omissão que resultou na morte do menino Miguel, de 5 anos, que caiu de um prédio no Recife, em 2020. Ou, como a cantora escreveu, o "menino que queria voar". A letra nasceu de um sonho de Liniker que a levou de volta para a creche em que estudou, em Araraquara, cidade do interior de São Paulo, onde ela nasceu, há 26 anos.

"Essa música é como se eu devolvesse algo para essa mãe. Não é a mesma coisa que seu filho, mas é chorar a dor junto

com ela. 'Lalange' é um ciclo. É algo que está no onírico, sobre uma criança que virou ancestral e com presença de um ancestral vivo e presente, que é o Milton", explica Liniker, que cita o compositor como uma de suas maiores referências artísticas, ao lado de nomes como Djavan, Elza Soares, Alcione, Aretha Franklin, Etta James, Beyoncé, Itamar Assumpção, Raquel Virgínia e Iza.

Na faixa, há a participação da Brasil Jazz Sinfônica, de São Paulo, com arranjos de cordas escritos pelo maestro Ruriá Duprat. A orquestra ainda está presente em outras quatro faixas do álbum. Em uma delas, 'Lua de Fé', a solista escocesa Jennifer Campbell toca harpa.

Mais distante do lirismo, está 'Baby 95', que foi lançada como um dos *singles* do álbum – faixa assinada em parceria com Mahmudi, Tássia Reis e Tulipa Ruiz. Com letra que mistura versos em português e inglês, ela começa em *rhythm and blues* e, já na parte final,

se encontra com o pagode dos anos 1990.

Tássia e Tulipa também estão no samba-rock 'Diz Quanto Custa'. A primeira, cantora de rap, em um solo. Já Tulipa está no coro da faixa que ainda tem *samples* do DJ Nyack.

Vitoriosa, um samba-erredo com sotaque paulistano, também com adesão da Jazz Sinfônica, funciona como uma catarse da própria Liniker pelo

caminho percorrido até chegar a esse primeiro trabalho solo. "Eu grito vitória para que a gente não perca a esperança no futuro, sobretudo pelo que estamos vivendo hoje. É um chamamento para nossa presença", diz.

O disco traz ainda uma faixa bônus, 'Mel', que preserva algumas conversas de estúdio, experimentação de sonoridades e Liniker se acompanhando no violão. A canção mostra que, apesar de todo o caminho que o disco percorre, com múltiplas sonoridades, banda, orquestra, ele nasceu do contato íntimo de sua criadora com o instrumento.

Tudo o processo levou, segundo Liniker, quase dois anos. Nesse período, que coincidiu também com o recolhimento trazido pela pandemia, tudo foi rearranjado. O lançamento foi adiado algumas vezes. "Esse tempo foi uma ferramenta imprescindível para o disco ser o que é. Um lugar de segurança em tempos tão inseguros", define a cantora.

Índigo Borboleta Anil terá diferentes capas para cada plataforma digital. Liniker, por enquanto, não pretende levar o álbum para os palcos, mesmo que isso já seja possível com restrições a serem cumpridas pelas casas de shows. Talvez ele seja apresentado em uma *live*. "Por enquanto, as pessoas podem dançar ouvindo-o em casa", diz a cantora que aprendeu que o tempo é seu aliado.

Imagem: Divulgação



Cantora define como um disco de "preto", com soul, R&B, hip-hop, samba, samba-rock e pagode

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Vanguarda de Walter Franco e Barnabé

Sempre tive obrigações sazonáveis com a memória do lado vanguardista da música popular brasileira (que hoje é arremessada numa esculhambação que nada tem de anarquista, mas de conservadora ao extremo, ditada por um mercado equivocado),

Minha obrigação sazonal deste setembro de algumas chuvas é lembrar que Walter Franco e Arrigo Barnabé (foto) foram no espaço fora da Bahia, da Paraíba e de Pernambuco, as figuras de maior expressão quando o tropicalismo foi diluído.

Walter Franco foi o menos "musical" (quando se conceitua música com determinados padrões de melodia e harmonia).

Poeta processual, bebendo um pouco no concretismo, Walter decidiu penetrar na linha de Caetano Veloso em seu antológico 'Araçá azul'. 'Cabeça' foi o exemplo típico da circulação de Walter na diluição tropicalista, com a pergunta-chave: "Que é que cê tem nessa cabeça, irmão?".

O que não provocou uma explosão maior de Walter Franco foi o não

acompanhamento de experiências semelhantes. Ele isolou-se, até desaparecer com a sofrida 'Canalha', por coincidência no momento em que a TV Tupi começava a morrer, em 1979. Quem apareceu, em ritmo de vanguarda sulista, na diluição do tropicalismo foi Arrigo Barnabé (foto).



Saindo do Paraná para São Paulo, Arrigo transformou-se no líder da vanguarda atuante na "pauliceia". Foi naquele festival da Tupi, em 79, que ele surpreendeu os telespectadores fiéis à MPB com sua anárquica 'Sabor de veneno'.



Foto: Divulgação

A carreira posterior de Arrigo – lançando coisas tão diversas como uma valsa dissonante ('Londrina'), o frankzappiano 'Tubarões voadores' e trilhas sonoras de alguns filmes (como 'Cidade oculta') – o consolidou como um dos músicos de extrema competência que o Brasil fez nascer.

Está cumprida mais uma das minhas obrigações sazonáveis musicais.

Gonzaguinha

Na primeira semana de março de 1991, Gonzaguinha veio a João Pessoa, não para shows. Ficou três dias no Sol Mar Hotel, na Ruy Carneiro, onde hoje funciona um colégio.

Desde 1980 que Gonzaguinha morava em Belo Horizonte, com a mulher e a filha. Deixara o Rio por não suportar a "extrema agitação" da metrópole. No final dos anos 1980, decidiu sair da capital mineira para morar aqui. Disse-me, por telefone, que BH – onde fazia um programa de rádio – estava tanto quanto o Rio.

Adorava João Pessoa e veio com privacidade para conhecer melhor a cidade e escolher um bairro que o agradasse, a fim de morar. Eu e o artista Unhandejara Lisboa fomos cicerones e o levamos a alguns bairros, menos na praia. Ele pois Gonzaguinha não queria residir no litoral. Gostou muito da área entre o lado sul do Espaço Cultural e a Beira-Rio. Existiam ali muitos terrenos não

vendidos, onde não começaram construções. Nos autorizou a conversar com proprietários e corretores de terrenos ou boas casas desocupadas, para começar a morar aqui em 1992. Faltou dizer: eu, ele e Nandi passamos uma tarde bebendo num bar da Torre.



Praticamente dois meses depois, aconteceu a tragédia que deixou em luto profundo a música popular brasileira.

Depois de uma apresentação em Pato Branco, já de madrugada, Gonzaguinha não quis dormir na cidade paraense.

Às 7h30 de 29 de abril de 1991, foi vítima de um acidente automobilístico enquanto dirigia o carro em direção a Foz do Iguaçu. Estava com 45 anos de idade.

Sei que, se Gonzaguinha vivo fosse, agora com 75 anos, começaria tudo outra vez.

Preconceito contra crenças religiosas ainda é realidade nos processos seletivos para empregos no país dificultando o acesso ao mercado de trabalho. Página 15



Foto: Fotos Públicas

Foto: Reprodução

Dos 223 municípios paraibanos, 162 não possuem arrecadação própria e devem ser prejudicados diretamente



Redução do FPM ameaça a sobrevivência de municípios

Maiores prejudicadas serão as administrações de cidades pequenas, cuja dependência dos recursos é maior

Iluska Cavalcante

cavalcanteiluska@gmail.com

De onde vem o dinheiro para a saúde, educação, e infraestrutura dos municípios? As arrecadações por meio dos impostos, e repasses pelo Fundo de Participação dos Municípios (FPM) é essencial para essa soma. No entanto, alguns gestores têm andado preocupados, com a possibilidade de perda no valor dos repasses.

Na opinião do presidente da Famup, George Coelho, os gestores serão prejudicados, principalmente os prefeitos de cidades menores. Os repasses e impostos são fundamentais para colocar em prática políticas públicas.

Recentemente votada na Câmara dos Deputados, o projeto que altera regras do Imposto de Renda, pode representar uma perda de mais de R\$ 231,4 milhões para os municípios paraibanos. Em todo o país, a perda chega a R\$ 9,3 bilhões anuais, sendo R\$ 5,6 bilhões no fundo de participação e R\$ 3,7 bilhões no imposto próprio dos Municípios.

Dos 223 municípios pa-

raibanos, 162 não possuem arrecadação própria e devem ser prejudicados diretamente. Dos 12 deputados federais da bancada paraibana na Câmara, 11 votaram a favor das novas regras.

Duas alterações ampliaram significativamente a perda dos Municípios: a manutenção do desconto simplificado do IRPF para contribuintes que ganham mais de R\$ 40 mil anuais e a redução da alíquota sobre lucros e dividendos de 20% para 15%.

Na opinião do presidente da Famup, George Coelho, a reforma traz prejuízos aos municípios. Ele comentou ainda que as mudanças não afetam a União, mas sempre os entes e criticou promessa do presidente da república, Jair Bolsonaro (sem partido). “O discurso de “Mais Brasil, menos Brasília” é apenas falatório, pois na prática a realidade é bem mais dura e difícil para quem está na ponta”, destacou George Coelho, presidente da Famup”, disse.

O Censo

O Censo Demográfico deveria ter sido realizado em

2020 e foi adiado para este ano devido a pandemia. No entanto, a pesquisa não ocorreu por falta de orçamento. De acordo com o Ministério da Economia, os recursos necessários para o Censo são de cerca de R\$ 2 bilhões.

A última contagem do Censo foi em 2010. Os dados populacionais do Censo são essenciais para os repasses do Fundo de Participação dos Municípios, além de servir de base para políticas públicas e pesquisas.

Arrecadação

O município é responsável por alguns impostos e taxas, sendo os principais o Imposto sobre Serviços (ISS) o Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), o Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) e a Taxa de Coleta de Lixo.

Além deles, a estrutura tributária inclui impostos de responsabilidade do estado (como o ICMS e o IPVA) e da União (como o Imposto de Renda, o Impostos sobre Operações Financeiras e o Imposto sobre Produtos Industrializados).

+ Cálculo do coeficiente do FPM

Além disso, a mudança nos coeficientes do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) para o exercício de 2022 também trará mudanças que pode prejudicar as cidades paraibanas. De todos os municípios do Estado, apenas Arara, no Agreste paraibano, terá um aumento.

O valor é calculado através do número de habitantes de cada município. Dessa vez, devido a suspensão do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o cálculo foi feito a partir das estimativas populacionais de 2021.

Segundo o IBGE, as populações dos Municípios foram estimadas por um procedimento matemático e são o resultado da distribuição das populações dos Estados, projetadas por métodos demográficos entre seus diversos Municípios.

O método baseia-se na projeção da população estadual e na tendência de crescimento dos Municípios, delimitada pelas populações municipais captadas nos dois últimos Censos Demográficos (2000 e 2010). As estimativas municipais também incor-

poram alterações de limites territoriais municipais ocorridas após 2010.

No entanto, na opinião do presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho, o método não substitui o Censo e pode estar prejudicando alguns municípios. “Eu acho isso muito triste, porque só com o Censo podemos definir a realidade dos municípios. Muitos cresceram, mas os recursos diminuíram”, comentou.

Ainda segundo George Coelho, o aumento do FPM não condiz com a realidade dos municípios paraibanos. “Temos muitos municípios que tiveram uma alta populacional nos últimos 10 anos muito grande e eles estão sendo penalizados por não haver um Censo”.

Alguns municípios paraibanos estão a poucos habitantes de conseguir um aumento no coeficiente. É o caso de Araçagi, faltando apenas 124 habitantes para a mudança. Outras cidades como Lucena, Mogeiro, Mulungu, Princesa, Umbuzeiro e Juru estão a apenas 500 habitantes do aumento.

Foto: Reprodução GoogleMaps



Contagem

Alguns municípios paraibanos estão a poucos habitantes de conseguir um aumento no coeficiente. É o caso de Araçagi, faltando apenas 124 habitantes para a mudança. Outras cidades, como Lucena, Mogeiro, Mulungu, Princesa, Umbuzeiro e Juru, estão a apenas 500 habitantes do aumento

Agravamento da crise leva o Congresso a segurar reformas

Após as manifestações de 7 de Setembro, a agenda econômica de Paulo Guedes deve ser escanteada de vez nas duas casas

**Adriana Fernandes e
Idiana Tomazelli**
Agência Estado

O agravamento da crise política e institucional, após as manifestações de teor antidemocrático no 7 de setembro, deve escantear de vez a agenda econômica do ministro Paulo Guedes da pauta do Congresso Nacional. Os parlamentares vão centrar esforços na aprovação do Orçamento de 2022, que precisa ser votado para não comprometer a execução de despesas no ano que vem, mas a tarefa não será fácil. Economistas do mercado estimam que a proposta enviada pela equipe econômica tem um "buraco" de cerca de R\$ 70 bilhões.

O valor a descoberto inclui a ampliação do Bolsa Família, ainda sem espaço certo no Orçamento, a fatura adicional provocada pela repercussão da inflação maior sobre benefícios pagos pelo governo e negociações políticas, como a renovação da política de desoneração da folha para empresas e maior volume de emendas parlamentares. A dúvida é quanto o Congresso vai abrir de espaço para novos gastos em ano eleitoral, o que provoca volatilidade adicional no mercado financeiro.

Segundo parlamentares, o governo dificilmente terá condições de conseguir aprovar na Câmara e no Senado prioridades da equipe econômica, como o projeto que muda o Imposto de Renda e as reformas administrativa e tributária.

Os ataques disparados pelo presidente Jair Bolsonaro, que defendeu inclusive o descumprimento de decisões do STF, empurraram partidos como MDB, Solidariedade, Cidadania, PSDB e PSD para uma postura mais refratária aos projetos do governo. Várias dessas legendas passaram a discutir o impeachment de Bolsonaro, e o PSDB anunciou que a partir de agora será oposição ao governo.



Foto: Agência Brasil

O Congresso vai centrar esforços para aprovar o Orçamento de 2022, que precisa ser votado para não comprometer a execução de despesas no ano que vem, mas outras propostas serão difíceis

+ Governo terá muitas dificuldades para aprovar projetos

Sem essas siglas, será bem mais difícil o governo formar maioria para aprovar os projetos, mais ainda Propostas de Emenda à Constituição, que precisam de quórum de 3/5 para aprovação em dois turnos de votação.

São PECs a reforma administrativa e a proposta para mudar o pagamento de precatórios. Mesmo sem parcelamento, uma PEC para resolver o "meteoro" de R\$ 89,1 bilhões em dívidas judiciais voltou como alternativa depois de Bolsonaro queimar a "ponte" para uma solução por meio do Judiciário.

O vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (PL-AM), afirma que o presidente da Casa, Arthur Lira (Progressistas-AL), "perde cartuchos" para aprovar as pautas de interesse do governo.

Prestígio de Lira
Diante de tantas trapalhadas e tanto descumprimento de compromissos por parte do governo, o presidente Lira, que até aqui tem usado todo o seu prestígio, vai perdendo os seus cartuchos para garantir sozinho as votações, que até hoje são total e exclusivamente

fruto da liderança dele", diz. Para ele, o ano legislativo morreu para o governo após os atos do último feriado.

Com o cenário pós-manifestações, Ramos avalia se apresenta ou não uma PEC para retirar as despesas com precatórios do teto de gastos, a regra que limita o crescimento das despesas à inflação. O texto está praticamente pronto e daria uma folga de R\$ 20 bilhões ao governo, o que viabilizaria o Auxílio Brasil com um benefício médio de R\$ 300 como quer Bolsonaro.

Um termômetro do apoio

ao governo poderá ser observado durante audiência na Câmara para debater a PEC dos precatórios, marcada para hoje, com a presença de integrantes do Ministério da Economia.

No Senado, onde o governo acumula derrotas, aliados do Palácio do Planalto fizeram um apelo ao presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), para que projetos da agenda econômica sejam pautados, como a reforma do Imposto de Renda e a privatização dos Correios. Não houve, porém, compromisso com avanços.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

O velho, a vaca e o vazio

"O segredo de uma velhice agradável consiste apenas na assinatura de um honroso pacto com a solidão".
(Gabriel Garcia Márquez)

O ser humano é a única criatura que leva fé em elementos, reais ou não, que não se encontram na natureza, como governo, papel-moeda e bandeira. O homo sapiens também pariu a solidão e o desterro. Alguns humanos pertencentes à espécie "Seu Lunga" são impacientes à medida que envelhecem e preferem se isolar, comportamento parecido com os rinocerontes, adeptos do estilo de vida insociável e pouco tolerantes com outros animais.

O idoso cansado só quer ficar na dele. Moro perto de um velhinho e sua vaca. Toda manhã, o ancião trazia sua vaquinha para pastar no meu quintal. Um homem simples, aparentemente sem amarguras, acabando seus dias na rotina de levar e buscar seu animal. Respondia ao meu cumprimento sem alterar a voz, regular e padronizado. De alguma forma, notei que o cidadão não confiava em mim, sujeito vindo de longe, estranho ao seu mundo. As pessoas que vivem no campo veem o dia, a noite, o sol, as estrelas, a chuva e os pintassilgos como propriedade sua, intransferível. Isso foi o que pensei em relação ao velho, porque um pedaço significativo do seu universo, de alguma

forma, estava sendo ocupado por um estrangeiro. Entrava no quintal sem nenhuma cerimônia, com cara de desafeto. Nada de papo com estranhos. A vaca pastava sua sabedoria junto com seu pastor e a mesma fobia social. Até o dia em que o dono do terreno botou o trator no mato, limpou e cercou o campo. A vaca, agora sem terra, e seu dono ficaram sem o pedaço mais significativo de suas vidinhas ordinárias. Foi como perder sua autonomia existencial. Duas espécies diferentes trilhando caminhos tão comuns.

O fato banal da ocupação da área fez com que o velho saísse do seu mundo particular e viesse compartilhar comigo seu descontentamento. Filho do campo, brigou com latifundiários, foi expulso da fazenda onde nasceu, perdeu o sítio, os bodes e a cacimba. Estabeleceu-se na "rua" com o que restou de seu: a vaca pé duro curreleira e a dignidade campesina. Vendo o senhor subindo a estradinha, puxando sua vaca, alguma coisa me doeu. A vida e o mundo vão continuar sem saber do sofrimento do velho agricultor, escondido naquela aba de serra. Fiquei mais sozinho, embiocado, que também estou nessas paragens há mais de um ano, sem saber se vou voltar à vidinha regular na cidade. O coronavírus me isolou e me enfiou nesse jogo delicado de reformular a vida. Só sei que agora conheço melancolicamente a angústia do homem só. Aqui, no conforto de uma boa casa, internet, comida, clima

bom, livros para ler e rádio para ouvir, começo a sentir falta do aconchego da companhia humana. O homem da vaca teve que vender seu animal, deixou de ser um bicho gregário também.

Por causa de um desvio perverso da natureza, a pandemia, fui parar em um cocuruto de serra, isolado do contato com os conhecidos. Neste ermo, entendo que fiquei velho e terei que forçosamente assinar "um honroso pacto com a solidão". No processo, vou captando e interpretando o insulamento alheio. Passando pela casinha do velho, sempre levo um papo. Compreendo um pouco a espantosa solidão em que subsiste aquele homem. Na sua ilha deserta, o idoso vivia em função da vaquinha preta. Agora, nem isso.

E eu? Sigo tomando minhas doses diárias de melancolia rotineira. Acordar cedo, exercício na bicicleta, depois espichar o tédio desses dias sem sentido, tomar cuidado nos níveis de colesterol, proibido frituras, glúten, ovos, farinha branca, leite, açúcar, óleo de soja. Vou fritando em tachos de óleo usado e reusado o que me resta de dias na face da terra, sem nem uma vaquinha que me empreste encorajamento e sentido. Estímulo é uma emoção em falta. Quanto mais desconsolo na praça, menos demanda de regozijo e entusiasmo. A vida não está sujeita às leis do mercado.

Foto: Fotos Públicas



Entre as violações da liberdade de expressão religiosa ou crença registradas pelo Disque 100, a maioria é dirigida à população negra; religiões de matrizes africanas são as mais atacadas

Intolerância religiosa no mercado de trabalho

Preconceito contra crenças ainda é realidade nos processos seletivos para empregos no país

Fernanda Bastos
Agência Estado

Ancestralidade, tradições e imaterialidade. Esses são três pontos em comum entre muitas religiões de praticantes brasileiros. Porém, ao buscarem sua vaga no mercado de trabalho, percebem que as diferenças entre os credos são “pré-requisitos” avaliados no processo seletivo.

“Nunca sofri intolerância religiosa no trabalho, porque eu nunca nem passei na entrevista”, diz Fabíola Oliveira, graduada em Letras e muçulmana. Ela, que atuou como professora de inglês e português antes de se conectar com o Islã, conta nunca ter passado para a próxima fase da seleção após adotar o uso do hijab, lenço tradicional para cobrir os cabelos. “Eu precisei trabalhar por conta própria, porque dentro das instituições eu não consigo emprego. Isso é uma realidade de muitas muçulmanas, o mercado de trabalho para quem usa o lenço é bem restrito.”

Hoje, a professora encontra nas redes sociais um espaço para falar abertamente, por meio da educação e do diálogo, sobre a perspectiva feminina da sua religião, mesmo sofrendo ataques constantes. “Todo muçulmano deve estudar e passar essa informação, não reter o conhecimento. Islã é justiça social, é ciência. Mas é algum ataque terrorista acontecer que o incidente reflète na comunidade muçulmana. Sou muito questionada, atacada e deslegitimada”, diz.

Não é só Fabíola. Segundo dados do Disque 100, programa do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH), de janeiro a agosto de 2021 foram registradas 301 denúncias e 347 violações da liberdade de

religião ou crença. Os estados com os maiores números são Rio de Janeiro, com 96 violações do direito à liberdade de religião, crença ou não crença, seguido por São Paulo, com 47 e Minas Gerais, com 39.

Matrizes africanas

A população negra foi a mais atacada, totalizando 142 violações durante o ano, o equivalente a 40,92%. Além disso, as religiões de matrizes africanas foram as que mais sofreram investidas: 44 violações são contra vítimas do candomblé e 37 são contra umbandistas.

Segundo o professor de

cultura e idioma yorubá da Universidade Federal Fluminense (UFF) Márcio de Jagun, é preciso observar que há um recrudescimento muito grande da violência contra a umbanda, o candomblé e outras religiões de matrizes africanas. “Há uma transversalidade dessa violência, que envolve a etnia e a religião. O contexto da intolerância no Brasil é étnico-religioso. Há o preconceito racial junto ao preconceito religioso”, destaca.

Foi o que sentiu a umbandista Luciane Costa na época que trabalhava como vendedora de roupas para idosos em Brasília. “As pes-

soas não entendem (a religião) e realizam uma espécie de preconceito velado. Achar que te xingar de macumbeira é brincadeira. Eu sempre soube respeitar as outras religiões, porém, nunca fomos respeitados”, diz.

“Durante um ano, às segundas e às sextas eu chegava de branco. Ela bufava e me olhava de cima para baixo. Além disso, quando tinham vendas grandes eu não podia fazer, por ser negra”, relembra.

Acusado de “ensinar mabumba”, o professor da rede pública de ensino do Distrito Federal Pedro Ivo Silva afirma que foi interpelado apenas por

trabalhar textos e imagens das religiosidades afro-brasileiras. “Pude perceber que, tanto da parte dos estudantes como da gestão pedagógica escolar, não houve o devido respeito. E ainda há muito preconceito e ignorância no imaginário social que as pessoas carregam consigo sobre religiões de matrizes africanas”, ressalta.

O professor, que entrou para o candomblé aos 18 anos e cresceu em uma família de praticantes de religiões afro-brasileiras, como o Tambor-de-Mina e a Jurema, acredita que a sua fé o incentivou a ter foco e motivação na vida profissional.

Práticas para promover ambiente respeitoso

“A questão religiosa influi no ambiente de trabalho quando não deveria. Admissão, desenvolvimento do trabalho, demissão. Em nenhum desses três momentos a confissão religiosa deveria influir”, ressalta o professor Márcio de Jagun. Segundo ele, as empresas podem promover um ambiente mais respeitoso segundo algumas práticas:

- Incluir a liberdade religiosa no manual de boas práticas da empresa;
- Observar, respeitar e promover opções para tabus alimentares dos religiosos dentro das lanchonetes;
- Respeitar e conciliar os dias sagrados das diversas matrizes religiosas para seus adeptos e praticantes;
- Transformar o ambiente de trabalho em um ambiente neutro, em respeito a todos.

Este último tópico foi seguido pela companhia aérea Gol, que transporta por ano mais de 35 milhões de passageiros. Segundo

Jean Nogueira, diretor executivo de Gente e Cultura da empresa, “é muito importante que no ambiente de trabalho as pessoas possam ser verdadeiramente quem são, o que dita o ‘tom’ é a cultura organizacional”.

Em 2015, a sede em Congonhas da Gol tinha uma capela católica com imagens religiosas de santos, terços e crucifixos, mas que não representavam as religiões dos 15 mil colaboradores da empresa. Após uma jornada de transformação da cultura da empresa, que durou cinco anos, houve a remodelação da capela em um centro de liberdade religiosa, sem restrições. De acordo com Jean, o espaço está na sede e também no centro de manutenção em Confins, Minas Gerais.

Já no Rio de Janeiro, a Escola Municipal Cândido Campos foi além. Concedeu o espaço do pátio para a realização do casamento da professora de Geografia Kunti Devi Dasi, da religião Hare Krishna. A educadora, que trabalhou

por 42 anos em escolas da cidade, inclusive religiosas, sempre se colocou como uma pessoa de fé mesmo com os comentários e olhares de desconfiança.

“A gente não usa todos os símbolos e pinturas, os homens não utilizam o penteado com rabo e não usamos nosso cordão sagrado, feito de plantas. Mas dentro de sala de aula eu sempre falei de diversidade religiosa, que é preciso respeito.”

Na última escola em que trabalhou e realizou seu casamento, a professora afirma que a diretora e os professores de diferentes religiões participaram do momento e apoiaram que o evento fosse realizado nas dependências da instituição.

Para Kunti, a liberdade religiosa parte da educação. “O interessante é buscar conhecer. Professores mais bem preparados para lidar com as diferenças vão formar crianças que sabem respeitar. Eu acredito na educação transformadora.”

O que prevê a legislação

A liberdade religiosa é um direito constitucional. Segundo a Carta Magna, no artigo 5º, “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

Já na Consolidação das Leis de Trabalho, a CLT, há alguns pontos sobre a religião. Nos artigos 70 e 385 o tema é o veto do trabalho em feriados religiosos. Já o artigo 510-B define que a comissão de representantes dos empregados terá como uma de suas atribuições “assegurar tratamento justo e imparcial aos empregados, impedindo qualquer forma de discriminação por motivo de sexo, idade, religião, opinião política ou atuação sindical”.

Além dos dispositivos constitucionais, a Lei 7.716/89, conhecida como Lei do Racismo, estabelece, em seu artigo 1º, que “serão punidos, na forma desta lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

Há ainda o Decreto nº 9.571, de 2018, que estabelece as Diretrizes Nacionais sobre Empresas e Direitos Humanos. Em seu art. 8º dispõe que “cabrá às empresas combater a discriminação nas relações de trabalho e promover a valorização e o respeito da diversidade em suas áreas e hierarquias, com ênfase em resguardar a igualdade de salários e de benefícios para cargos e funções com atribuições semelhantes, independentemente de critério de gênero, orientação sexual, étnico-racial, de origem, geracional, religiosa, de aparência física e de deficiência”.

No entanto, mesmo com todos os dispositivos e leis, Paulo Maltz, advogado e presidente do Conselho Estadual de Promoção da Liberdade Religiosa do Rio de Janeiro, afirma que a intolerância dentro do mercado acontece com frequência. “É bem mais do que a gente imagina, o difícil é a comprovação disso e o empregado estar disposto a perder o emprego para passar por isso.”

Segundo o advogado, não preocupa tanto as grandes empresas com áreas de Recursos Humanos ou canais de reclamação, mas sim as pequenas e médias, que têm o setor de RH subordinado ao dono. “Se alguém sofrer (intolerância religiosa), deve-se verificar se tem pessoas que podem servir como testemunha e gravar qualquer tipo de conversa discriminatória. Além disso, guardar documentos que foram feitos falando sobre esse tipo de discriminação”, recomenda Paulo.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



1 A amiga Lúcia Padilha, sempre acompanhada de familiares e das amigas, Dapaz Gonçalves, Odila Falcone, Tereza Suassuna, Zelma Corrêa, Roselma Virgulino e Sônia Vitoriano, dentre outras, festejou seu aniversário durante petit comité, no Restaurante Tio Armênio, no Manaíra Shopping.

2 Odilon de Lima Fernandes, Magdala Gambarra, José Lacerda Neto, Urânia Costa, Joaquim Gilberto Soares, Rogério Freire, Selma Benevides, Toinho Matos, Cleanto Gomes, Maria do Carmo Lopes, Isabel Fonseca e Lucimar Padilha são os aniversariantes da semana.



3 A poeta Cida Pedrosa (foto) e o educador Paulo Freire, que completa seu centenário neste ano, serão os grandes homenageados na Bienal Internacional do Livro de Pernambuco. O evento, promovido pela Fundação Joaquim Nabuco, vai acontecer de forma híbrida, entre os dias 1º e 12 de outubro, no Centro de Convenções de Pernambuco, em Olinda.



4 A cerimonialista Érika Gurgel e a empresária Valentina Sitônio firmaram parceria para realizarem a Mostra Donaíre, no próximo dia 23. O evento vai reunir, com todos os protocolos de segurança, profissionais na área eventos e decoração e deve ser o marco do retorno de um dos setores que mais sofreram com a pandemia.



5 Juliette Freire, sim ela novamente, já foi uma das famosas escolhidas pela Rede Globo para participar do show de fim de ano do rei Roberto Carlos. Claro que a Paraíba, o berço da vencedora do Big Brother 2021, vai se encher de glamour.

6 Gigi Rolim, uma pessoa muito querida, teve seu aniversário festejado durante almoço no Manaíra Shopping. Ao lado das amigas Luzenira Sobreira e Val Nascimento, a bela deu um show de simpatia.

7 A poetisa pessoense Stephanny Lee lançou, recentemente, o seu primeiro livro: "Caderno de Poesias". A obra poética, em formato de livro de bolso, tem selo da Ideia Editora e apresentação do escritor e poeta Everaldo Nóbrega e já se encontra à venda em livrarias e bancas de revistas.

8 Os advogados paulistanos Ana Alice Cardinali e Gustavo Muff Machado durante a realização da Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC Brasil 2021), em Brasília, tiveram a oportunidade de conhecer o deputado federal Luiz Philippe de Orléans e Bragança

9 Representantes do consulado-geral dos Estados Unidos, em Pernambuco, estiveram com o secretário da Segurança e da Defesa Social, Jean Nunes, na sexta-feira (3), objetivando alinhar ações voltadas para a capacitação de agentes de segurança pública e aquisição de equipamentos, previstas no Termo de Cooperação Técnica assinado pelo Governo da Paraíba e aquele país.

10 A musicista Antônia Finizola está radiante com a saúde e esperteza da bisneta Angelina Pinto, que festejou onze meses de pura simpatia.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
FONE: (83) 3204-0423
98708-8189



Número de queixas sobre ação das empresas de telemarketing tem crescido e os órgãos de defesa do consumidor salientam os mecanismos de proteção disponíveis à população

Clientes reclamam das ligações abusivas de call centers na PB

Insistência dos serviços de telemarketing tem incomodado os consumidores, que buscam cada vez mais o Procon

Carol Cassoli
Especial para A União

O constante número de ligações abusivas realizadas pelos serviços de *call center* têm incomodado a população paraibana. Segundo o Procon-PB, de cinco a 10 novos usuários são cadastrados, diariamente, na plataforma de amparo ao consumidor "Não Perturbe". Além disso, o número de queixas através do telefone do órgão tem crescido e as reclamações apontam para um problema antigo, mas com nova abordagem: a insistência das operadoras de telemarketing.

A população relata que há padrões na atuação dos chamados *call centers* ativos; aqueles que realizam ligações. O auxiliar de serviços gerais, Tibério Fran-

ca, falou com A União enquanto respondia a uma mensagem de telemarketing e comentou que, diariamente, recebe de oito a 10 ligações. Estas variam entre cobranças e ofertas de produtos ou pacotes de serviços: "Eu já não atendo mais. Recebo seis, às vezes sete ligações seguidas de números diferentes. Quanto mais eles me ligam, mais desrespeitado me sinto". Tibério explica que grande parte das ligações é feita para cobrá-lo e que, hoje, os telefonemas são enfáticos e até mesmo agressivos.

O vigilante Romildo Batista concorda com o auxiliar de serviços e também percebe que a abordagem dos operadores é diferente e, em algumas ocasiões, chega a passar dos limites. "Já bloqueei vários números, mas

eles continuam me ligando. Isso, sem contar que pedem para eu confirmar informações pessoais e eu tenho muito medo de ser golpe", o vigilante conta que dribla a insistência com bom humor e, nas raras vezes em que atende as ligações, diz que seu número pertence a uma funerária.

Para as amigas Fabiana Conceição e Thaísa Kelly, o maior problema é o horário das ligações. "É uma situação muito incômoda. Às vezes nem podemos atender, mas eles continuam ligando até mesmo em horários inoportunos", enfatiza Thaísa. Por causa das inúmeras ligações que parecem não acabar, o celular de Fabiana está fadado ao modo silencioso, pois, segundo a jovem, esta é a única maneira de ter sossego.

PLATAFORMA "NÃO PERTURBE"

■ Para auxiliar o consumidor nesta jornada de proteção contra as ações abusivas das operadoras de telemarketing, a Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor da Paraíba (Procon-PB) oferece o serviço de bloqueio das ligações realizadas por estas empresas. Segundo a superintendente do Procon-PB, Késsia Cavalcanti, o serviço "Não Perturbe" está disponível para amenizar a quantidade de chamadas inconvenientes realizadas por *call centers*.

"Se a chamada for de telemarketing, o consumidor (pessoa física ou jurídica) pode cadastrar até três números de telefone, por CPF, para bloquear esse tipo de ligação", explica Késsia, acrescentando que o bloqueio ocorre dentro de 30 dias. E, caso o usuário receba uma ligação após este prazo, a empresa está sujeita a ser multada em até R\$ 10 mil. Para isto, é importante que, ao receber uma nova ligação da empresa, o usuário já cadastrado na plataforma "Não Perturbe" ligue para o Procon-PB através do número 151 e registre o ocorrido. Outra opção válida é o cadastro no site "Não Me Perturbe", da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). O registro do usuário funciona da mesma maneira que o do serviço oferecido pelo Procon-PB e pode ser feito por meio do site www.naomeperturbe.com.br

+ Ligações incessantes são consideradas assédio e podem ser denunciadas

Para não sofrer represálias na empresa em que trabalha, um funcionário de *call center* preferiu adotar nome fictício em entrevista ao Jornal A União. O jovem, que será chamado de João Renato, explica que, nestes ambientes, as ligações são feitas a partir de uma base de contatos que levanta a probabilidade de uma pessoa estar disposta a aceitar o serviço oferecido pelo operador que está do outro lado da linha.

"Não sou eu que faço a ligação. Eu recebo o cliente depois que ele já atendeu a chamada e, para nós, é muito importante fechar negócio na primeira tentativa, porque as chances caem conforme tentamos novamente". João conta que, se uma venda não for fechada na primeira ligação, o cliente continuará recebendo o contato da empresa para que a negociação seja finalizada.

Nestes casos, é importante para a empresa se manter em contato com o potencial cliente, por isso, em muitos momentos os operadores de telemarketing completam a base de dados com informações dúbias. "Quando ligamos para um cliente que não está receptivo, colocamos informações que apontam que a ligação caiu e não que a pessoa estava brava e não quis conversar". Segundo João Renato, preencher os campos do sistema com informações verídicas seria prejudicial a si mesmo, porque haveria o registro de que ele não conseguiu

executar sua função dentro da empresa: a venda de serviços.

Considerando a pressão feita pela empresa para que as vendas de um novo produto, por exemplo, sejam um sucesso, João percebe que trabalha em um ambiente que não oferece condições adequadas para um resultado positivo. "É por isso que as pessoas recebem tantas ligações: a falha no sistema da empresa que não nos permite ter satisfação em trabalhar. Quando completamos a operação com informações inconsistentes, abrimos margens para que novas ligações sejam feitas aos clientes", desabafa.

Humilhação

Quando ainda morava em Pernambuco, o estudante Thiago Silva contraiu uma dívida familiar em seu cartão de crédito e, mesmo não se orgulhando da situação, Thiago ainda não pôde quitar as pendências com seu banco. Devido a isto, o *call center* que presta serviços ao banco para o qual Thiago deve, realiza inúmeras ligações para ele semanalmente. "Como eu trabalho de casa, estas ligações têm me incomodado

bastante, porque são muitas", relata.

Durante as infindáveis tentativas de contato do banco, uma situação se destacou para Thiago: ao longo da ligação, o operador de telemarketing adotou uma postura reprovável usando até mesmo o Auxílio Emergencial do Governo Federal como argumento para o acordo da dívida. "Ela me perguntou se eu não tinha vergonha de estar devendo há tanto tempo e que estava me oferecendo uma oportunidade e mesmo assim eu me recusava a pagar a dívida", relembra.

Thiago ainda conta que, na ocasião, se sentiu humilhado e, por causa disso, não descarta a possibilidade de o contato ter sido uma tentativa de golpe: "Depois deste incidente, passei a me atentar mais aos dados de quem está falando comigo".

Advogado orienta

Buscando orientar a população com respeito às possibilidades para a solução deste problema, o advogado da Comissão de Direitos do Consumidor da OAB-PB, Rafael Teixeira, destaca que há mais de uma alternativa quando o assunto é o assédio

praticado pelas operadoras de telemarketing. "Este tipo de ligação tem se tornado cada vez mais comum e atingido novas pessoas até mesmo devido à expansão do acesso aos smartphones", analisa.

Segundo Rafael, com a popularização dos serviços de telecomunicação, as empresas "perderam o freio" e, hoje, agem com uma parcela de insensatez ao entrarem em contato com seus clientes. Por isso, para o advogado, é importante que as pessoas estejam atentas aos seus direitos. "Existe uma lei que obriga as empresas a oferecerem um serviço de reclamações através de suas ouvidorias. Por lá, é possível registrar a insatisfação com ligações incessantes", explica.

O advogado orienta, também, que os usuários sempre anotem a data, o horário, o número que está ligando e o nome do atendente com quem falou. Segundo Rafael, nem sempre é possível pegar o nome da pessoa por trás da ligação, porque a automatização é muito grande e, hoje, existem várias empresas que utilizam robôs nesta primeira fase da comunicação.

"Uma dica é que, além de reunir as informações, o cidadão procure seu serviço de telefonia e solicite um extrato com as ligações (feitas e recebidas) daqueles números. Isso é mais que uma prova e é o suficiente para que você possa pleitear seus direitos", orienta Rafael Teixeira.

Cachaça: produção paraibana é rica em quantidade e qualidade

Símbolo nacional, a bebida é o primeiro destilado da América Latina e ganhou data para celebração no Estado

Rosa Aguiar
Especial para A União

No dia 13 de setembro de 1661 a cachaça passou a ser oficialmente liberada para a fabricação e venda no Brasil. Antes disso, a coroa portuguesa tentava barrar a produção de cachaça no país para que se adotasse a bagaceira, aguardente típica de Portugal. A famosa "Revolta da cachaça", no Rio de Janeiro, protagonizada pelos produtores, conseguiu a liberação. A criação do Dia Nacional da Cachaça foi uma iniciativa do Instituto Brasileiro da Cachaça (Ibrac), instituída em junho de 2009 e também uma lei de outubro de 2010.

A cachaça é o único destilado tipicamente brasileiro e sua história acompanha o Brasil desde o início. Sabe-se que existiam engenhos produtores de cachaça desde o século XVI. As pesquisas indicam que há registros históricos de um engenho de produção de açúcar na Ilha de Itamaracá, em 1516, e, como afirma o folclorista Câmara Cascudo, "onde mói um engenho,

destila o alambique". A cachaça também pode ter nascido em 1520, em Porto Seguro, na Bahia, ou em 1532, no Estado de São Paulo, no Engenho São Jorge dos Erasmos, onde há vestígios conservados e é aberto à visitação. A cachaça é o primeiro destilado da América Latina, surgido antes da tequila mexicana, do pisco peruano e do rum caribenho.

Segundo o artigo 53 do decreto nº 6.871/2009, cachaça é a denominação típica e exclusiva da aguardente de cana produzida no Brasil, com graduação alcoólica entre 38º e 48º em volume, obtida pela destilação do mosto fermentado do caldo de cana-de-açúcar. Portanto, não existe cachaça que não seja brasileira e não existe cachaça que seja feita de outras bases que não a cana-de-açúcar. A cachaça também se diferencia da aguardente. Segundo o livro "Os segredos da cachaça", de João Almeida e Leandro Dias, publicado pela Editora Alaúde, "aguardente tem o mesmo processo de produção, mas tem o grau alcoólico de 38% a 54% de volume. Desta forma pode-se dizer que

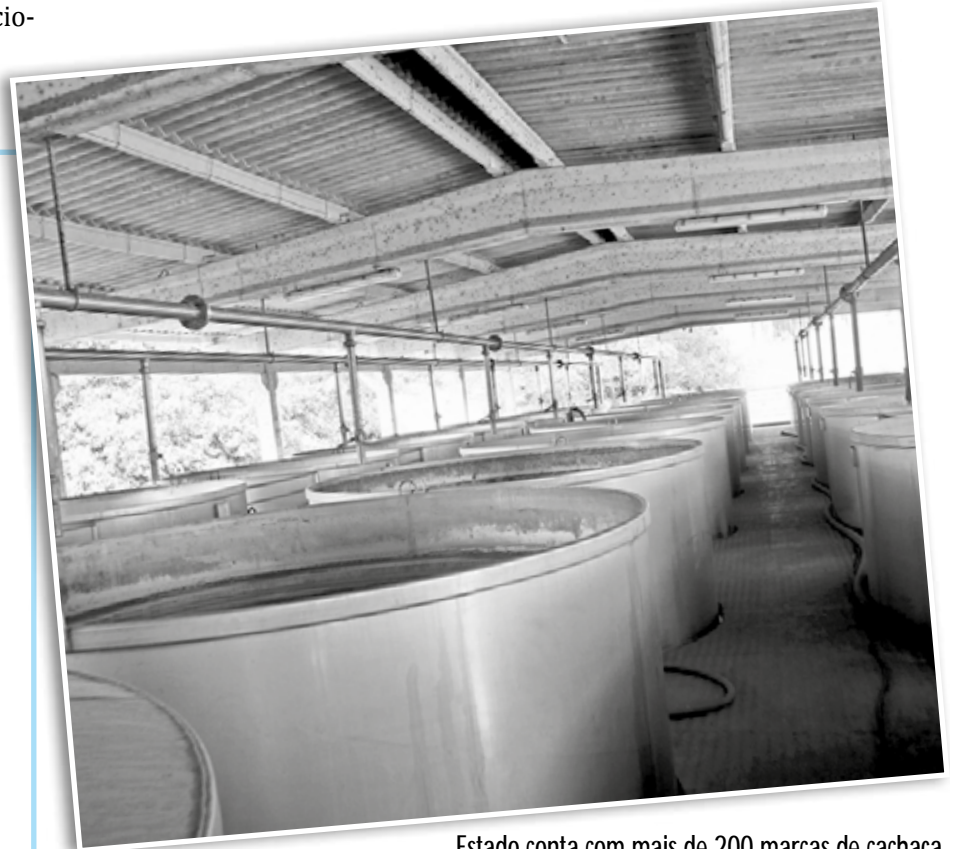
toda cachaça é uma aguardente, mas nem toda aguardente é uma cachaça". A aguardente pode ser produzida em qualquer lugar do mundo, mas a cachaça tem que ser brasileira.

A bebida típica do Brasil teve momentos de glória, participou de fatos marcantes da história, entrou em declínio e, atualmente, vive um dos períodos mais festejados, com um grande crescimento na produção e na qualidade. A Paraíba vem se destacando no cenário nacional pelos dois quesitos. Está aqui o maior produtor do país de cachaça de alambique, o Engenho São Paulo, em Cruz do Espírito Santo, com capacidade para seis milhões de litros anuais. Segundo o presidente da Associação dos Engenhos Produtores de Cachaça de Alambique da Paraíba, Múcio Fernandes, o Estado produz em torno de 20 milhões de litros por safra. "A cachaça é um símbolo nacional, e nunca teve a valorização que é de direito. É um produto genuinamente nacional e tem atributos para ser o novo destilado mundial".

Fotos: Teresa Duarte



Paraíba é responsável por produzir em torno de 20 milhões de litros de cachaça por safra



Estado conta com mais de 200 marcas de cachaça registradas no Mapa, todas com muita qualidade



Cachaça é a denominação típica e exclusiva da aguardente de cana produzida no Brasil

Estado tem cerca de 100 engenhos de cana

A cachaça tem uma versatilidade muito grande, podendo ser armazenada e envelhecida em diversas madeiras, sendo as brasileiras as que chamam mais atenção. A Paraíba tem aproximadamente cem engenhos produzindo cachaça de alambique, o que movimenta o setor econômico. Hoje a Paraíba conta com mais de duzentas marcas registradas no Mapa – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – todas elas carregando muita qualidade para o consumidor paraibano, brasileiro e do exterior.

Na Paraíba tem até a Capital da Cachaça, instituída pelo Governo do Estado. É a cidade de Areia, localizada no Brejo, grande região produtora. Segundo Tiago Henrique Baracho, presidente da Associação de Produtores de Areia, essa definição irá ajudar muito na divulgação tanto estadual quanto nacional. "A produção de cachaça em Areia está muito atrelada ao turismo, e essa definição traz mais visibilidade para o produto cachaça de qualidade e desenvolve também o comércio e o turismo, e mostra que o governo está apoiando".

O município de Areia está entre as quatro cidades em número de estabelecimentos produtores de cachaça. São 28 engenhos, segundo dados do IBGE, produzindo mais de quatro milhões de litros. "Na Paraíba a cachaça não é pejorativa. Aqui se consome cachaça como qualquer outra

bebida. Estamos vendo muita qualidade no setor, com muito investimento, qualificação da mão de obra, isso vem gerando muita qualidade, produtos que vêm fazendo frente a qualquer bebida importada e o preconceito está diminuindo fazendo com que todas as classes sociais não sintam vergonha de beber cachaça", diz Tiago.

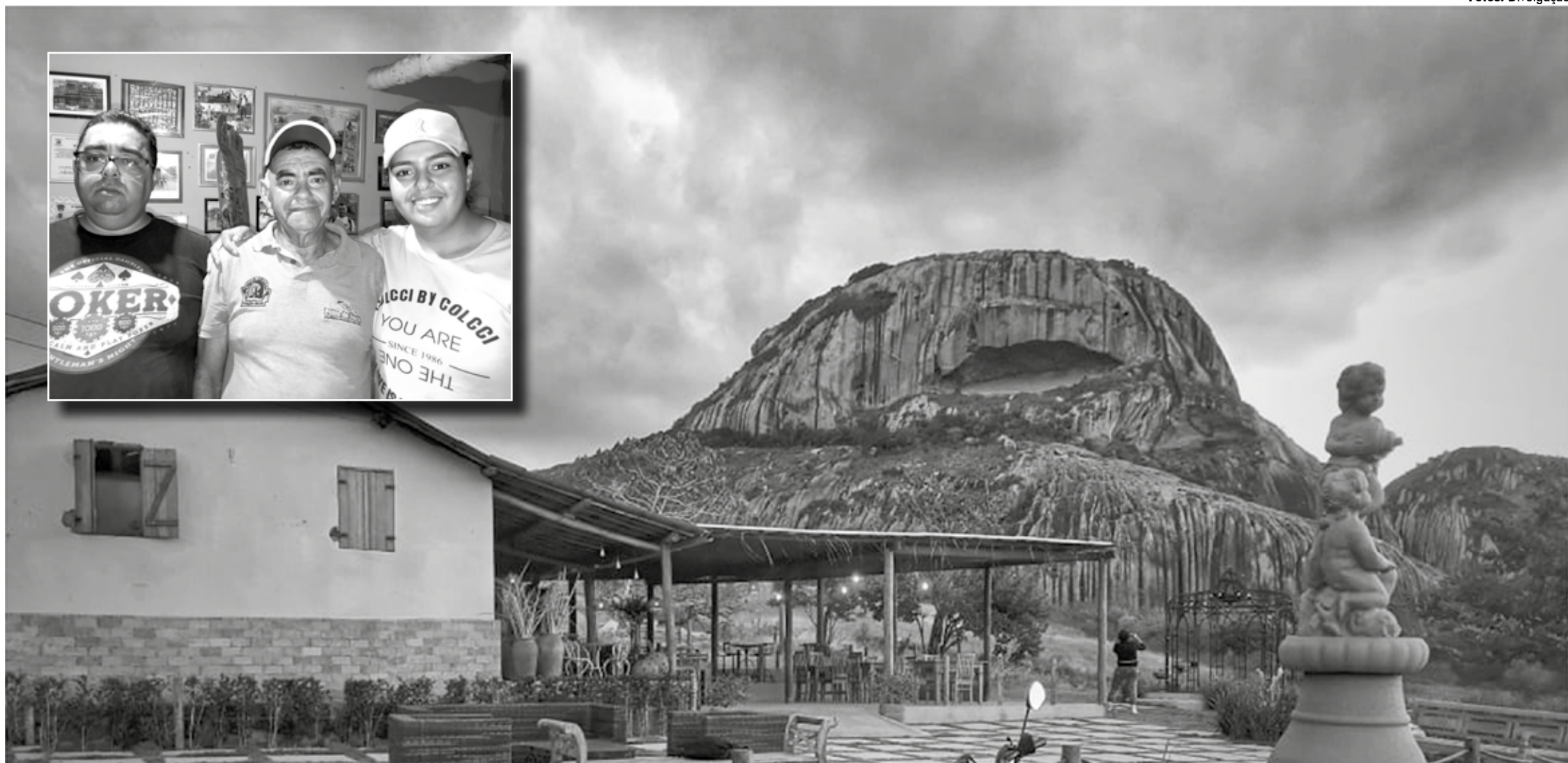
A cachaça é muito valorizada na Paraíba. Em 2010, foi instituída como pertencente ao patrimônio cultural e imaterial do Estado, e, recentemente, foi instituído o Dia Estadual da Cachaça Paraibana, fazendo parte do calendário oficial de eventos no Estado (Lei 12.042).

Outra iniciativa foi a criação da Academia da Cachaça da Paraíba, uma entidade idealizada não apenas para a degustação, mas sobretudo para congregar pessoas que se dediquem a produção, a pesquisa e divulgação da cachaça, produzindo eventos, seminários, conferências. Para Manoel Abrantes, um dos sócios e fundadores, o objetivo é "mostrar a cachaça como elemento da nossa cultura". Temos cachaça em todas as regiões da Paraíba, inclusive com premiações nacionais. A cachaça faz parte da manifestação do povo, na formação dos engenhos, e na vida cultural como um todo, através de obras literárias como A Bagaceira, de José Américo de Almeida, Fogo Morto e Menino de Engenho, que retratam a vida do povo.

CAIPIRINHA É O DRINK MAIS FAMOSO

■ Impossível falar da cachaça sem mencionar o drink brasileiro mais famoso no país e no exterior. A caipirinha também recebeu uma lei para a sua proteção, um decreto que define o que é a bebida, que deve ter graduação alcoólica entre 15 e 36% em volume, elaborada com cachaça, limão, açúcar, típica do Brasil. As pesquisas sobre a cachaça e seus derivados vêm aumentando no país e alguns mitos vêm caindo, como a ideia de que a cachaça surgiu acidentalmente porque pingava álcool nas costas dos escravos. Sobre a caipirinha alguns livros apontam sua origem em São Paulo, em 1918, mistura feita para combater o surto de gripe espanhola.

O jornalista e escritor Gonzaga Rodrigues escreveu na Carta das Cachaças da Paraíba, que devemos "tratar o destilado mais consumido no Brasil como o americano trata seu uísque; o europeu, o seu vinho; o russo, a sua vodka; seja qual for a motivação ou o nível social do brinde".



O Parque Estadual da Pedra da Boca, localizado no município de Araruna, foi criado em 2000 e possui 157,25 hectares; Seu Tico (no detalhe com os filhos Maciel e Camila) transformou sua casa em restaurante e hoje vive do turismo

Plano de manejo da Pedra da Boca terá licitação este mês

Grande aumento no número de visitantes leva órgãos do Governo do Estado a otimizar a gestão do Parque Estadual

Renato Félix
Assessoria da Sect

Bastou o toque de Midas de Juliette Freire. A ex-BBB e agora cantora esteve na Pedra da Boca pouco antes do confinamento do programa. Meses depois, já famosa, vídeos e fotos de sua visita ao local foram divulgados e a procura turística da atração que fica no município de Araruna (a 165km de João Pessoa e na divisa com o Rio Grande do Norte) cresceu

a olhos vistos. Mais gente circulando implica em mais trabalho e consequentemente mais dinheiro para quem é do local, mas também no risco de maior degradação ambiental. Por isso, a necessidade de um plano de manejo, cujo projeto de licitação deve sair até o fim do mês e combina esforços da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e da Secretaria Executiva de Ciência e Tecnologia (Sect), órgãos do Governo Estadual. “Essa procura

já vinha crescendo”, afirma Ricardo Câmara, que é sócio de uma agência de turismo local e também presidente do Fórum de Turismo do Curimataú-Seridó. “Com a pandemia, as pessoas começaram a procurar esses espaços de natureza, abertos. Mas Juliette deu um grande empurrão”.

Ele conta que isso é ótimo, mas também preocupante e expôs a necessidade de um ordenamento da atividade turística do Parque Estadual da Pedra

da Boca, criado em 2000 e que possui 157,25 hectares. “Demanda o plano de manejo, uma gestão mais firme no controle”.

Uma reunião foi realizada em Araruna na quarta-feira passada para dar novos andamento ao tema. “Criamos um grupo de trabalho para fazer um plano emergencial de turismo”, conta Maria Christina Vasconcelos, coordenadora de estudos ambientais da Sudema. “O plano de manejo é um dispositivo ambiental que vai fazer

um diagnóstico ambiental”. A partir disso, ela conta, será feito um zoneamento na área – cada zona com regras que atendem a suas peculiaridades.

Maria Christina explica que, a partir da licitação, será contratada uma empresa que vai cuidar da elaboração e da editoração do plano. Além de dados já existentes, ela vai também levantar novos dados primários. É preciso saber, por exemplo, quantas pessoas

cabem em cada trilha, cadastrar os guias e estimar com quantas pessoas cada um pode subir com controle e segurança.

O plano também vai incluir ações de educação ambiental. “Vamos construir uma sede, um centro de atendimento aos estudantes, pesquisadores e turistas”, conta ela. O projeto arquitetônico já está sendo feito. Esta sede vai incluir também um museu, auditório e laboratório.

Educação e pesquisa são pilares da região

A Secretaria de Ciência e Tecnologia sugeriu elementos para compor essa sede e relacioná-la ainda mais à vocação para educação e pesquisa que a região possui e que foi o ponto-pé inicial para o turismo na Pedra da Boca. Como o laboratório, o auditório e o museu. “Pensamos em um museu de rochas. E uma sala de exposição

com materiais, fotos, painéis sobre a vegetação e os animais”, diz Simone Porfírio, consultora ambiental da Sect.

Ela mesma, enquanto professora, levou muitos estudantes até o Parque Estadual. “É um lugar que sempre teve muita aula prática”, lembra. “Eu, como professora, todo semestre levava turmas lá”.

Não só de alunos, mas também de professores – às vezes de disciplinas insuspeitas, como Língua Portuguesa ou Química.

“Isso é maravilhoso para os alunos”, continua. “O aluno fica mais receptivo. Eu posso dar aula de qualquer coisa lá que os alunos vão estar mais atentos, vão estar mais abertos a receber a informação”.

Começo de tudo: duas barracas de acampamento

A educação começou tudo por ali em 1988, quando Seu Tico permitiu que dois professores e dois alunos do hoje Unipê montassem acampamento em sua propriedade, que ficava (e até hoje fica) ao pé da Pedra da Boca. Francisco Cardoso de Oliveira, 64 anos, nasceu, cresceu e vive até hoje no local que herdou do pai.

Quando os pesquisadores o conheceram, Seu Tico era um caçador, que se embrenhava nos matos desde criança para alimentar a família. Desde então abandonou a caça e se tornou um condutor local, transformou sua casa em um restaurante

e vive com a esposa, Maria Nazaré, e com os quatro filhos que, ou trabalham no restaurante, ou também são condutores locais, inclusive com cursos pelo Sebrae – caso de Maciel, 33 anos, e Camila, 20. “Camila começou com sete anos, entende da vegetação, das caminhadas, segurança e trabalha com a parte de rapel”, conta.

Ele lembra aquela primeira noite, em que os pesquisadores procuraram abrigo em uma propriedade rica, vizinha à sua, e receberam um não como resposta. “Eu estava lá e disse: ‘Moço, esse terreno ali é meu. Se quiser colocar as

barracas lá, pode botar””, recorda. As duas barracas foram montadas e na manhã seguinte, ele guiou os professores e alunos morro acima.

No retorno, veio a proposta para retornarem depois, com mais estudantes: 20 ou 30. “Eu disse que não tinha nada. Mas eles disseram: ‘Seu Tico, não tem estrutura melhor do que essa sua. O senhor foi muito hospitaleiro com a gente”, lembra. Nos primeiros anos, o cardápio que servia ao público era basicamente rubacão no almoço e macarronada à noite. “Hoje conseguimos atender 100, 200 pessoas”, afirma.

Especulação imobiliária e diárias de hotel a R\$ 850

Autoridades e moradores se preocupam com o aumento desordenado da visitação, que está gerando, segundo Ricardo Câmara, até mesmo especulação imobiliária. “Terrenos estão custando bem mais. E você encontra diárias de hotel custando R\$ 850 para duas pessoas”,

conta. “Mas se tem esse valor, é porque tem quem pague”.

Outro reflexo é a demora em filas. “Tem empresa que diz que demorava 40 minutos para chegar a algum lugar e hoje esse tempo é de 1h30”, conta, lembrando que longas filas sempre geram irrita-

ção em qualquer turista. “Por isso a questão do plano de manejo é tão importante. O plano vai dizer o número máximo de pessoas que cada atração pode receber por dia”.

Esse levantamento vai, para começar, precisar dados que ainda não estão contabilizados.



Maria Christina Vasconcelos é coordenadora de estudos ambientais da Sudema

Água potável é um bem cada vez mais raro

Exploração não sustentável da natureza contribui para o aquecimento global, um dos fatores da crise hídrica

Alexandra Tavares
lekaajp@hotmail.com

Uma das pautas do dia no Brasil é a crise hídrica: informações sobre açudes secando, racionamento de água e risco de apagão de energia elétrica são divulgadas constantemente pela imprensa nacional. Mas, qual a verdadeira origem dessa situação crítica que a população enfrenta? Partindo de uma avaliação mais conceitual, o professor da Universidade Federal da Campina Grande, José Irivaldo Alves Oliveira Silva, pós-doutor em Gestão de Águas pela Universidade de Alicante (Espanha), afirma que a “crise hídrica é marcada pela escassez de água, causada essencialmente pela falta de chuva, única fonte de água do planeta. É por meio dela que temos a acumulação superficial e subterrânea de água, dando origem aos corpos hídricos”.

Em muitos lugares onde não existem depósitos naturais de água, como aquíferos e rios, o homem constrói reservatórios de concreto como açudes e barragens para saciar as necessidades das comunidades. Mas tanto os meios naturais como artificiais de acumular água estão secando.

Para se entender o processo da crise hídrica é preciso ir além do entendimento de que há o racionamento dos ciclos chuvosos. Estudiosos da área ambiental afirmam que esse problema é estrutural, pois tem relação com o modelo econômico, político e social que vem se perpetuando nas últimas décadas. A distribuição desigual e a má gestão da água, assim como a exploração não sustentá-

vel da natureza, também são citadas como sendo responsáveis pela realidade atual.

À medida que se retiraram muito mais bens naturais do que se repõem, gera-se um desequilíbrio ambiental que resulta em fenômenos como as mudanças climáticas e outras reações do meio ambiente. “Temos um modelo extrativista, que é marca do capitalismo, que retira e não repõe. Esse modelo não pensa formas de fazer uma reparação sustentável”, afirmou o professor Cidival Morais, professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), doutor em Geociências.

Ele destacou que o último Relatório do Clima mostrou que atividades humanas como desmatamento, queima de combustíveis fósseis, mineração, agropecuária extensiva, consumo desvairado, descarte incorreto dos resíduos sólidos, entre outros fatores, são responsáveis pelo aquecimento global, que não está dissociado da crise hídrica, pelo contrário, é um de seus motivadores.

Cidival destacou que a crise hídrica, ou seja, toda essa conjuntura que engloba fatores naturais, sociais, econômicos e políticos, também é resultado da má distribuição da água, uma vez que esse recurso está concentrado nas mãos dos mais ricos e dos grandes produtores. Esse acesso desigual traz níveis diferenciados de impactos, uma vez que a escassez desse líquido vital à vida é bem maior no dia a dia da população pobre. “A água tem dono no Brasil e não é da maior parte da população que precisa dela, sobretudo

para o pequeno produtor”, ressaltou Cidival.

O geógrafo Rogério dos Santos Ferreira afirmou que a crise hídrica é uma situação que já vem se desenhando há décadas e que os ciclos de estiagem prolongada estão se ampliando e dando sinais de que é necessária uma mudança de atitude por parte dos líderes mundiais. Ele criticou a forma como os gestores públicos tratam essa problemática e afirma que “essa visão binária da engenharia como resolvidora dos problemas hídricos com transposição, abertura de poços e reservas hídricas de cimento e ferro já são insustentáveis e irrealistas”.

“Essa crise, em seu contexto geral ou sistêmico, já chegou à Paraíba. Em 2002, tivemos racionamento, só para usar uma memória recente. Em 2010 e 2017 também tivemos uma grande ‘falta d’água’”, lembrou Rogério, que tem doutorado em Geografia pela UFPB.

O geógrafo revelou que a crise hídrica é um processo histórico e que deverá ser algo irreversível, caso os gestores continuem insistindo em aplicar e “aprimorar as mesmas e falidas soluções, ao invés de investir em algo real e não binário”.

“Temos um modelo extrativista, que é marca do capitalismo, que retira e não repõe. Esse modelo não pensa formas de se fazer uma reparação sustentável”



Reservatórios naturais de água estão secando em várias partes do planeta, especialmente pela exploração não sustentável dos recursos

FONTES DE ENERGIA DEVEM SER ALTERNADAS

O professor da Universidade Federal da Campina Grande, José Irivaldo Alves Oliveira Silva, salientou que quase 60% do que se produz de energia elétrica no Brasil vem de fontes hidroenergéticas, ou seja, da força da água. Segundo ele, apesar de o país ser rico na existência de relevantes corpos hídricos, os gestores públicos têm de fazer um planejamento a curto, médio e longo prazo para se alternar essas fontes de energia.

“Com as sucessivas crises hídricas e o processo de mudanças climáticas, não podemos nos fiar, exclusivamente, na água. Essa é uma questão crucial, que tem de ser planejada a curto, médio e longo prazo. Durante muitas décadas pensamos que o Brasil era autossuficiente em água. Mas essa é uma realidade que tem mudado em todo o planeta”, afirmou.

Diferentemente de países da Europa, que utiliza sobretudo outras fontes energéticas, principalmente a da energia nuclear, José Irivaldo afirmou que o Brasil tem apenas entre 1% a 3% da energia nacional provenientes de eletrônicos.

+ Escassez e desperdício

A Agência Nacional de Águas (ANA) diagnosticou, em seu último Atlas Brasil – Abastecimento Urbano de Água, de 2013, que 55% dos municípios brasileiros (70% do consumo total de água no país) poderiam ter problemas de abastecimento de água até 2015. Esse percentual representa 71% da população urbana (125 milhões de pessoas).

Mas, quando há abundância, a preocupação com o desperdício parece se esvaír. Segundo o Ministério das Cidades, em média, 39% da água tratada no Brasil é desperdiçada antes mesmo de chegar à torneira dos consumidores.

■ Saiba mais

O novo relatório do Estado do Clima Global da Organização Meteorológica Mundial (OMM), divulgado em abril deste ano, mostrou que a temperatura média global em 2020 ficou cerca de 1,2 grau Celsius acima do nível pré-industrial. Este número está “perigosamente perto” do limite de 1,5 grau Celsius defendido por cientistas para evitar os piores impactos das mudanças climáticas.

Brasil precisa fazer “reforma agrária” da água

O professor da UEPB e doutor em Geociências, Cidival Morais, destacou que é necessário se repensar a adoção dos recursos naturais como fonte de energia elétrica, principalmente aquela proveniente das hidrelétricas. De acordo com ele, a implantação da chamada energia limpa, como a eólica e a solar, também não vai resolver o problema da crise hídrica, uma vez que esses são “paliativos construídos dentro do próprio sistema”.

“Para enfrentar o problema, é preciso ocorrer uma espécie de ‘reforma agrária’ da água. Enquanto esse recurso estiver concentrado, e existir a água do rico e a do pobre, não teremos solução para a crise hídrica”, reforçou.

O investimento em formas mais sustentáveis de utilização

dos recursos naturais também são imprescindíveis para evitar maiores impactos. O doutor em Geografia, Rogério dos Santos Ferreira, frisou que o ser humano precisa urgentemente reconhecer o real valor da natureza, para que ela possa continuar garantindo as necessidades básicas da sociedade. Ele declarou que a água, especificamente, é um desses serviços ecossistêmicos utilizados de forma direta e indireta pelo homem, como na produção de energia.

Força motriz

No Brasil, de uma forma geral, é a força desse fluido natural que, na maioria das vezes, move os motores das fábricas, acende as lâmpadas e faz funcionar os eletrodomésticos das moradias, viabiliza o atendimento nos hos-

pitais e ilumina as avenidas dos municípios. “Sem água, ou com baixo volume dos reservatórios não há força motriz suficiente para tal”, lamentou Rogério.

Desmatamento

Diante dessa realidade, ele alerta que é imprescindível se rever a matriz de geração de energia no país. Rogério Ferreira defende ações conjuntas, como a adoção de fontes mais perenes como o sol, o vento e o biogás, concomitantemente com práticas mais sustentáveis de exploração da natureza. “Temos de deixar de devastar irracionalmente as florestas produtoras de água e investir mais na proteção das Áreas de Preservação Permanente (APP), que, não por acaso, são protegidas legalmente”.



Foto: Belo Kias/Botafogo

Confiança fortalece a base e projeta retorno à 1ª divisão

“Bicho Papão” de Sapé ganha títulos com os jovens jogadores e se estrutura para retornar à elite do futebol paraibano

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Em 2017, ano que completou 20 anos de sua maior glória, o título do Campeonato Paraibano de Futebol de 1997, o Confiança de Sapé iniciou uma caminhada visando a retomada de suas atividades com foco na organização de suas categorias de base para, paulatinamente, voltar a sonhar com um retorno à elite do futebol paraibano. Depois de ficar inativo no começo dos anos 2000, foi há quatro anos que a equipe passou a se estruturar visando a retomada de seu departamento de futebol profissional, porém, para tal, a estratégia inicial foi focar nas categorias de base onde, o clube, nesse período de retomada, conquistou as três principais competições de formação do Estado. A última e mais relevante dessas conquistas, o título de Campeão Sub-19, obtido, no último dia 3 de setembro, diante da Perilima.

Ao longo desse período de quatro anos, o clube vem se organizando administrativamente. Nesse processo construiu um estádio próprio e traçou parcerias para o investimento e desenvolvimento de suas categorias de base que, desde então, já renderam frutos e títulos no Sub-15, Sub-17, além de um vice-campeonato no Sub-19, em 2019, e, agora, o título, com direito a revanche diante da Perilima, time que havia vencido a disputa na última ocasião - em 2020, o campeonato não ocorreu por conta da pandemia da covid-19.

Com os títulos obtidos nas categorias de base e que agora se somam na história do “Bicho Papão” com o Campeonato Paraibano de 1997, o clube se prepara para buscar o acesso à primeira divisão em 2022. Tendo disputado a segunda divisão do estadual, ainda em 2018, mas sem êxito naquela ocasião - tendo sido eliminado ainda na fase de grupos regionais - a equipe do Confiança, agora, com a bagagem de uma categoria de base já estabelecida e que deve ser aproveitada para o certame de acesso do futebol estadual, espera poder subir mais um degrau no seu processo de retomada para voltar a figurar entre os principais clubes da Paraíba, já na próxima temporada.

“O Confiança retorna, ainda em 2017, na gestão do saudoso presidente, Francisco de Assis que foi o responsável por resgatar e organizar todas as documentações do clube para que pudéssemos retornar com a agremiação, já nesse primeiro ano, iniciando as disputas através das categorias de base do clube. Em 2019, assumimos com uma junta administrativa e iniciamos as disputas no Sub-19 e também da segunda divisão, mas não houve o acesso. Desde então, temos disputado diversas competições dentro e fora da Paraíba e agora es-

Sub-19



Foto: Instagram/Confiança

Jogadores do Sub-19 que foram campeões paraibanos na semana passada. Vários deles vão integrar a equipe principal na segunda divisão

tamos focados na organização para a segunda divisão do profissional, assim como na Copa do Nordeste Sub-20, da qual conquistamos a vaga graças ao título de campeão no Sub-19, além da Copa São Paulo, onde o Confiança se fará mais uma vez presente, assim como foi em 2020”, lembrou Wilson Nascimento, presidente do Confiança.

Título estadual

Trabalhando com foco na disputa do estadual Sub-19, desde o ano de 2019, a equipe do Confiança passou a se organizar visando essa disputa e, para comandar esse trabalho, contou com uma dupla formada pelo diretor de futebol do clube, Eduardo Carvalho e o

técnico César Wellington que havia sido vice-campeão da disputa com o São Paulo Crystal, em 2017, tendo também, no ano seguinte e pela mesma equipe, disputado a Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2018. Chegando em Sapé, já próximo da disputa em que o Bicho-Papão foi vice-campeão, o clube passou a organizar sua equipe e, desde então, se tornou uma das referências no Estado na formação e descoberta de novos talentos.

“Cheguei no Confiança faltando 18 dias para iniciar o Campeonato Paraibano de 2019 e aproveitamos a base de jogadores que o clube já tinha, somado com um grupo de atletas que levamos para agregar na equipe. Já nesse primei-

Foto: Instagram/Confiança



Wilson Nascimento (D) ao lado do zagueiro Durval, que fez história no futebol brasileiro

ro momento tivemos muito êxito ficando com o vice-campeonato. Para esse ano, passamos a contar já com a estrutura do campo do clube e apesar das dificuldades, o Eduardo Carvalho nunca deixou faltar nada para o grupo. Diante disso, pudemos focar no nosso trabalho, montar bem o quebra-cabeça da equipe, trouxemos mais alguns reforços e o time deu liga para termos conseguido, enfim, esse título que nos credencia para disputar a Copa do Nordeste Sub-20 deste ano, além da Copa do Brasil Sub-20 e a Copa São Paulo de Futebol Júnior que serão no próximo ano”, comentou César Wellington.

Com um calendário cheio de disputas pela frente, o Confiança de Sapé agora, além da disputa da segunda divisão profissional da Paraíba, também volta as suas atenções para a Copa do Nordeste Sub-20, prevista para ocorrer entre os dias 29 deste mês e 4 de dezembro, onde o clube sapeense fará sua primeira aparição. Além do torneio regional, o “Papão” também já se organiza para planejar as disputas da Copa do Brasil Sub-20 e a Copa São Paulo de Futebol Júnior, competições em que o Confiança retornará a disputar em 2022.

“Nós temos um bom time que reúne todas as condições para fazer uma grande competição nessa Copa do Nordeste, assim como nas disputas do próximo ano. Agora, falando do Nordestão, chegar ao título é algo que é difícil projetar, pois sabemos que existem outras equipes com estruturas e investimentos muito maiores que os nossos, mas, mesmo assim, eu tenho certeza que temos um time que fará bonito nessa Copa do Nordeste. Temos um grupo de garotos que sabe o que quer e o que precisa ser feito pelo sonho deles, é um grupo de muita garra e determinação. Podemos não ter a mesma estrutura

que alguns dos nossos adversários lá dispõe, mas a vontade e dedicação dos nossos atletas é algo que merece todo o crédito, pois vestem e honram as cores do clube e da Paraíba”, afirmou César Wellington.

Toca do Papão

Assim como ocorreu no Campeonato Paraibano Sub-19, a expectativa da diretoria do Confiança é que a equipe possa receber as partidas em que será mandante, no seu campo, a Toca do Papão, na cidade de Sapé. O estádio que teve sua construção concluída em 2020 com todos os custos tendo sido arrecadados a partir de doações de torcedores e empresários da cidade, está com o processo de verificação por parte do Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Vigilância Sanitária, em andamento e a expectativa é que a equipe tenha a liberação das instalações em tempo para as disputas da Segunda Divisão do Campeonato Paraibano, cuja previsão de início é para o dia 30 de outubro. Jogando o certame de base na sua casa, a equipe sapeense garantiu 100% de aproveitamento em todos os jogos que disputou ao longo do Sub-19, incluindo a última partida da competição, onde venceu a Perilima por 1 a 0.

“O nosso estádio está com os projetos legais todos prontos, inclusive, o plano de combate a incêndio já foi enviado ao Corpo de Bombeiros que nos retornou com pequenos ajustes a serem feitos e que já estão sendo providenciados. Já estamos em diálogo com a Polícia Militar e a Vigilância Sanitária que já estiveram no local. Nossa expectativa é que em um prazo de no máximo 30 dias, já estejamos com essa documentação toda concluída e com as devidas liberações e trâmites burocráticos finalizados”, comentou Wilson Nascimento, presidente do clube.

Jogos da Primavera

Idealizador do evento esportivo mais concorrido nas décadas de 1960 e 1970 estaria fazendo 100 anos neste 15 de setembro

Paulo Sergio
Especial para A União

Com início ainda na década de 1960, mais precisamente em 1967, os Jogos da Primavera dominaram o cenário estudantil e esportivo na década seguinte. Nesse intervalo de tempo, atletas, diretores e donos de estabelecimento de ensino passavam a se preparar para os próximos jogos, mal terminava a edição do evento do ano em curso.

Na esteira desse evento, colégios surgiram, atingiram o auge e, estimulados pela competitividade, passaram a concorrer entre si, trazendo para seus quadros de discentes, atletas que se destacavam em colégios concorrentes.

Entre os grandes estavam: Lins de Vasconcelos, Pio X, Pio XII, Getúlio Vargas, Lyceu, IPEP, João XXIII, Lourdinias, ETFpb, Afonso Pereira...

A disputa tinha início nas ruas, onde acontecia o desfile das escolas, que trazia como precursora a escola que tinha conseguido eleger uma de suas atletas Rainha dos Jogos. Essa disputa para eleger a rainha dos jogos acontecia uma semana antes do desfile, havia assim uma competição saudável também pelo campeão do desfile.

Ideia inicial

José Geraldo Alves de Azevedo idealizou os jogos com a finalidade de beneficiar jovens atletas do Ensino Secundário, que não tinham idade para participar dos jogos colegiais, patrocinados pelo Governo do Estado, que tinha a coordenação da mestra Alzira Espínola. Havia naquela época um número

elevado de jovens com muito talento esportivo e que se encontravam sem poder exercer suas habilidades.

Para implantar os jogos, ZéGeraldo encontrou muitos obstáculos, que foram superados pelo trabalho e dedicação de uma equipe abnegada, que junto com a vontade de ver o esporte crescer, tornar viável o sonho de toda uma geração, trabalhava pelo prazer. Não tinham ganhos financeiros.

O desportista procurou a ajuda de companheiros e educadores importantes como Daura Rangel (Lyceu Paraibano), irmão Pedro Caminha (Pio X), Maria Bronzeado (IPEP), Creuza Nery (Lins de Vasconcelos), Luiz Mendes, Geraldo Pessoa, Edmundo Real, Potengy e Vera Maria Holanda de Lucena, Apolônia, Carlos e Vilma Guimarães, Rui, Quincas e demais funcionários do Astréa, onde os jogos sempre foram realizados.

"A ideia sofreu resistência por parte de alguns diretores, que alegavam falta de recursos financeiros para bancar o evento. Porém, o presidente do clube à época, José Américo Filho, acreditou e autorizou a realização dos jogos. Anos mais tarde foi homenageado com o seu nome gravado em uma taça de campeão geral dos jogos", contou Zé Geraldo em entrevista concedida ao Correio Sociedade, em 5 de maio de 1991.

Essa taça passou ao domínio definitivo do IPEP, que conquistou o título de campeão geral por três vezes consecutivas.

Nos primeiros anos, os jogos foram realizados em uma semana. Com a adesão de novos colégios, eles foram



ZéGeraldo, uma vida dedicada ao esporte amador da Paraíba



Homenagem: Edmundo Real, ZéGeraldo e Geraldo Pessoa

estendidos para 15 dias e, por fim, a 20 dias de competições.

Havia um estatuto dos jogos, criado por ZéGeraldo, que disciplinava e regulamentava tudo o que acontecia no âmbito da competição.

ZéGeraldo também comentou, na entrevista, que os jogos revolucionaram a vida de atletas, educadores e segmentos da socie-

dade, como o comércio de artigos esportivos, que tinham um aquecimento na venda de equipamentos e vestimentas esportivas. "Os jogos promoveram uma integração da comunidade educacional, divulgando o trabalho feito nos colégios, principalmente de educação física, o que ampliou o mercado de trabalho aos profissionais da área", enfatizou naquela ocasião.

Desfile

Segundo ele, o desfile de abertura dos jogos só encontrava paralelo no desfile cívico militar de 7 de Setembro. "Os colégios levavam para a rua, alunos, educadores e funcionários. Bandas marciais, até mesmo carros alegóricos. O desfile era também uma competição. Afinal, somava pontos para garantir o prêmio de campeão geral dos jogos".

Fotos: Acervo do família



Palanque onde ficava a comissão para julgar o desfile



Ginásio Eugênio Toscano, palco dos jogos, foi o maior do Estado



Cerimônia de entrega de troféus aos campeões dos jogos



Edson e Maria Bronzeado recebendo troféu de campeão geral

Itinerante

ZéGeraldo rodou o Brasil

Natural de Itapipoca, no Ceará, ZéGeraldo foi conhecido o Brasil aos poucos. Falava muito em cidades como Joinville e Blumenau, em Santa Catarina, tudo isso antes de, como ele mesmo dizia, "amarrar o burro" em João Pessoa. Conheceu Eunice de Carvalho, filha única de Lindolpho de Carvalho, com quem casou e constituiu família. Assim, fincou raízes e adotou a terra como natural. Ele e a mãe, dona Maria Desidéria, passaram a considerar João Pessoa como cidade natal.

ZéGeraldo, cabo do Exército durante a 2ª Grande Guerra, não pisou os campos da Itália porque era filho único e arrimo de família. Deu sua contribuição durante o conflito patrulhando as praias do Nordeste. Quando deu "baixa do Exército", trabalhou como apontador em armazéns de distribuição de insumos.

Não tinha formação acadêmica, mas tinha discernimento suficiente para administrar. E foi assim, formando-se na escola do dia a dia, que conseguiu entrar para o quadro funcional do Banco do Brasil. Junto com companheiros do banco passou a participar ativamente da luta sindical, antes e durante os anos de chumbo.

O escritor Luiz Hugo Guimarães e ZéGeraldo formaram a linha de frente do então Sindicato dos Bancários. Isso rendeu a ele restrições à ascensão funcional. Desiludido, quase inválido por uma malsucedida cirurgia de varizes, pleiteou e conseguiu uma aposentadoria precoce no Banco do Brasil.

Sempre atuante na área dos esportes foi diretor do Botafogo da Paraíba, sua única participação no esporte profissional. Daí, passou a atuar no esporte amador, dirigindo entidades ligadas ao amadorismo junto com sonhadores e incentivadores dos esportes como Geraldo Pessoa, Potengi Lucena, Totonho, Artur Moura, Edmundo Real.

Foi se consolidando como um colaborador fiel, principalmente do vôlei, tendo atuação como interventor na Federação Paraibana de Volley-Ball, atendendo à solicitação formal do então presidente da Confederação Brasileira de Volley-Ball (CBV), Roberto Moreira Calçada.

Destacou-se como diretor da FPDA, além de, já aposentado, trabalhar incansavelmente como diretor de esportes do Astréa e AABB.

Depoimentos

Um exemplo de dedicação ao esporte amador

Em depoimento, Vera Lucena relembrou a importância dos jogos para a juventude atleta, fã dos esportes, e a dedicação de uma equipe coesa, amiga e abnegada que, capitaneada por ZéGeraldo, movimentou o cenário esportivo da cidade.

Zé Bronquinha, como era tratado por eles, tinha um temperamento exaltado, exigente, que não hesitava em falar alto, chamar a atenção e cobrar o empenho de todos com a finalidade única de fazer o melhor para o esporte, para o Astréa e para a cidade. Ele conseguia, com aquele jeito pessoal, convencer e trabalhar com os diversos segmentos, sejam eles desportistas, atletas, funcionários, professores e imprensa.

Vera ressalta que sempre foi uma fã do esporte; aluna da FAFI, não deixava de estar presente aos eventos esportivos; e foi com essa dedicação que chamou a atenção de ZéGeraldo, que a convidou para ser apontadora das súmulas. Foi assim que Vera começou a contribuir com o esporte. "Zé foi paciente, um professor dedicado que me passou todo o conhecimento para o bom



Vera Maria Holanda de Lucena

desempenho nos relatórios que retratavam os confrontos de equipes no vôlei, basquete, futebol de salão e até do handebol, que começava a aparecer naquele tempo".

Testemunha presente em todas as edições dos jogos, fala com saudade dos desfiles nas ruas, da competição dos colégios, que se dedicavam e se empenhavam para levar para as ruas da cidade o que eles tinham de melhor. Era, enfim, uma festa disputada com em-

penho, respeito e dedicação.

Vera ressalta e chama a atenção para o fato de que "se não fosse o trabalho incansável de ZéGeraldo, as dificuldades teriam inviabilizado o sucesso dos jogos".

"Foram anos maravilhosos; os jogos movimentavam a cidade. A juventude tinha como prioridade participar, jogando ou assistindo às disputas. ZéGeraldo teve muita importância na nossa vida, minha e de Popó. A ausência da amizade ainda faz falta; ele foi meu padrinho de casamento", relata Vera.

Figura humana

Em um depoimento comovente, Aderaldo Pereira de Oliveira confessa que não foi atleta, apenas teve o privilégio de vivenciar e também participar dos momentos de glória do Clube Astréa. Ele relata que no complexo poliesportivo e no imenso ginásio, que foi o maior do Estado, eram realizados os Jogos da Primavera e também os Jogos Universitários. O clube era completo, com parque aquático, salão de festas e até restaurante. Nesse cenário, Aderaldo

conheceu e passou a admirar uma figura que ele define como peculiar. ZéGeraldo, segundo ele, foge à máxima que diz que ninguém é insubstituível. "Pessoa com tamanha dedicação a uma causa, com capacidade administrativa eficiente, tinha todos os recantos do clube nas mãos. Gerenciava tudo com a cabeça, sem a ajuda que existe hoje das planilhas eletrônicas, que agendam data e hora para tudo", lembra Aderaldo.

"Figura humana, ZéGeraldo unia todos com sua liderança, não admitia desistir de uma peleja, podia perder hoje, mas amanhã revertia o resultado. Era uma pessoa totalmente do bem", assim Aderaldo define ZéGeraldo.

Aderaldo participou como voluntário ao lado de Carlos Guimarães na organização dos jogos. Relembra que ZéGeraldo não usava birô, usava mesa, onde todos se sentavam em volta e se sentiam iguais. "Todos participavam, contribuía com o melhor de si mesmos, todos unidos a ZéGeraldo".

"O esporte amador da Paraíba, tem que reverenciar ZéGeraldo. Ele teve passagem por todos esses desportos. Quem

Foto: Arquivo pessoal



Aderaldo Pereira de Oliveira

conviveu com ele, sabe que o nome dele está gravado nas páginas do esporte no Estado. Assim, quero dizer que foi um prazer participar daqueles momentos inesquecíveis e que também foi uma honra trabalhar junto a ZéGeraldo, uma pessoa totalmente do bem".

Parabéns à família nesse centenário de ZéGeraldo. Não esqueçam nem deixem esquecer esse nome.

Aderaldo Pereira é Venerável na Loja Maçônica Padre Azevedo

/// Zé Geraldo, um vencedor na vida, estaria nesse 15 de setembro completando 100 anos de nascimento ///



Foto: Cesar Greco/Palmeiras

Jogadores do Palmeiras durante treinamento na última quinta-feira visando o jogo deste domingo contra o Flamengo, no Allianz Parque

Palmeiras x Flamengo é a grande atração da rodada

Líder Atlético Mineiro tem parada dura contra o Fortaleza, no Castelão, e Fluminense enfrenta o São Paulo

Da Redação

Pela 20ª rodada do Campeonato Brasileiro, Palmeiras e Flamengo se enfrentam neste domingo (12), no Allianz Parque, às 16h (horário de Brasília). O Verdão está em segundo lugar na tabela, quatro pontos atrás do líder Atlético-MG, enquanto o Flamengo está em quinto, com 31 pontos, e dois jogos a menos. É a quarta vez que as equipes estarão frente a frente no ano de 2021. A última vez que se defrontaram foi na rodada de abertura do Brasileirão, quando o rubro-negro venceu por 1 a 0, gol de Pedro, no Maracanã, no dia 29 de maio.

Antes, no dia 10 de abril, na decisão da Supercopa do Brasil, houve empate de 2 a 2 e vitória nos pênaltis em favor do Flamengo por 6 a 5 e no dia 20 de janeiro, pelo Brasileirão de 2020, nova vitória rubro-negra por 2 a 0. O

Flamengo não perdeu nos últimos sete jogos contra o Palmeiras no Brasileirão (quatro vitórias e três empates). O rubro-negro tem o melhor ataque do Brasileirão 2021 (32 gols), apesar de ter feito apenas 16 jogos, enquanto os outros times já fizeram 18 ou 19 jogos. E o Fla já fez três jogos em que marcou ao menos quatro gols: 5x0 contra o Bahia, 5x1 contra o São Paulo e 4x0 contra o Santos. É a sua maior sequência invicta contra esse adversário na era dos pontos corridos. Por outro lado, o Palmeiras é o time que mais conquistou pontos jogando em casa no Brasileirão 2021: foram 22 pontos em 10 jogos (sete vitórias, um empate e duas derrotas) e já marcou 29 gols.

Outros jogos

Além de Palmeiras x Flamengo, o domingo reserva emoções com outros importantes jogos, onde o líder do Brasileirão vai es-

tar em ação, mas jogando longe de seus domínios. O Atlético Mineiro vai jogar na Arena Castelão, no Ceará, diante do Fortaleza, a partir das 16 horas. O time cearense

32 gols

já marcou o ataque do Flamengo no Brasileirão 2021, em 16 jogos. O Palmeiras chegou a 29

ocupa a terceira posição e vem se destacando na disputa, embora na última rodada tenha perdido de 4 a 2 para o Bahia. O Atlético vem de um empate de 1 a 1 com o Bragantino ainda pela 18ª roda-

da. O futebol começa mais cedo na Arena do Grêmio, a partir das 11 horas, quando o time gaúcho recebe o Ceará. A equipe comandada por Felipão ocupa a zona de rebaixamento e necessita de uma vitória para buscar uma reação no retorno.

Já o Corinthians em franca recuperação na competição, vindo de um empate em casa de 1 a 1 com o Juventude na 19ª rodada, vai jogar em Goiás, no Antônio Accyoli, a partir das 18h15, diante do Atlético-GO. O técnico Sylvinho está mais confiante no grupo, principalmente depois das chegadas de Renato Augusto, Giuliano, Willian e Roger Guedes, este último fez o gol no jogo passado. A estreia de William é aguardada com muita expectativa entre os corinthianos. Ele treinou normalmente durante a semana e sua escalação só depende da comissão técnica.

Outro jogo que promete bas-

tante emoção será disputado a partir das 20h30, no Maracanã, quando o Fluminense recebe o São Paulo. As duas equipes não fazem uma boa campanha. O tricolor carioca vem de uma vitória sofrida diante da Chapecoense, última colocada na competição por 2 a 1, enquanto o tricolor paulista não conseguiu vencer o Juventude na 18ª rodada em empate de 1 a 1. A novidade pode ser o lateral-esquerdo Welington. O atleta treinou normalmente com o restante do elenco e está recuperado de uma lesão sofrida na coxa, que o deixou de fora da equipe por cinco partidas. O atacante Rigoni e zagueiro Arboleda também participaram dos treinos durante a semana e devem reforçar o São Paulo.

Amanhã, às 20 horas, na Ilha do Retiro, o Sport recebe o Internacional fechando a 20ª rodada do Brasileirão.

Copa a cada dois anos

Presidente da Uefa vai boicotar a ideia da Fifa

Agência Estado

O presidente da Uefa, o esloveno Aleksander Ceferin, afirmou na última quinta-feira, em entrevista ao jornal inglês The Times que está preparado para realizar um boicote à realização de uma Copa do Mundo a cada dois anos, em uma ideia imaginada recentemente pela Fifa.

"Podemos decidir simplesmente não disputar a competição. É uma proposta que pode matar o futebol. Penso que nunca irá acontecer, dado que vai contra os princípios básicos do futebol", afirmou Ceferin, acrescentando que a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol) está ao lado da Uefa nesta questão. "Até onde sei, os sul-americanos estão na mesma página que

nós. Então boa sorte com uma Copa do Mundo assim".

Para o dirigente máximo do organismo que rege o futebol europeu, o modelo de Copa do Mundo deve se manter inalterado, com a realização da competição de quatro em quatro anos, algo que "aumenta o valor da disputa".

"Espero que ganhem noção. Até agora, não houve qualquer abordagem apropriada. Ninguém falou conosco, ninguém se encontrou conosco, ninguém nos ligou, ninguém nos enviou uma carta, nada. Só sei o que leio nos jornais", disse Ceferin. "O valor da Copa do Mundo é justamente porque acontece a cada quatro anos, é preciso esperar por ela, como os Jogos Olímpicos. É um evento grandioso. Não vejo nossas federações apoiando isso"

A Fifa iniciou em maio passado as análises sobre a realização das Copas do Mundo, masculina e feminina, a cada dois anos. O estudo foi aprovado no Congresso anual da entidade: 166 associações nacionais votaram a favor e 22 votaram contra.

O francês Arsène Wenger, ex-treinador e atual diretor de desenvolvimento de futebol da Fifa, defendeu recentemente a ideia de realizar um Mundial a cada dois anos, a partir de 2028.

Um dos impactos inevitáveis de uma eventual mudança de periodicidade da Copa do Mundo será nas competições continentais de seleções. Os dois principais - Copa América e Eurocopa - são disputados a cada quatro anos, sempre nos anos pares nos intervalos do Mundial.



Foto: Divulgação/UEFA

O esloveno Aleksander Ceferin considera absurda a proposta da Fifa de mudar sistema da Copa

Belo tem decisão em Manaus

Botafogo reencontra Evaristo Piza em confronto que precisa vencer para garantir retorno ao G4 da Série C

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Botafogo entra em campo, hoje, contra a equipe do Manaus, às 16h, no Estádio Ismael Benigno, a "Colina", na capital manauara. O jogo será válido pela 16ª rodada da primeira fase do Campeonato Brasileiro da Série C, etapa da disputa que já está em sua reta final, tendo, apenas mais dois embates após o encontro deste domingo. Primeira equipe fora do G4 da competição, o time paraibano terá um páreo duro diante do líder do Grupo A que vive grande fase, desde a chegada do técnico Evaristo Piza que, no ano passado, conseguiu salvar a equipe botafoguense do rebaixamento.

A ligação de Evaristo Piza com o Botafogo, no entanto, vem de antes da campanha salvadora do ano passado, onde ele assumiu a equipe na zona de rebaixamento e conseguiu, na última rodada, impedir o que teria sido o primeiro rebaixamento da história do clube. Antes desse retorno no ano passado, Piza havia treinado o Belo em duas ocasiões onde a equipe paraibana, por pouco, não conquistou feitos importantes para a sua trajetória que, no

próximo dia 28, completará 90 anos, o acesso para a Série B, com o time sendo eliminado no mata-mata decisivo de 2018 e, no ano seguinte, o vice-campeonato da Copa do Nordeste.

Para 2021, inclusive, o treinador só não foi mantido no comando técnico botafoguense, pois não houve um acerto salarial entre o clube e o profissional que acabou acertando vínculo com o América de Natal para o começo da temporada. Agora no Manaus, ele acumula, em seis jogos disputados, 13 pontos somados, em uma campanha que elevou a equipe amazonense da sétima para a primeira colocação do Grupo A, com 24 pontos somados.

No caminho oposto, está o Botafogo que não vence há quatro jogos em uma sequência de partidas onde tem, nos minutos finais, cedido gols que lhe custaram ao menos cinco pontos, já que a equipe venceu o Volta Redonda, na 12ª rodada, até os 45 minutos do segundo tempo e acabou permitindo o empate, situação repetida, como o agravante do revés ter vindo aos 48 minutos da segunda etapa, no 1 a 1 com Tombense, na última partida disputada, além da surpreendente derrota para

o Floresta, em pleno Almeida, pela 13ª rodada, onde a equipe, após sair perdendo, chegou ao empate aos 33 minutos do tempo complementar e, em seguida, aos 38, acabou levando o segundo gol, após cobrança de penalidade cometida dois minutos antes.

Por conta desse momento negativo, o Botafogo, time que venceu o Manaus por 4 a 1, no primeiro embate entre essas equipes nessa Série C, agora, precisará buscar, novamente, uma vitória contra esse adversário, porém, em um momento bastante diferente do que o vivido pela equipe manauara quando houve o primeiro jogo entre essas equipes, na 7ª rodada do certame nacional de 2021.

Para Gerson Gusmão, técnico botafoguense, por conta dos pontos perdidos pela equipe, especialmente, no empate contra o Tombense, o jogo contra o Manaus será decisivo para que o Botafogo possa retornar para o G4 e, assim, seguir sonhando com o acesso para a Série B.

"Se tivéssemos conquistado os três pontos contra o Tombense, um empate contra o Manaus seria um bom resultado, no entanto, agora precisamos da vitória e vamos em busca dela", afirmou.

Foto: Beto Kiss/Botafogo



O goleiro Lucas vem sendo um dos destaques do Botafogo. Com defesas decisivas, ele ajudou a garantir pontos para a equipe nessa Série C

Campinense vai a Sergipe pelo mata-mata da Série D

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Campinense inicia, hoje, a sua jornada no mata-mata do Campeonato Brasileiro da Série D. A equipe paraibana, que disputa a quarta divisão nacional pelo oitavo ano seguido, busca agora, enfim, deixar para trás as temporadas de insucesso para poder conquistar um acesso para a Série C. No caminho para chegar a esse objetivo, a Raposa precisará derrotar ao menos três adversários nas três rodadas de jogos de ida e volta que antecedem as semifinais do torneio onde quatro equipes sobem de divisão. Nesse caminho, o primeiro embate começa a ser disputado esta tarde, às 16h, no Estádio Batistão, em Aracaju, contra o Sergipe. O jogo de volta será no próximo sábado no Amigão, às 15h.

Segundo colocado no Grupo 3 da primeira fase, o Campinense é o último time paraibano remanescente na Série D,

após as eliminações de Sousa e Treze, que compunham a mesma chave, mas foram eliminados ainda na primeira etapa da competição nacional. Enquanto isso, o Sergipe, adversário da Raposa nesse mata-mata de 16 avos - anterior às oitavas de final - avançou para essa fase da competição após se classificar como terceiro colocado no Grupo 4. O estado sergipano, ainda conta com a equipe do Itabaiana como representante classificado para o atual estágio da quarta divisão.

A equipe que avançar do embate entre Campinense e Sergipe, enfrentará o classificado da disputa entre Guarany de Sobral-CE e Galvez-AC. No entanto, antes de pensar no próximo adversário, o time paraibano e a equipe sergipana têm pela frente um confronto difícil com leve favoritismo para a Raposa que decide em casa e possui um retrospecto favorável nos seis jogos oficiais disputados por essas equipes onde o rubro-negro venceu três vezes, empatou uma e

perdeu duas. Pela Série D, as equipes se enfrentaram duas vezes, em 2016, com um empate e uma vitória para o time de Campina Grande.

"Agora é outra competição, é outro campeonato, muda o foco e a forma de disputar os jogos. Todo o trabalho que fizemos ao longo dessa semana já foi conduzido de outra maneira em relação ao que tínhamos feito na primeira fase da Série D. É preciso ficar mais ligado, está mais aceso e o próprio treino já mudou a essência e nós temos aqui um grupo que eu agradeço muito por trabalhar com eles, pois a entrega desses atletas é muito grande e nessa semana, estamos vendo isso com mais força ainda. Estamos muito conscientes da dificuldade que enfrentaremos diante do Sergipe, especialmente nesse primeiro jogo, mas temos trabalhado muito para que estejamos prontos para todas as situações", comentou Ranielle Ribeiro, técnico do Campinense.



Foto: Samir Oliveira/Campinense

Raposa mudou rotina de treinamentos, elevando a intensidade para ambientar o elenco ao clima de decisão

SETEMBRO AMARELO
MÊS DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

A INFORMAÇÃO EM DEFESA DA VIDA!

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO



Ilustração: Tônio

Edson Ramalho

"O Herói da Prosperidade"

Na década de 1950, general atuou para a aquisição do terreno do Hospital da Polícia Militar da Paraíba

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

"Fecit quod potui; faciam meliora potentur" ("Fiz quanto pude; melhor façam os que puderem"). A frase é do general Edson Ramalho, paraibano que ficou conhecido como o "General da Prosperidade" pela dedicação ao povo de sua terra. Nascido em Bananeiras no dia 8 de outubro de 1912, Edson Amâncio Ramalho foi um militar paraibano que viveu pouco - morreu aos 52 anos - mas sua existência foi intensa. Estadista, legalista, estrategista, visionário, patriota, líder, educador, administrador, empreendedor, é um dos personagens mais importantes da história da Paraíba.

Corajoso, organizado, disciplinado, leal, autodidata, tranquilo, camarada entusiasmado, honesto, humilde, conforme avaliou o coronel da reserva do Exército Wellington Corlet dos Santos, paraibano do município de Pilôezinhos, Edson Ramalho casou com Julita da Cunha Rego Ramalho (1912-1974), com quem teve três filhos: Edson Ramalho Júnior (1940-2009), Liliene Ramalho Henriques (1943-2000) e Luíza Cristina Ramalho (1945-2016). Edson Ramalho e a esposa doaram as alianças de casamento para a campanha 'Ouro para o Brasil', em 1964.

Foi um militar que chegou ao posto de general e que, dentre outras coisas, foi pracinha da Força Expedicionária Brasileira (FEB); herói da Batalha de Monte Castelo; integrante do 15º Regimento de Infantaria, comandante-geral da Polícia Militar da Paraíba; presidente da Companhia Distribuidora de Eletricidade do Brejo Paraibano (Codebro); secretário das Finanças da Paraíba; secretário da Fazenda do Ceará; e diretor superintendente do Banco do Estado da Paraíba S/A (Paraiban). Participou da Intentona Comunista, em 1935; e do Levante Integralista, em 1938. Fez parte da Escola Militar do Realengo de 1932 a 1934.

A história de Edson Ramalho, de acordo com o coronel Wellington, mostra que a vida dele desperta grande orgulho aos paraibanos e aos brasileiros. "Durante toda sua vida trabalhou incansavelmente e teve a coragem de ser honesto, de agir com legalidade, justiça e imparcialidade, em proveito da Nação e do Estado", declarou Corlet. "A prematura e lamentada morte, em 1965, causou tanta comoção como não se via na Paraíba desde 1930, quando ocorreu o assassinato de João Pessoa", acrescentou.

Seu nome atualmente é muito conhecido em Pernambuco, na Paraíba e no Ceará identificando edifícios, prédios históricos, ruas, avenidas, postos fiscais e outras obras de artes urbanas. Entre as homenagens a Edson Ramalho, sua foto está na galeria de comandantes da Polícia Militar da Paraíba e na galeria dos secretários da Fazenda do Ceará. Ainda no Ceará, o posto fiscal localizado na Rodovia BR-116, em Itaitinga, ganhou o nome do paraibano, assim como o edifício que é sede da Secretaria da Fazenda de Fortaleza (CE).

Na Paraíba, o Hospital da Polícia Militar General Edson Ramalho (HPMGER) também o homenageia. Em 2019, Corlet apresentou uma palestra na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) sobre a vida de Edson Ramalho, quando foi comemorado o aniversário de 50 anos do hospital.

Não abandonou Monte Castelo

Edson Ramalho embarcou para a Itália em 23 de novembro de 1944, no navio norte-americano de transporte de pessoal General Meigs. Participou da Batalha de Monte Castelo em 21 de fevereiro de 1945 e contribuiu com a causa aliada para destruir o nazismo que se alastrava pela Europa. Passou cinco meses e dez dias na campanha da Itália. Regressou para o Brasil em 23 de março de 1945.

Essa história o coronel da reserva Wellington Corlet dos Santos conta no livro 'General Edson Ramalho - Biografia'. Ele diz que, às vésperas do ataque a Monte Castelo, Edson Ramalho foi informado da morte de sua mãe. Ele foi liberado para voltar ao Brasil, mas ele não deixou o campo de batalha. "Obrigado ao meu general. Sou soldado, estou na guerra e consideraria um desaire perder a primeira oportunidade de fazê-la, qualquer que seja o motivo invocado. Minha dor é irremediável e minha decisão inabalável", teria dito.

Além de atuar em Monte Castelo, ele recebeu diversas condecorações. Entre elas o 'Diploma da Medalha de Campanha' e o da 'Medalha de Guerra'. Em 1952, recebeu o 'Diploma para o Quadro de Graduados Efetivos' e o título de 'Grau de Cavaleiro'. Recebeu ainda a 'Medalha de Pacificador' e de 'Ex-Combatente'. Em janeiro de 1956, foi promovido a general de brigada.



Relíquias do general Edson Ramalho, paraibano nascido em Bananeiras e que hoje dá nome ao Hospital da Polícia Militar, na capital

+ Partida no dia 12 de setembro de 1965

Edson Ramalho morreu no dia 12 de setembro de 1965, no Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro (RJ). A morte foi em consequência de um infarto que ele sofreu em pleno voo, 40 minutos após a decolagem de Recife (PE). Chegou com vida ao Rio de Janeiro, mas não resistiu, conforme notícia publicada no jornal Tribuna do Ceará, edição de 13 de setembro de 1965. O corpo foi trazido para a Paraíba em um avião da Força Aérea Brasileira. O velório foi na Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

À época, a Assembleia Legislativa publicou "voto de profundo pesar". A notícia da morte circulou na imprensa da Paraíba e do Ceará, sem contar os telegramas recebidos e as 1.162 assinaturas deixadas no 'Livro da Saudade'.

Ao sepultamento, compareceram representações da Presidência da República, Governo da Guanabara, do Ceará, diversas autoridades e guardas fúnebres do Exército (15º RI) e da Polícia Militar da Paraíba. Edson Ramalho foi enterrado no Cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa, e sobre seu túmulo há um busto em homenagem ao militar.

Na Paraíba, foi secretário das Finanças de 1961 a 1963. Entre as principais realizações no Estado estão o incentivo ao comércio, a criação dos distritos industriais de João Pessoa e Campina Grande, criação das Avenidas Epitácio Pessoa, Maximiano Figueiredo e João Machado, da Companhia de Industrialização do Estado da Paraíba (Cinep), da Carteira Agroindustrial do Banco do Estado da Paraíba, do Conselho Estadual de Desenvolvimento, atual Secretaria do Planejamento e Coordenação-Geral. Foi diretor técnico e presidente da Companhia de Eletricidade do Brejo paraibano (Codebro), em 1958.



Edson Ramalho ainda criança ao lado de sua mãe, Luíza Moreira Ramalho

Como comandante-geral da polícia paraibana, de 1956 a 1957, reivindicou aumento salarial, rede de comunicações com o interior, criação de modernos métodos de policiamento, entre outros, além de iniciar os contatos para a aquisição do terreno para o Hospital da Polícia Militar. Esteve à frente da Secretaria da Fazenda no Ceará de 1963 a 1964, onde foi eficiente ao descobrir desvios de recursos. De agosto de 1963 a agosto de 1964, instaurou 34 inquéritos, constatando 24 peculatos e dez crimes diversos, entre eles falsificação de documentos. Na época, foram recebidas 198 denúncias, onze servidores demitidos e 18 afastados.

Ainda no Ceará, viabilizou linhas de transmissão da Usina de Paulo Afonso até Fortaleza; o Banco do Estado do Ceará (BEC), a Superintendência de Desenvolvimento do Ceará (Sudec), Companhia de Desenvolvimento Econômico do Ceará (Codec), instalação de indústrias, ampliação portuária, melhoria da malha rodoviária, incentivo à agropecuária e contribuiu para

que o estado ingressasse na era industrial.

O veterano da Força Expedicionária Brasileira (FEB), capitão reformado Severino Gomes de Souza, de 97 anos, atuou com Edson Ramalho na Segunda Guerra Mundial. Na biografia do paraibano, Wellington Corlet traz um depoimento do ex-combatente com quem conversou durante o 'XXXI Encontro Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira'.

"O nome de guerra dele era Edson e ele comandou a nossa companhia por pouco tempo, uns três meses, tendo participado da Batalha de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945, ocasião em que o nosso batalhão finalmente conquistou aquela importante posição inimiga", relatou o veterano.

E completou: "Ele agia sempre com muita coragem e tranquilidade e, durante as batalhas, se garantia com a pistola Colt 45. Era amigo de todos e a nossa amizade permaneceu até muitos anos depois da guerra", relatou o ex-combatente a Wellington Corlet, em 2019.



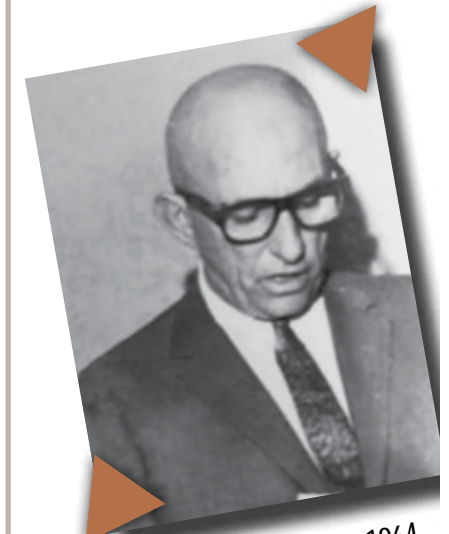
Edson ainda garoto, em família



O casamento do general



Com a esposa e os filhos



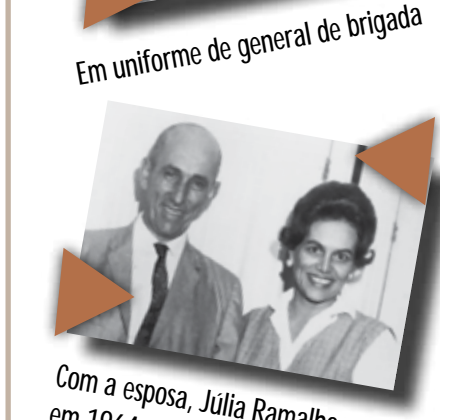
O general no Ceará, em 1964



Dois momentos de Edson Ramalho



Em uniforme de general de brigada



Com a esposa, Júlia Ramalho, em 1964

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tvê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Quando não imaginamos que vai piorar

Trabalho na minha mente que existem empresas que sobreviveram até este momento ao caos da pandemia e que elas tendem a melhorar, mas terão uma maior queda por conta dos altos valores de insumos que têm gerado um caos em todo o mercado de hotelaria.

Recentemente fui em uma pizzaria muito conhecida, onde a considerava uma das melhores pizzas da cidade e, para a minha decepção, encontrei uma casa com cara de abandono, pouca iluminação, poucos garçons – na verdade dois – e totalmente despreparados, e sem falar na queda da qualidade de sabor da massa e recheios da pizza.

E isso vem refletir o caos da situação que estamos vivendo neste desgoverno que está comandando o nosso país: dólar em alta, gás

de cozinha com valores a perder a cabeça. E com tudo isso as empresas pegam pessoas despreparadas, pois sai mais barato; e o desemprego sobe todos os dias, mais e mais.

Isso é apenas um exemplo que estou dando de muitos que vejo em grupos de WhatsApp entre amigos. Este é um momento de bastante dificuldade, mas se você não manter a qualidade, você será engolido, não mais pela pandemia, mas pelos clientes que frequentavam seu estabelecimento. Então, é hora de pensar em reinventar urgentemente, sem perder a qualidade.

Vejo também que muitas empresas que trabalharam na pandemia na época de venda por delivery abandonaram suas redes sociais. A rede social hoje tem que ser no mínimo 40% de seu faturamento mensal, isso para quem usa restaurante e delivery ao mesmo tempo.

Neste momento qualquer investimento para melhorar sua empresa que você fizer será pouco, pois estamos em uma época de clientes mais exigentes e que querem ter seu delivery em materiais melhores e mais seguros.

Vender não é fácil e vender comida aí que não é fácil mesmo. Faço uma pergunta para você que é empresário: você já fez o pedido de sua comida anonimamente para saber como ela está chegando?

Se sua resposta for não, você está correndo sério perigo de ser o próximo a não fechar a conta no final do mês, ficar à beira da falência.

Infelizmente, para vender comida, você não pode ser apenas um entendedor do assunto, você terá que saber de verdade, para não esperar que a coisa chegue a piorar.

Se piorar, saiba que irá fechar!

Foto: Walter Ulysses



PRATO DO DIA

Tilápia com aroma de cachaça

Ingredientes

- 1 pacote de filé de tilápia de 400g
- 1 vidro de cogumelos champignon (pequeno)
- 1 cebola roxa grande
- 1 vidro de alcaparras
- 50ml de cachaça de sua preferência
- Sal e pimenta do reino a gosto

Modo de preparo

- Em uma frigideira antiaderente, coloque um filete de azeite e acrescente os filés de peixe temperados com sal e pimenta do reino e reserve.
- Em outra frigideira coloque a cebola ralada com um pouco de manteiga e deixe dar uma leve fritada. Coloque as alcaparras picadas e o cogumelo, em seguida coloque 50ml de cachaça.
- Jogue o preparo desse molho sobre o peixe e sirva com o arroz cremoso de sua preferência.



QUENTINHAS

Essa semana fui buscar uma comida japonesa em um supermercado famoso aqui na cidade de João Pessoa para comer em casa, mas a qualidade deixou muito a desejar. A mudança de mãos na cozinha japonesa é muito importante, e qualidade também. #ficaadica.

Passei o final de semana e o feriado no paraíso que poucos paraibanos conhecem, que é Barra de Mamanguape. Local lindo de hospedagem, com valor muito justo e alimentações também. Podendo fazer passeios de barcos tanto por rio, quanto pelo mar, e quem sabe ver o peixe-boi.

PITADAS A GOSTO

A extração do palmito de certas palmeiras, como a juçara e a palmeira real australiana, implica a morte da palmeira, uma vez que seu meristema apical é eliminado. Por isso, mesmo com sua introdução ao cultivo, a extração de palmito na natureza tem colocado em risco as espécies das quais é obtido, sobretudo a espécie palmito juçara, a espécie mais procurada. O palmito de pupunha tem sido usado como alternativa para diminuir a ameaça de extinção do DaiutoPalmito.

